
Beijos
Inesperados Series,
Livro 2
TAMARA
Gill
Um Beijo Sob
O VISCO

UM BEIJO SOB O VISCO

BEIJOS INESPERADOS, LIVRO 2



TAMARA GILL

Translated by
EVELYN TORRE

TAMARA GILL

CONTENTS

Dedicatória

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Epilogue

Querido(a) Leitor(a)
Também por Tamara Gill
Sobre a Autora

COPYRIGHT

Um Beijo Sob o Visco
Beijos Inesperados, Livro 2
Copyright © 2022 por Tamara Gill
Arte de capa por Wicked Smart Designs
Editor Author Designs
Todos os Direitos Reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são o produto da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia e não devem ser interpretados como reais. Quaisquer semelhanças com pessoas, vivas ou mortas, eventos reais, locais ou organizações é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Sem limitar os direitos autorais reservados acima, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou introduzida em um sistema de recuperação, ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro), sem a permissão prévia por escrito do proprietário dos direitos autorais e do editor deste livro.

DEDICATÓRIA

Para todos que amam beijar sob o visco.

SINOPSE

Lady Mary Dalton preenche seu tempo com tudo o que quiser, e ela gosta de fazer o que quer. Sem interesse algum em encontrar um marido, Lady Mary está mais do que contente em permanecer em Derbyshire pelo resto de seus dias. No entanto, os pais de Mary têm outras ideias.

Para as festividades de Natal na Mansão Bran, o irmão de Mary traz para casa o Duque de Carlton, um homem infame conhecido por suas muitas impropriedades, bem como por seu desgosto por matrimônios. Apesar de seus modos libertinos, Mary se sente atraída por ele, da maneira mais irritante e exasperante.

Mas quando Mary tropeça nos braços do Duque de Carlton numa noite de neve, uma atração inegável se inicia. De repente, casamento já não parece uma ideia tão horrível, para nenhum dos dois.

CAPÍTULO 1



LADY MARY DALTON, a filha mais velha do conde de Lancaster balançou a vara de pescar após sentir um célere puxão na linha. Devagar demais para fisgar o peixe, ela deixou a linha na água, esperando sentir outro pequeno movimento e, talvez, conseguir uma carpa ou sargo de bom tamanho para a cozinha preparar para o jantar do dia seguinte.

A neve caía sem perdão enquanto ela se sentava, enrolada em peles e lãs, às margens do lago congelado da propriedade da família em Derbyshire. A caixa de gelo que o pai dela havia pedido aos funcionários que levassem até o lago a cada ano era um bom refúgio das reclamações da mãe. Mama não considerava adequado que damas pescassem, em especial no meio do inverno. Mulheres deveriam ser esposas. Mulheres devem ter maridos. Mulheres deveriam ter filhos. A filha dela já deveria estar casada a esta altura…

Blá, blá, blá. Ela já ouvira tais palavras tantas vezes que perdera a conta.

Poderia se dizer que era o jeito da mãe. Infelizmente. o que a mãe desejava era o oposto do que Mary queria. Jamais fora como as amigas, jamais gostou de fazer compras em Londres nas semanas que antecedem a primeira Temporada de cada uma. Pouco se importava com o que os homens da *Sociedade* pensavam dela como um ornamento de braço de valor, rentável e bonito.

As paisagens ao ar livre sempre foram a paixão dela e, em alguns dias, ela desejou ter nascido homem, ou mesmo em uma família que não fosse intitulada, nem rica. Apenas uma família

comum, trabalhadora que pudesse agir como quisesse. Ao menos era assim que ela pensava que seria, tendo em vista que a sua vida sempre fora tão bem orquestrada.

Mary balançou de leve a linha de pesca e suspirou. Pelo menos agora ela estava em casa, graças ao resfriado que abateu a mãe, que os impossibilitou de irem à cidade onde alguém da *Sociedade* poderia ver o nariz vermelho da matriarca.

Com alguma sorte, a mãe decidiria por permanecer em Derbyshire em vez de voltar para a cidade e terminar a pequena Temporada antes do Natal. Graças, a primavera e o verão logo estariam de volta, e ela estava ansiosa por esses meses. Quando a neve derretesse, e os rios corressem, e poderia sair, não para pescar no gelo, mas para caminhar pelas colinas e florestas próximas e escalar os pequenos montes floridos que se espalhavam pelo magnífico condado em que vivia.

A porta da casa de gelo se abriu, e o pai dela entrou. Ele estava envolto em um casaco de peles, um capuz cobria sua cabeça e grande parte da testa. Um cachecol grosso de lã cobria a boca e o nariz, e ele parecia ser um esquimó. Mary riu quando ele entrou e bateu a porta, antes de se sentar no pequeno banco de madeira à frente dela. Ele pegou uma vara de pescar sobressalente e colocou a isca no pequeno gancho, antes de lançar a linha na água e balançar como ela fizera.

— Mary, há algo que precisamos discutir, minha querida. — ele disse.

O tom desanimado dele não apoiava muito a decisão de eles ficarem no interior, e ela se preparou para as notícias desapontadoras e inevitáveis que viriam.

— Minha mais querida menina, prestes a fazer vinte e três anos em alguns dias, chegou a hora de providenciar para que se case e

se acomode, antes do fim da próxima Temporada. Acreditamos que nosso Baile Anual de Natal seria a oportunidade perfeita para convidar nossos vizinhos e os convidados deles para celebrar o Yule. Também serviria como uma reintrodução sua à Sociedade, para mostrar àqueles presentes que você está, com toda a certeza, em busca de um marido neste ano que se aproxima, que está aberta a ser cortejada.

A ideia a fez sentir repulsa por todo o corpo, e ela encarou o pai por um instante, se perguntando se ele havia perdido o juízo. Uma coisa era retornar à Londres, mas usar o baile de Natal deles como desculpa para exibir os atributos dela era mortificante.

— Precisamos mesmo voltar à Londres? Sabe que não me dou bem com a cidade. Não sou como as outras garotas. Bailes grandiosos e festas não me apetecem. Fico muito mais confortável aqui em minha caixa de gelo, nadando em nosso lago, ou passeando em um belo parque com Louise. Ficarei miserável se me forçar a aguentar outra Temporada. Até você diz que não suporta Londres e a *Sociedade* traidora que vive por lá.

O pai dela meio que riu, balançando a linha.

— Está certa, eu os abomino, mas você precisa de um marido. Precisa de um futuro seguro e um casamento feliz. Assim como o que eu e sua mãe temos.

Isso era verdade. Os pais dela tinham um relacionamento muito feliz e amoroso, no entanto, não significava que este era o caminho que alguém gostaria de tomar para si. Qual o problema em ser uma moça não casada que perambula por aí com uma dama de companhia velha e solteira? Nada, segundo as estimativas de Mary. Casar-se significava que ela teria que se adequar às regras da Sociedade, ser uma lady todo o tempo, dar bailes e chás da tarde. Viver na Cidade em grande parte do ano e se submeter aos

caprichos de um marido. Tal vida não seria tão ruim se ela encontrasse um marido a quem amasse e que a amasse também. Um cavalheiro que gostasse da vida no interior mais que a proporcionada por Londres. Que permitisse que ela tivesse a liberdade a que estava habituada. Contudo, após tantas Temporadas fracassadas, *esse* futuro era improvável.

Ela sentiu o coração se apertar no peito.

— Não desejo retornar. Por favor, não me obrigue, Papa.

— Devemos, mas com o Natal batendo à nossa porta, teremos mais tempo para passar aqui na Mansão Bran, tempo o bastante para você aproveitar os últimos meses de solteira.

O pai a observava como se essas notícias conseguissem consertar tudo. Não conseguiam.

Ele pigarreou.

— Nós queremos vê-la casada e feliz. Não há nada que eu gostaria mais do que dar boas-vindas à nossa família a um cavalheiro de título, digno da filha de um conde. Nunca se sabe, você pode encontrar um homem que tenha os mesmos passatempos que você. Que admire e aprecie sua exuberância pela vida e passeios pelo interior.

Ou talvez ela não encontrasse ninguém assim, cometesse um terrível erro que a aprisionaria pelo resto da vida.

— E se eu não encontrar ninguém com tais qualidades, Papa? Na última Temporada, com certeza, não encontrei. Todos os cavalheiros eram dândis egocêntricos que checavam a aparência a cada espelho disponível com mais frequência do que olhavam na direção das moças presentes.

O pai riu e puxou a linha com força, pescando uma truta de tamanho considerável.

Mary perdeu as esperanças ao ver o pescado. Ela estava sentada ali há horas e não pegou nada, e ali estava o pai, nem mesmo cinco minutos e pegou o maior peixe que ela avistara em todo o inverno.

Ela balançou a cabeça para ele.

— Não está mais convidado para minha cabana de pesca. Trapaceou. — ela disse com graça, sorrindo para o pai.

Ele abriu um sorriso, olhando para o peixe.

— Pedirei para a cozinha o preparar para o jantar de amanhã. Será um banquete.

— Sabe, Papa, sou uma herdeira com independência financeira, não importa quem eu case, graças a você, Mama, e à vovó Lancaster. Afinal, por que preciso me casar? Não é como se a família precisasse de fundos, e eu jamais serei considerada uma donzela velha e pobre, indigna da companhia da Sociedade. Seu título e riqueza proíbem tal ostracismo. Sendo assim, é mesmo necessário que viajemos? Talvez haja um jovem em Derbyshire, à procura de uma esposa, e que seria perfeito para mim. O amor da minha vida pode estar bem debaixo do meu nariz, e eu posso perdê-lo ao ir para Londres, atrás do homem errado.

O pai dela parou a meio caminho da cesta onde depositaria o peixe e disse:

— Devo me lembrar de escrever uma carta de recomendação melhor ao seu tutor por você saber negociar e barganhar melhor do que aqueles na Câmara dos Lordes. — o pai abriu um sorriso consolador. — Entretanto, infelizmente, não vivemos em uma época em que jovens mulheres de posses e de boa família podem viver independentes, sem um marido. Não permitirei que a ponham de lado e a ignorem, nem que tenha uma vida incompleta sem um

marido e filhos próprios. Você seria um trunfo para a família de qualquer um que se case com você, e a quero feliz.

Raiva a dominou ante a tal ideia limitada de que ela não poderia ser feliz sem um marido. Ela não precisava de um para ser feliz, e quanto antes o pai e os homens cobiçando a fortuna dela percebessem isso, melhor.

Mary puxou a linha de pesca com força, recostando a vara da parede.

— Não vejo razão para eu me casar com ninguém. Estamos em 1800! Um novo século, por favor, me diga que os cavalheiros da Sociedade saíram da Idade Média e percebem que as mulheres valem mais do que o que podem trazer para um casamento, ou o quão enorme é o dote delas, ou a largura dos quadris para um bom parto!

O pai ergueu a sobrancelha, em claro choque.

— Quieta agora! Não ouvirei mais protestos seus. Nunca a forçaria a um casamento que não quisesse de coração. Queremos que seja feliz, que encontre um cavalheiro que permita que tenha liberdade a que está acostumada. Contudo*, você se casará sim*, minha filha. Continuará a frequentar Temporadas até que o faça.

Mary não conseguia acreditar no pai. Era como se ouvisse apenas metade do que ela dizia.

— Não encontrarei ninguém. Sei que não. — ela cruzou os braços, odiando a ideia de retornar à Londres. — Sabe melhor que ninguém que sou terrível com as pessoas. Fico nervosa em festas e bailes a ponto de dizer algo impróprio, ou fora de lugar. Gaguejo quando me fazem perguntas diretas e ganho um tom nada lisonjeiro de vermelho enquanto tudo isso acontece. Por favor, não faça isso comigo, Papa. *Por favor*. — ela implorou.

O pai ficou de pé, dando a entender que pescara o bastante por aquele dia.

— Você vai, e pelo bem da sua mãe, aproveitará a Temporada, ou ao menos fingirá que sim em público. Não tema, minha querida. — o tom tornando-se bajulador. — Estaremos lá com você. Segurando sua mão, impedindo-a de falhar.

Ela piscou para afastar as lágrimas que ameaçavam cair. A primeira Temporada dela foi miserável. A mãe, mesmo com uma fortuna à disposição, não procurou uma modista para adquirir um guarda-roupa atual, então, ela compareceu vestida com babados e fitas que a faziam parecer uma decoração em vez de uma debutante. Os vestidos contrastavam com a pele de oliva e cabelos escuros, e não muito melhorara em relação ao seu guarda-roupa desde aquele tempo.

Apesar de seu pai ser intitulado, com múltiplas propriedades em toda a Inglaterra e o dote dela sendo mais do que qualquer um poderia gastar em duas vidas, ninguém fizera amizade com ela, nem a trouxe para seu convívio, além da querida companheira Louise, é claro. Mary suspirou, sabendo que a culpa não era apenas dos outros, ela ser ostracizada na Cidade. Ela se esforçara para se distanciar de meninas da mesma idade, e agiu com frieza e distância com os senhores que a cortejaram.

Aos vinte e três, não lhe restava muito mais além de permanecer reservada. Casar-se em uma idade tão jovem significaria abdicar de seu estilo de vida, seu amor pelo ar livre e das atividades permitidas apenas àqueles do sexo oposto. Esta vida teria que acabar porque seu novo marido exigiria isso dela. Exigiria que ela agisse como a filha do conde que era, e como a esposa que se tornara.

Mary encontrou o olhar de seu pai e leu preocupação naqueles olhos, e uma pequena parte de sua desobediência desmoronou. Ela

odiava desapontar os pais, e é claro que queria que não se preocupassem com ela, mas como poderia se casar e continuar sendo a mulher que era?

Mary estreitou os olhos, pensando em possibilidades.

— Se estou sendo forçada a ir, papai, e quero dizer que não me sinto nem um pouco feliz em viajar para Londres. Mas se eu tiver que ir, sorrir, dançar e interpretar a bela debutante, há algumas regras que quero instruir a você e Mama.

O pai dela parou de ajustar o casaco de peles e deu toda a atenção à filha.

— O que você quer, Mary? Estamos abertos à negociação.

— Escolherei com quem me casarei. Não serei influenciada de outra forma. O homem com quem me casarei deverá ser bom para mim de todas as formas, e não serei pressionada a escolher qualquer um, caso essa pessoa não se materializar na próxima Temporada. — Mary levantou o queixo, esperando a resposta do pai, mas quando ele não fez nada, além de olhar para ela pacientemente, ela continuou. — Quero um novo guarda-roupa para a Temporada. E eu gostaria de uma dama de companhia própria, não a da mamãe. Ela tem o hábito de pentear meus cabelos em estilos como o da mamãe, e me faz parecer… — Mary lutou por palavras que não ferissem os sentimentos do pai em relação à esposa.

— Uma mulher madura? — ela disse, sorrindo um pouco. — Sim. — ela assentiu, enfática. — É exatamente o que quero dizer.

O pai a considerou por um instante, antes de vir até ela e colocar o braço em seu ombro.

— Não parece ser pedir demais. Falarei com sua mãe e garantirei que ela não fique no seu caminho.

— Obrigada, Papa. — Mary se ocupou em colocar as luvas, enquanto ela afastava a culpa que o pedido trouxe à tona. Se ela quisesse, ela poderia ter pedido uma modista e uma acompanhante anos atrás, e os pais nunca teriam discordado. Mas a determinação de permanecer uma donzela solteira a fez segurar a língua. Estar fora de moda na cidade significara que muito poucos desejavam estar perto dela, ou serem vistos na pista de dança com ela, algo que ela aceitara muito bem. No entanto, ela não poderia permanecer deste modo para sempre, não se os pais estivessem tão determinados a vê-la casada. Se tivesse que embarcar nesta jornada da vida, pelo menos seria sob seus termos e, com sorte, ela encontraria um cavalheiro que desfrutaria do ar livre tanto quanto ela, alguém que não cortaria suas asas. Para encontrar um homem assim, ela supôs que precisaria se misturar mais, tentar de verdade conhecer os rapazes nesta Temporada.

— Venha, vamos levar esse peixe de volta para casa. Tenho certeza de que o gongo do jantar soará muito em breve.

Mary deixou o pai conduzi-la até a porta, antes que começassem a caminhar para a casa. Na luz que se dissipava, a propriedade era como um farol de calor e muito mais agradável do que onde eles estavam até então. Mary resignou-se com o fato de que voltariam para Londres na primavera, mas pelo menos teria controle dos vestidos, e havia o Natal aqui em Derbyshire para desfrutar.

O irmão mais velho dela sempre trazia amigos para passar o feriado, e assim este ano seria tão alegre quanto todos os outros. Uma pequena calmaria, antes da tempestade que seria a Temporada.

CAPÍTULO 2



Novembro, 1800

DALE RAMSAY, o Duque de Carlton parou na lateral da sala, assistindo à multidão reunindo-se na sala de visitas de seu amigo mais próximo, o Visconde Kensley — e futuro Conde de Lancaster —, esperando o gongo do jantar soar para que pudessem comer.

Eles viajaram o dia todo, e Dale precisava admitir que se não comessem nada em breve, ele ou cairia devido a todo o vinho que bebera, ou o estômago dele roncaria tão alto que as mulheres presentes pensariam que ele era um urso.

Viscos foram pendurados em todos os locais possíveis na sala, das portas aos candelabros. Lady Lancaster até colocou pequenas estacas com a planta e as localizou em aparadores, mantéis, em qualquer lugar onde houvesse um espaço vazio. A senhora estaria incentivando as poucas jovens mulheres e homens que estavam aqui presentes a roubar um beijo ou dois?

Não que Dale se importaria de roubar um beijo se alguém estivesse disponível. Decerto havia algumas mulheres jovens muito atraentes presentes.

A porta da sala se abriu e tomando um gole de vinho, ele tossiu, sufocando um pouco com a bebida, ao ver o que viu. Que monstruosidade, ou melhor, quem era a jovem vestida como alguém saído de meados do século XVIII?

Ele tirou o lenço, limpou a boca, e assistiu Peter ir até a jovem, puxá-la para um abraço feroz e plantar um beijo na bochecha da

moça.

Dale observou que a jovem não era de todo desafortunada, mesmo que usasse óculos. A pobre mulher também era cega? Decerto explicaria a falta de destreza com as vestimentas. Não se pode consertar o que não se pode ver.

Peter se virou na direção dele, e Dale controlou as próprias feições, mostrando certo interesse educado. À medida que o amigo se aproximava com a jovem, ele assimilou mais a aparência dela. As longas madeixas escuras estavam penteadas para trás, em um estilo que Lady Lancaster também ostentava, mas não ajudava a jovem. Nem o vestido cor de mostarda que a desvalorizava por a deixar apagada, e até com a aparência um pouco doente.

— Carlton, deixe-me apresentar minha irmã, Lady Mary. Mary, este é meu bom amigo, o Duque de Carlton.

Ela curvou-se em uma reverência simples, e o fitou com os olhos verdes mais largos que ele já viu. O vestido dela era pouco lisonjeiro, e Dale sentiu uma vontade esmagadora de mandá-la para a modista de suas ex-amantes em Londres, uma das costureiras mais procuradas, uma das melhores da cidade.

Dale fez uma ligeira cortesia.

— Lady Mary, é um prazer enfim conhecê-la. Seu irmão fala muito de você.

Ela lançou um olhar duvidoso, mas sorriu. Tinha um sorriso muito bonito.

— Tenho certeza de que mente, Vossa Graça, mas, em todo caso, obrigada. Aceitarei suas palavras encantadoras e acreditarei nelas.

Peter riu.

— Mary, não provoque o duque. Ele pensará que está falando sério.

Os olhos dela o avaliaram da cabeça aos pés, e Dale teve uma sensação bem estranha o atravessando. Sua inspeção não era de todo a que ele pensava que uma jovem solteira deveria fazer com um par do reino, e ainda assim esta moça do interior, a filha de um conde não menos, que ele jamais encontrara, parecia pensar ser apropriado.

— Talvez eu não provoque, irmão. — ela sorriu com malícia, e Dale encontrou-se sorrindo.

Mais uma vez, ele controlou as feições.

— Pelo contrário, minha senhora. Seu irmão falou muito bem de você, e estou feliz em conhecê-la.

— E eu a você, Vossa Graça. — ela o estudou com olhos astutos, e ele respondeu à ousadia levantando a sobrancelha. — Passa a maior parte do seu tempo na cidade, eu presumo?

— Sim. — ele disse, feliz que ela parou de inspecioná-lo como um inseto em que precisava pisar. Ele tinha certeza de que ela não aprovava a resposta dele.

Ela olhou para além dele, o desinteresse na conversa ficando óbvio.

— Não gosto de Londres e não estou ansiosa para voltar, mas infelizmente, sendo mulher, tenho pouca escolha. Não é verdade, irmão?

Peter balançou a cabeça para a irmã.

— Mary, não vamos brigar na frente dos convidados. Sabe que estou ansioso para recebê-la na cidade no próximo ano.

Ela suspirou, agarrando uma taça de vinho de um lacaio que passava e tomando um gole.

— Imagino que Vossa Graça ame a Temporada. Aproveitar as noites na cidade, os passeios de cavalo no parque, entre outras coisas.

Dale fechou a boca. *Outras coisas…* O que isso significava?

Ela aludia aos muitos antros de jogos que ele frequentava, às noites em Vauxhall, ou às muitas mulheres que buscavam a companhia dele? Ele olhou para ela, e os olhos verdes e ferozes, cheios de alegria, o encararam sem vergonha.

Ele ficou maravilhado com a ousadia.

— Eu gosto de todas as iguarias que a cidade oferece. Tantos entretenimentos para apreciar, é como um grande banquete de que não consigo me cansar.

As bochechas de Mary ficaram com um tom delicioso de rosa, e ele sorriu.

Peter limpou a garganta.

— Vejo que a Srta. Grant chegou, Mary.

Ela olhou para trás e, com uma reverência rápida, pediu licença, deixando Dale para vê-la juntar-se à mulher de idade semelhante à dela, parada na janela.

— Sua irmã debutou, Peter? — ele perguntou, ainda a observando.

Agora com a amiga, Lady Mary parecia ainda mais alegre, conversando com alguém de que ela gostava.

— Debutou há cinco anos, mas nada aconteceu, ou nas Temporadas seguintes. Nossos pais esperam conseguir um par para ela na Temporada vindoura, para desgosto de Mary.

Dale ergueu a sobrancelha, tomando um gole de vinho.

— Ora, ela não deseja um casamento? — não era sempre que uma jovem da idade de Lady Mary não sonhava com tal acontecimento. Com certeza, Dale nunca conheceu uma mulher que não quisesse, e ele era cinco anos mais velho que Mary, se estimara a idade dela corretamente.

— Que idade tem sua irmã? — Dale perguntou, incapaz de tirar os olhos dela, enquanto ela se movia pela sala.

A ideia de que ele considerava Lady Mary interessante o bastante para a observar o sobressaltou, e logo desviou o olhar.

Os olhos de Peter encontraram os dele por cima da taça de vinho, e o olhar cortante do amigo o fez se retesar.

— Por que tanto interesse em Mary?

Dale levantou a mão.

— Estava apenas puxando conversa. Não estou interessado em sua irmã como nada além de uma amiga. Não a vi na cidade no passado, estava apenas curioso quanto à idade dela.

E parte do que disse era de fato verdade, ele estava curioso com a mulher que parecia ter opinião própria, apesar do vestido afirmar o contrário, e ela não mostrou ter medo dele. Sendo um duque, havia poucos que poderiam se gabar de tanto. Além do amigo, Peter, é claro.

— Mary acaba de fazer vinte e três. — Peter analisou o cômodo. — Vi que Lady Hectorville chegou. Isso deve fazê-lo feliz, Carlton.

Dale lutou para não se acovardar ante a menção da esposa do falecido Conde.

— Não em particular. Tive um momento com a mulher, quando estava bêbado, e ela estava disfarçada no dia, não sabia quem era.

— Para desespero dela. Olhe, meu caro, ela o está observando e parece bastante desamparada por não ter ido dizer oi.

O amigo riu, e Dale lançou um olhar de reprovação.

— Aquela noite foi um erro, um que não cometerei outra vez. Eu me desculpei com ela, mesmo que ela finja não me ouvir. Entretanto, o que passou, passou, e ela já prosseguiu para outro de nossos pares.

— Talvez devesse dizer que ela deve esquecê-lo, porque de onde estou, com certeza, não me parece ser assim.

Dale olhou para onde Peter estava mirando e ele rangeu os dentes. Maldição, jamais pensou que Sua Senhoria estaria aqui, de todos os lugares. Como a mulher foi convidada? Ela estava ao lado de Lady Lancaster, e o interesse indiscriminado em Dale deveria ser óbvio para qualquer um que se preocupasse em notar.

— Como sua família conhece Lady Hectorville?

— Ela é uma das amigas mais próximas da minha mãe. Conhecem-se há muitos anos, embora haja uma diferença de quinze anos entre as duas. Quando estão juntas, não se diz que é o caso.

Fabuloso, era tudo que Dale precisava. Uma intrometida como Lady Hectorville que, às vezes, ainda enviava notas de amor para ele, implorando por visitas. Ou a mãe de Peter que, sem dúvidas, sabia que ele se envolvera com uma de suas melhores amigas.

Ele se encolheu.

— Então, meu amigo, o que faremos agora que tenho você aqui em Derbyshire. Podemos cavalgar amanhã, se quiser. Há alguns locais muito bons para se visitar pela propriedade, e eu gostaria de mostrar a cabana de caça. Pode ser uma ideia, trazer um grupo de amigos no verão e fazer uso dela. O que me diz?

Dale levantou a taça de vinho em saudação simulada.

— Parece-me ideias maravilhosas, as duas opções. Digamos que nos encontraremos nos estábulos às nove da manhã para começarmos?

Peter bateu a taça na de Dale.

— Nos vemos às nove, então.

CAPÍTULO 3



NA TARDE SEGUINTE, Mary saiu para tomar um ar, determinada a estar ao ar livre todos os dias, não importava o tempo. A mente vagava de pensamento em pensamento, ou se fosse sincera, era apenas um. O duque.

Mary não sabia o que fazer com o amigo do irmão. Claro, ela sabia se tratar de um duque bem antes da chegada dele à propriedade deles. Peter parecia se dar muito bem com ele, mesmo que o homem fosse um cavalheiro muito procurado na cidade e de grande influência na Câmara dos Lordes. Se a informação sem fim da mãe sobre o duque fosse crível. Mas havia algo no sujeito que a fazia ficar reticente, um aborrecimento a alfinetava, e ela não sabia dizer o porquê. Algo que a incomodou desde o instante em que os olhos de aço e inspeção inabalável da parte dele ocorreu na sala de visitas ontem à noite.

Sua amiga e companheira, Louise, veio para o lado dela, enquanto caminhavam pelo terreno; embrulhadas em casacos de pele, ambas pareciam três tamanhos maiores do que eram. Contudo, quando havia neve para todos os lados e se estava presa em casa, tais roupas precisavam ser usadas, não importa o quão volumosas. Ninguém queria ficar preso do lado de dentro o tempo todo.

— Está tão frio, Mary. Podemos retornar agora? — a amiga puxou o casaco para mais perto do corpo, e Mary sorriu. Louise sempre preferiu os meses mais quentes e odiava qualquer estação além da primavera ou verão.

— Vamos apenas terminar de dar a volta na casa e voltaremos para dentro. Entretanto, é tão refrescante, não concorda, estar ao ar livre? Com Peter em casa com a amiga, e mamãe com seus convidados, parece um pouco tumultuado lá dentro.

Os olhos de Louise brilharam de diversão.

— O que pensa do duque? Creio que nunca vi um rapaz mais bonito em toda a vida.

— Bem, passamos quase todo o tempo de nossas vidas enfurnadas aqui em Derbyshire. Tenho certeza de que quando voltarmos para Londres no próximo ano, a vida na cidade oferecerá mais diversão e interesse do que o Duque de Carlton. É que estamos no interior há tanto tempo e só nos encontramos com as mesmas pessoas. Qualquer coisa nova e brilhante sempre brilha mais.

A amiga dela bufou.

— Está sendo sarcástica, querida Mary? Não acredito que haja muitas moças que não se distrairiam, o tempo todo, por tal homem.

Mary cedeu a este ponto.

O duque era dotado de extrema beleza, com mechas escuras e de leve ondulação e cachos. O nariz reto e as maçãs do rosto tornavam o perfil dele devastador de adorável e a fazia vibrar por dentro a cada vez que ela conseguia uma chance de olhar para ele.

Seu corpo estava se tornando um traidor. Ela não queria sentir nada além de diversão enfadonha quando ele estava presente. Mary decerto não queria imagens e pensamentos bombardeando a mente, ideias de como seria beijá-lo. Ele era tão perverso como todas as fofocas o pintavam nos últimos tempos? Havia um boato de que ele já havia dormido com Lady Hectorville, e como Sua Senhoria olhava para o duque sempre que presumia não estar

sendo observada, Mary decerto poderia acreditar que a informação era um fato.

— Muito bem, concordo com você quanto a este aspecto, porém, mesmo assim, ele é um homem que, por fim, só se casará com uma mulher que aqueça a cama e encha o berçário com herdeiros para seu grandioso título. Quem quer que o duque se case será uma aliança monetária e de status, não será uma união de amor.

— É para se ter poder na *Sociedade*. Uma duquesa que todas as outras mulheres se esforçam para imitar, não se esqueça. — Louise acrescentou.

Mary tropeçou e parou. Louise arfou ao ver o duque, que deixaram de notar sentado nos degraus do terraço, e que se levantou para as cumprimentar.

Calor floresceu nas bochechas de Mary, e ela sentiu aquela agitação interior estúpida aparecer de novo. Ela o encarou. O que havia de errado com ela?

Ela limpou a garganta, apertando as mãos firmemente dentro do *muff.*

— Vossa Graça, não o vimos aí.

Uma sobrancelha ducal subiu em acordo.

— Não, não me viram. Só posso presumir que se soubessem que eu estava sentado aqui, não teriam dito tais coisas acerca de meu caráter.

Mary ousou olhar para Louise e suspirou ante o horror abjeto da amiga por serem pegas. Se os olhos da amiga dela ficassem mais largos, saltariam.

Ela abriu o sorriso mais doce que conseguiu forjar para alguém que não estava, nem de longe, acostumado em ter pessoas falando dele. Decerto não bem na sua frente.

— Deve estar equivocado, Vossa Graça. Nunca nego o que acredito ou penso. Se eu tiver uma opinião acerca de um assunto ou pessoa, seja o que for, pode ter certeza de que sempre falarei a verdade.

Os olhos dele, muito inteligentes, a inspecionaram, e Mary tremeu. Como um mero olhar dele poderia fazê-la reagir assim? Ela lutou para não revirar os olhos ante a própria parvoíce. Talvez uma viagem à cidade para outra Temporada não seja uma má ideia, afinal. Este tremor e vibração sempre que ela estava perto do duque nunca seria aceitável. Se ela fosse se casar como os pais ordenaram, então seria com um homem que respeitasse e amasse, sem mencionar um homem que a permitisse continuar com todos os passatempos de que gostava agora. Ela olhou para o duque.

Que tipo de homem é você?

— Talvez sejam os óculos que a tornem tão franca de opinião. — o duque estendeu a mão e os deslizou do rosto dela.

Os dedos enluvados em pele de gamo a tocaram na testa, e ela arfou ante a presunção dele.

— Com licença, Vossa Graça, mas o que pensa estar fazendo?

Ela o encarou, e embora pudesse ver mais que bem sem óculos, eles a ajudavam a distinguir objetos que estavam à distância.

Ele a observou da maneira mais estranha antes de dizer:

— Apenas vendo como se parece sem estes seus óculos.

— E sempre faz o que quer, Vossa Graça? — Mary perguntou, suspeitando que ele fizesse sim.

O homem esbanjava autoridade, e ela duvidava que não havia muito que ele não conseguisse.

— Sempre. — ele disse, antes de girar nos calcanhares e andar para as portas do terraço.

— Bem, que estranho. — Mary disse.

Louise suspirou, uma expressão sonhadora no rosto ao observar o duque voltar para o interior da casa. Ele fechou as portas do terraço com um clique decidido, deixando-as sozinhas mais uma vez.

Louise cruzou com o olhar de Mary.

— Ele ainda está com seus óculos.

Após a estranha partida dele, Mary se esqueceu por completo de que ele foi embora com seus óculos. Ela rangeu os dentes, não querendo procurá-lo para recuperá-los. Suspirou irritada, supondo que seria necessário. Em seguida, talvez fosse melhor que não o procurasse outra vez enquanto ele continuasse aqui. O corpo dela precisava aprender que o duque de Carlton, não importa o quão atraente fosse, não era para ela. Havia uma Temporada a atender para encontrar um cavalheiro que a complementasse, e ela não permitiria que um rosto bonito a desviasse.



DALE FECHOU AS PORTAS do terraço e se inclinou contra a moldura de madeira por um instante. Sentindo algo na mão, ele olhou para baixo e se amaldiçoou. O que ele ainda estava fazendo com os óculos de Lady Mary? E por que diabos ele os tirou dela?

No segundo em que ele a viu olhar para ele, os olhos arregalados e claros, do verde mais bonito que ele já vira, ele soube estar em apuros. Ele não precisava considerar os olhos dela bonitos, ou que algo nela era atraente. Ela era irmã do melhor amigo dele. Uma mulher que fala o que pensa sem restrições e, como ficou óbvio, estava bem acostumada a fazer o que quisesse. Decerto não nasceu para ser duquesa. Não era o tipo de mulher obediente e plácida que ele procurava.

A mãe dele era opinativa, muitas vezes discutia suas diferentes opiniões com o pai dele. Ele não queria uma esposa com características semelhantes. Só queria paz no casamento, algo que ele nunca teve quando criança.

A refutação dela, de que só falaria a verdade, a pessoa estando presente ou não, era a prova disso. Mesmo que *a Sociedade* estivesse permeada por mentiras e enganos, a franqueza dela não era um traço de caráter que ele queria em uma esposa. Havia muitos cavalheiros que não se importavam se as esposas fossem obstinadas. Dale não era um deles.

No entanto, ela não ter se esquivado da pessoa dele, às vezes, arrogante, foi bem-vindo. Entretanto, o amigo, Peter, nunca se assustou perante o título dele também, essa foi uma das razões para eles se tornarem amigos. Ele poderia dizer qualquer coisa a Peter, sabendo que a verdade absoluta nortearia suas opiniões.

Não apenas concordar com ele o tempo todo por ele ser um duque.

Lady Hectorville passou ao lado dele e puxou seu braço em torno do dela. Ele sorriu por educação, embora a xingasse por dentro ante tal afronta.

— Lady Hectorville, está gostando da reunião aqui em Derbyshire?

A pergunta era benigna, e ele esperava que em breve ela encontrasse passatempos mais divertidos. O amante declarado dela estava presente, então por que ela estava pendurada em seu braço, era algo que ele não entendia.

— Ora, de fato, sim. Lorde e Lady Lancaster são os anfitriões mais maravilhosos nos últimos dias, e estou bem animada em passar o próximo mês aqui, e o Natal, é claro. Ficará para as festividades, o Baile do Visco, Vossa graça?

Ele pensou em ficar, mas com a presença de Sua Senhoria o tempo todo, talvez Dale precisaria repensar sua decisão.

— Minhas obrigações não estão fixas em nenhum lugar em particular. Eu disse que ficaria por um tempo, mas não tenho certeza se engloba o Natal.

Lady Hectorville fez beicinho, e ele voltou a atenção para os poucos convidados que estavam tomando chá na sala de visitas.

— E sua irmã, Lady Georgianna? Onde ela vai passar o Natal esse ano?

Dale sorriu ante a menção da irmã. Ele sentia saudades da moça, e ansiava pela volta dela para casa.

— Ela passará o Natal na Espanha com nossa tia que está viajando para o exterior. Volta para a cidade na primavera.

— Ó, a Espanha. Que divertido. O sol quente espanhol, as noites quentes e dias ainda mais quentes. Soa, com toda a certeza, divino. — ela arrulhou para ele.

Ele assentiu, não de todo certo que a fala de Sua Senhoria era denotativa do clima, ou não. As portas do terraço atrás dele se abriram, e Lady Mary e a amiga, a Srta. Grant, entraram na sala. Dale observou o progresso delas até que se juntaram a Peter perto do pianoforte.

Sua Senhoria soltou um suspiro de longo sofrimento.

— Pobre Lady Mary, preocupo-me com ela. Ela é tão reservada, e os óculos que ela costuma ostentar não fazem nada para melhorar sua aparência. Eu me preocupo que ela continue sendo uma solteirona e seja colocada à margem para acumular poeira como um ornamento de Natal indesejado.

Dale mordeu a língua antes de lembrar Lady Hectorville que falar de alguém de tal maneira não era condizente com o status de Sua

Senhoria. Ele agradeceu a um lacaio por uma taça de vinho e tomou um gole fortificante para acalmar a ira.

— Mesmo? Esclareça-me? — ele perguntou, com curiosidade para ver o quão longe Sua Senhoria estava disposta a ir para lançar dúvidas sobre Mary, filha de uma suposta amiga íntima.

— Bem, até onde sei, ela não desenha, não pinta, nem passa tempo com as agulhas. Em vez disso, ela gosta de pesca. Pesca! De todas as coisas, e é melhor do que o irmão pelo que Lady Lancaster me conta. A jovem nunca encontrará um par com tais qualidades.

Estranho, cada vez mais estranho. A atenção de Dale se desviou para onde Lady Mary estava, e ele assimilou o vestido, as feições e comportamento dela. Ela era bastante animada e barulhenta, contudo, ela estava na própria casa, entre amigos. Era natural que relaxasse.

Seus cabelos, cor de ébano, brilhavam tão escuro quanto o céu da meia-noite, mesmo amarrado em um coque severo. No entanto, sem os óculos, era possível ver a promessa de uma beleza emergente se alguém olhasse com vontade o suficiente. Os olhos verdes eram, com certeza, uma de suas melhores características, e ao conhecê-la, teve uma boa amostra de uma mulher de inteligência.

— Tenho certeza de que, com o tempo, Lady Mary se casará. Não importa como a sociedade a veja, talvez carente de refinamento. Há outras qualidades que a recomendam. — Dale calou a boca com um estalo, sem saber por que defendia a mulher. Talvez por se tratar da irmã de Peter, e Peter era seu amigo mais próximo.

Lady Hectorville apertou o peito.

— Ora, espero que não pense que estou a maldizer Lady Mary. Eu a amo como se fosse minha própria filha, mas gosto de pensar que se eu fosse mãe, eu também poderia enxergar os defeitos em meus próprios filhos. Não importa o quão decepcionantes sejam.

— Claro. — ele disse com uma reverência — Se me der licença, Lady Hectorville. — ele foi em direção a Lady Mary, e parando ao lado de Peter, puxou os óculos do bolso do colete. — Lady Mary, acredito que pertençam a você. — ele entregou o objeto, e ela deu uma rápida olhada no irmão que ficou em silêncio, observando-os com um brilho de alerta nos olhos.

Dale endireitou-se e cruzou as mãos atrás das costas.

— Obrigada, Vossa Graça.

— O que Carlton está fazendo com seus óculos, Mary? — Peter perguntou, o tom de suspeita.

— Lady Mary saiu para tomar ar com a Srta. Grant e deixou os óculos no parapeito do terraço. Estou apenas os devolvendo.

Lorota, mas ele não precisava que Peter imaginasse haver algo entre ele e a irmã, pois não havia, nem nunca haveria. Ela era muito independente, e ele nutria suspeitas sorrateiras de que ela era uma intelectual, além de solteirona. A esposa dele seria uma mulher recatada e silenciosa, adequada ao papel de duquesa e a todas as responsabilidades que vinham com o título.

Sem mencionar que ele jamais colocaria a amizade de Peter em risco. Eles compartilharam muitas noites em Londres, e ele duvidava que Peter iria querer que a irmã se casasse com um homem conhecido por sua libertinagem.

Peter passou o braço nas costas dele, sorrindo.

— Bem, você é um bom homem. Obrigado por devolvê-los para Mary. Ela sempre faz isso, os larga aqui e ali. Não é Mary? — Peter disse, voltando-se para ela.

— Sou terrivelmente esquecida para essas coisas. Obrigada por os devolver, Vossa Graça. — ela disse, antes de tocar a mão da amiga. — Vamos subir, Louise. Quero ler um pouco antes do jantar.

Ambas as moças saíram sem outra palavra, e Peter sorriu atrás delas.

— O que diz da Srta. Grant? Ela cresceu muito desde que saí para estudar. Ela é a dama de companhia de Mary e está conosco desde criança.

Dale tomou outra taça de vinho de um lacaio que passava, pensando sobre a Srta. Grant.

— Gosta dela? Lembre-se que casamento é um compromisso para toda a vida. Duvido que haja algo pior no mundo do que ser estar ao lado de uma mulher que após seis meses de casamento se transforme em uma megera, e interrompa todos os deveres de esposa assim que gerarem um herdeiro.

Os olhos de Peter se arregalaram.

— Segure as rédeas, meu caro. Só perguntei o que pensava dela. Não estou planejando me casar no momento.

Dale riu para quebrar a pequena tensão entre eles.

— Sabe bem o que penso de casamento. É uma decisão a ser tomada com extremo cuidado. A união dos meus pais não é nada que eu desejaria para outras pessoas, apenas não quero que cometa o mesmo erro.

A memória dos pais discutindo ainda conseguia, até hoje, fazer seu sangue gelar. Ambos eram donos da verdade, nunca estavam errados. Quando ambas as partes se recusavam a ceder, esquecer os desentendimentos, o resultado era quase sempre explosivo. Embora Dale nunca tenha testemunhado quaisquer danos físicos, ele suspeitava bastante que aconteceram a portas fechadas.

— No entanto, seus pais parecem ter um casamento feliz e afetuoso. Deixe-os guiá-lo e tenho certeza de que não vão cometer erros.

Peter murmurou algo sob a respiração, e Dale pensou no que Lady Hectorville havia dito sobre ficar. Talvez ele devesse voltar para sua própria propriedade, antes que a neve se tornasse muito espessa sob os pés para viajar. Mas ele gostava de estar com Peter e a família dele, joviais e acolhedores, até mesmo a irmã, tão estranha quanto era.

Ele pensaria um pouco mais.

— Perdeu o anúncio do nosso Baile do Visco anual, no café da manhã. Será realizado este ano de novo. Embora, na verdade, seja apenas um disfarce para tentar deixar claro que minha irmã ainda está aberta ao casamento se alguém estiver interessado em cortejá-la. Mesmo assim, é sempre bom, divertido e alegre. O que diz?

— Quando será? — Dale perguntou, sem muita certeza de que queria fazer parte de tal entretenimento. Ele estava farto, de antemão, da Sociedade, de todos os bailes e armadilhas que o esperavam no próximo ano na cidade.

— Alguns dias antes do Natal. Diga que ficará. Meus pais ficarão muito desapontados se você for embora. Assim como eu, não desejamos que fique sozinho no Natal.

Isso era verdade, Dale também não queria ficar sozinho em um momento tão festivo. Nem um pouco. Com Georgianna na Espanha, Carlton Hall era grande e muito vazia, quase como uma cripta. Não era um lugar para aproveitar as férias quando se está sozinho.

— Muito bem, ficarei até depois do Natal, como planejado. Creio que consigo suportar um baile.

— Excelente. — disse Peter. — Agora venha, vamos jogar bilhar. Acredito que fizemos o bastante pela minha mãe, demos assunto o

suficiente para manter os convidados felizes por uma tarde ou assim.

Dale gostou da ideia.

— Mostre o caminho.

Uma escapada na própria casa parecia ótimo.

Naquele instante, a porta do salão se abriu e Henry Ryley, Lorde Weston, entrou. Recente detentor do título de Visconde, o jovem fez uma debutante chorar durante seu primeiro baile. Ele era tão detestável quanto estúpido. Dale suspirou, perguntando por que diabos Lorde Lancaster convidara um dândi.

O visconde entrou, cumprimentou os anfitriões e analisou o ambiente como se fosse o dono do lugar. Ele era todo loiro, as mechas douradas e altura o tornavam mais agradável para as senhoras presentes, se os risos e sorrisos afetados eram indício de algo.

Dale olhou ao redor e lutou para não revirar os olhos quando algumas das mulheres mais jovens riram e coraram.

— Weston. — Peter gritou, chamando a atenção do jovem, que veio na direção deles.

— Kensley. — Sua Senhoria disse, apertando a mão de Peter. É bom vê-lo. Como tem passado, não o vejo na cidade faz tempo.

— Não. — Peter disse, sorrindo. — Estive pelo interior há algumas semanas. — Peter virou-se para Dale. — Vossa Graça, este é o Visconde Weston. Lorde Weston, este é Vossa Graça, o Duque de Carlton.

Dale inclinou-se de leve.

— Prazer, Vossa graça. Na verdade, acabei de vir dos estábulos, e tive que admirar seu garanhão cinza. Bela besta, se pode-se dizer tal coisa de uma. — Lorde Weston disse, jovial.

Dale estreitou os olhos.

— Ele é um bom cavalo. — foi tudo o que conseguiu dizer enquanto também tentava se lembrar quem era a debutante que este arrogante insultou, e que insulto foi proferido.

— Mary está em casa? Gostaria de revê-la. Estive tão ocupado na cidade na última Temporada que não pude vê-la muito.

Peter sorriu com a menção da irmã. Dale arqueou uma sobrancelha. Lorde Weston tratava Lady Mary pelo primeiro nome? Ele estudou o homem com um ar desinteressado. Tão pouco quanto conhecia Lady Mary, seria uma pena se ela aceitasse se juntar a alguém como Lorde Weston.

— Ela subiu para ler antes do jantar, mas a verá mais tarde. Ela também ficará contente em revê-lo. Sei o quão próximos eram quando crianças.

— Conhece a família há algum tempo, Lorde Weston? — Dale perguntou, a curiosidade tirando o melhor dele.

O jovem visconde olhou para Dale com aborrecimento, e havia algo naquele olhar que fez Dale retesar. Se ele fosse um apostador, apostaria que Sua Senhoria possuía traços sórdidos sob a pele. Ele já presenciou olhares como o de Sua Senhoria. O pai dele os lançara para a mãe, muitas vezes, antes que o caos se instaurasse. Aqui, Dale supunha que não poderia causar qualquer mal, mesmo que a pergunta tivesse irritado o cavalheiro.

— Nossa família e a de Lorde Weston são vizinhas, Vossa Graça. — Peter disse, respondendo depressa.

Ele tomou um gole do vinho, feliz em ouvir que a familiaridade era por esta razão e não por outros meios, como Weston cortejar Lady Mary.

— Veio para ficar ou está apenas visitando, Lorde Weston? — Dale perguntou.

Em geral, ele era um bom juiz de caráter, e havia algo neste homem que ele não gostava. Por fim, a memória de porque ele desaprovava o visconde voltou. A jovem debutante que ele fez chorar havia sido cortejada por Sua Senhoria por semanas, tanto que a família esperava uma proposta de casamento. Em vez disso, ele cortou o contato com a moça e se recusou a encontrá-la em bailes e festas. Ela se tornou alvo de censura e diversão para as amigas. A jovem retornara ao interior, e Dale se perguntou se ela voltaria no próximo ano e tentaria outra vez. Algo lhe dizia que não.

— Ficarei. — o cavalheiro disse, levantando uma sobrancelha e sustentando o olhar de Dale.

Dale estreitou os olhos.

— Entendo.

O jovem visconde notou outro convidado com quem queria falar, e se despediu.

— Vamos? — Peter disse, gesticulando em direção à porta.

Dale assentiu.

— Sim, vamos.

CAPÍTULO 4



MARY DESCEU MAIS TARDE naquela noite e avistou Lorde Weston. Ela não esperava que ele viesse, pois quando eles se encontraram durante a Temporada na cidade, ele não pareceu nada feliz de a encontrar. A desconsideração dele, mesmo que não tenha sido notada pela *Sociedade* doeu mais do que estava disposta a admitir até mesmo para os pais, e no fim ela se convenceu a acreditar ser tudo imaginação dela.

E assim parecia ser se a animação e prazer dele em revê-la era algo notório.

— Lorde Weston. Henry. — ela disse, usando o nome de batismo dele. — É muito bom vê-lo.

Ela foi até ele e riu quando ele a puxou para um abraço. Os pais dela sorriram ante a familiaridade deles, e não pareciam inclinados a repreendê-la devido à conduta.

— É bom revê-la, Mary, e Srta. Grant. Desculpe-me pela chegada tardia. Acabei de voltar de Londres.

Mary sorriu para Sua Senhoria, que parecia muito feliz de verdade por estar de volta a Derbyshire e por falar com ela. Por anos, ela guardou para si uma paixonite por Sua Senhoria. Como alguém pode não se apaixonar perante as madeixas douradas e olhar pecaminoso que o fazia parecer um anjo caído? Mary pode ter ressalvas quanto ao casamento, mas não era cega.

Ela supunha ter gravitado em direção a ele com tanta frequência porque o conhecia desde a infância e, bem lá no fundo, ele nunca a veria como uma possível esposa e, sendo assim, ele era uma opção segura de diversão.

— Bem, você está aqui agora, e isso é tudo o que importa. Mamãe convidou algumas famílias da cidade, então deve se sentir bem em casa.

— Tenho certeza de que sim. — ele disse, sorrindo.

O estômago de Mary revirou um pouco, e ela teve que se forçar a afastar o olhar de toda a grandeza dele. Como ele era belo. O nariz perfeito e os lindos olhos azuis-claros dele que o diferenciavam da maioria dos homens.

O olhar de Mary deslizou para o Duque de Carlton, e ela se surpreendeu ao encontrar os olhos estreitos dele, em contemplação ao observá-los. Ela voltou a prestar atenção em Lorde Weston. O duque também era demasiado bonito para seu próprio bem, e talvez estivesse bem ciente deste fato.

O gongo do jantar soou e deixando de lado as formalidades, os pais dela levaram todos para a sala de jantar. O jantar compreendeu cinco pratos: peixe, carne de caça, sopa de tartaruga e vegetais e legumes de clima invernal. Nenhuma despesa foi poupada para os convidados, e Mary elogiaria o cozinheiro, mais tarde naquela noite, pelo jantar. O jantar durou algumas horas, todas agradáveis, plenas de conversa e risos. Assim como esta época festiva do ano deveria ser.

Havia arranjos com ramos de visco e azevinho ao longo do centro da mesa para adicionar um pouco de cor à decoração. Com as lareiras acesas em todos os cômodos, a casa colossal deles foi transformada em um país das maravilhas de Yuletide e alegria.

Após o jantar, Mary sentou-se perto de um dos cantos da sala de visitas, observando os presentes. Bebia seu vinho quente e atentou-se à Louise que tocava uma música de Natal no pianoforte.

Sentiu-se tremular por dentro quando Lorde Weston caminhou em direção a ela, o sorriso dele perverso como sempre. Ela o

conhecia pela maior parte da vida, e havia algo nele que sempre a atraiu. Talvez fosse o fato de ele ser, na realidade, inatingível. Mary não era elegante, de beleza etérea, seus cabelos eram escuros, e seus olhos de um verde simples, nada notável. Sua pele parecia beijada pelo sol.

E ele era perfeito demais para prestar atenção nela. Eles eram opostos, como o dia e a noite.

— Completamente só, Mary? Estamos sentindo falta de sua companhia, então vim para arrastá-la de volta para a contenda.

Ela sorriu, suspirando por dentro ante a beleza dele. Por um instante, o olhar dela deslizou para os lábios dele, abertos a ponto de mostrar dentes brancos perfeitamente retos. Ele tinha lábios adoráveis também. Com toda a honestidade, não havia muito nele que não fosse impecável.

— Apenas um momento de paz, posso assegurar, mas vou me misturar em breve. Sentimos sua falta nos últimos meses. Você aproveitou a cidade nesta Temporada?

Ele se inclinou para trás na cadeira, deslizando o braço para apoiar-se no encosto da cadeira dela, e ela se assustou quando ele estendeu a mão e circulou a pele nua do ombro dela com o dedo.

— Sim, mas talvez eu preferisse um passeio ao ar livre com você? Sei que está frio, mas lembro que tal condição jamais a incomodou.

Mary pulou, não tendo certeza se o coração poderia aguentar mais daquele toque.

— Não sei se é sábio…

Sua Senhoria se levantou, travessura no olhar.

— Vamos, é só um passeio. Somos velhos amigos, e já andamos ao ar livre várias vezes. Nada mal acontecerá a você, eu prometo.

Mary olhou para a mãe e vendo o aceno de aprovação, cedeu.

— Muito bem, meu senhor. Deixe-me pegar meu xale.

Minutos depois, foram para o terraço que hoje cedo havia sido limpo da neve. Um pó leve ainda cobria as lajes, e o frio estava além do que esperava. O passeio seria curto.

O brilho das janelas iluminava o caminho enquanto eles caminhavam devagar. Mary olhou de relance para os jardins, sem saber ao certo o que Lorde Weston poderia querer conversa, se é que havia algo.

— Sempre fomos amigos, não fomos, Mary?

Ele disse, puxando-a para parar. O cotovelo dela pareceu queimar ante o toque, e o coração batia alto no peito. Mais intenso do que ela conseguia se lembrar.

— Claro. Por que pergunta? — ela o olhou, uma tentativa de sorriso no rosto.

Lorde Weston estava pensando em cortejá-la? Mary refletiu a possibilidade por um instante. Com certeza, ele se adequaria à personalidade dela e, mais importante, ele era um vizinho aqui em Derbyshire. Ela não precisaria deixar as terras em que cresceu. Poderia ficar perto dos pais e do irmão quando ele decidisse se casar.

Ela não havia pensado no visconde como uma opção até agora, mas ele fez questão de permanecer perto dela por toda a noite. Sua Senhoria sabia do amor dela pelo ar livre, pela pesca e pela caça e era apoiador de seus passatempos. Ele não tentaria mudar o comportamento dela, nem a fazer se adequar ao esperado pela sociedade…

A atenção dele se desviou para os lábios dela, e todos os pensamentos voaram para longe de seu cérebro.

— Você já…

Mary puxou-o pela cabeça, beijando-o antes que ele pudesse terminar o que estava prestes a dizer. Seus dentes se chocaram e, horrorizada, Mary sentiu sangue na língua ao voltar para a realidade. Ela deu um passo para trás, calor sufocando-a ante a tolice que acabara de cometer.

— Sinto muito, meu senhor. Não sei…

Ele a encarou, o rosto tomado de choque e piedade, e se a terra pudesse engoli-la, ela esperava que acontecesse agora.

Ele limpou a garganta, puxando o lenço e tocando o lábio que sangrava horrores.

— Creio que deva voltar para dentro de casa, Mary. Preciso colocar gelo no meu lábio e voltarei para a sala em breve.

Ela assentiu, sentindo-se para lá de estúpida.

Nenhum cavalheiro refinado como Lorde Weston a veria com qualquer coisa além de simpatia, e ela era uma tola por pensar que ele pensava em casar-se com ela.

Mary olhou para baixo, para o vestido de rendas, fitas e laços absurdos que não estavam nada na moda para qualquer pessoa com mais de cinco anos.

— Sinto muito, Lorde Weston. Não voltará a acontecer.

Ela correu, sem prestar atenção ao entorno e, em vez de voltar para a sala de visitas, entrou em outra porta mais adiante, uma que se abria a um corredor em direção ao conservatório.

Mary sufocou um soluço e o pinicar de lágrimas nos olhos. Suas últimas cinco Temporadas foram todas desastrosas e, agora, após tentar beijar um de seus amigos mais antigos, ela preferiria morrer de mortificação a ter que enfrentá-lo outra vez.

Ela dobrou uma esquina que levava para o conservatório e colidiu com uma parede de músculos. Braços fortes a envolveram,

mas sua quase corrida estava muito célere, e ela o derrubou, aterrissando com um baque em cima dele.

— Ó, sinto muitíssimo.

Mary fez menção de rolar para longe dele e ouviu um rasgo perto do peito. Ao olhar para baixo, viu que um dos botões do casaco superfino do cavalheiro estava preso em uma das fitas de renda de suas roupas.

— Estou presa… — ela murmurou, colocando as pernas em ambos os lados dele para deixar as mãos livres e tentar se soltar do cavalheiro.

As mãos dele movimentaram-se em torno dela, e ele sentou-se, trazendo-a com ele. Ela arfou, se esquecendo do botão e da fita, enquanto olhava para cima e morria de vergonha uma segunda vez naquela noite.

— Vossa Graça, não sabia…quer dizer — ela se atrapalhou com as palavras. —, desculpe-me por isso.

Ele a mirou com um olhar sombrio, nublado. A boca definida em uma linha fina descontente. Ele estava zangado com ela. Não esperava menos após o enfrentar.

— Aqui, deixe-me. — os dedos dele se juntaram aos dela, e ambos se atrapalharam para remover o botão da renda. Suas cabeças estavam curvadas tão próximas que Mary notou algo de seu cheiro, sândalo e outra coisa, algo doce e delicioso que faria alguém querer bolo.

O duque murmurou algo ininteligível, e incapaz de se refrear, ela olhou para cima em vez de se concentrar em tentar sair do colo dele. De perto, ele era tão bonito quanto qualquer um que ela já vira, até mesmo Lorde Weston, que era bonito, enquanto o duque era como uma réplica de um deus de pedra.

Com certeza, os ombros do duque eram mais largos do que os de Lorde Weston, e suas pernas pareciam bastante musculosas entre as dela. Tal pensamento trouxe consciência de como estavam sentados. Ela em cima do colo dele, as saias altas e emboladas à cintura e… o que era aquela protuberância dura perto da parte interna da coxa dela?

Ela arfou, e os olhares dos dois se cruzaram. Murmurando um xingamento, um que ela ouviu tão claro como o dia, o duque os separou de maneira brusca, a fita de renda agora era um ornamento no botão dele. Em seguida, ela a pegou e a pousou no chão ao lado dele.

Ele se levantou, ficou de costas enquanto se ajeitava. Mary pouco pôde fazer além de o encarar, a vista de onde ela estava sentada no chão era a localização perfeita para se estudar os outros atributos do duque, como seu bumbum.

Sua Graça se virou, e o músculo da mandíbula flexionou quando ele a flagrou admirando sua pessoa. Em vez de se virar de desgosto, ele estendeu a mão para a ajudar.

— Com pressa, Lady Mary?

Todos os pensamentos em torno de Lorde Weston sumiram após esbarrar com o duque, e ela o encarou boquiaberta por um instante, tentando se lembrar o que a levara a correr até o conservatório.

Então, ela se lembrou. O primeiro beijo dela. Ou talvez ela devesse se lembrar do ocorrido como o primeiro lábio sangrento que ela deu a um cavalheiro com sua própria boca.

— Peço desculpas de novo, Vossa Graça. Eu precisava ficar sozinha e não esperava encontrar ninguém nesta parte da casa.

Ele a estudou, a testa franzida.

— Algo de errado? Aparenta ter chorado.

Ela engoliu em seco, vergonha a dominando. Mary olhou para os pés, trabalhando as mãos diante dela.

— Cometi um erro que não posso desfazer, e agora jamais poderei enfrentar certa pessoa de novo.

Muito bem, pode ter soado um pouco dramático demais, mas pensar no que fez, em como Lorde Weston reagiu, decerto fazia parecer que a vida dela nunca seria a mesma. Se ao menos, não tivesse tentado beijá-lo. O que ela estava pensando!

A mão quente dele a pegou pelo cotovelo, e ele levou-a para o conservatório.

— Venha e sente-se. Sei que não nos conhecemos bem, e talvez tal fato facilite a senhorita desabafar.

Ela sentou-se no banco de mármore frio e fez menção de puxar o xale sobre os braços, mas não o encontrou. Ela olhou para trás, para o corredor onde colidira com o duque e o viu no chão.

— Tem certeza de que deseja saber das minhas travessuras, Vossa Graça? — ela disse, abraçando-se um pouco, o cômodo estava frio com o ar da noite. O duque retirou o próprio casaco e o escorregou nos ombros dela. O calor dele a engoliu, fazendo-a ser envolvida por uma calma.

— Claro que vou ouvi-la. O que tiver a dizer.

Mary mordeu o lábio, lembrando-se do que aconteceu com Lorde Weston. As palavras se derramaram contando o que ela fez, e como Sua Senhoria reagiu. O porquê de ela dividir esta informação com Sua Graça ela não sabia nem entendia, mas a oferta de ouvir as preocupações dela, era gentil, e ele era amigo de Peter, afinal. Peter nunca seria próximo de alguém em quem não pudesse confiar. E que os céus a ajudassem, ela estava morrendo para contar a alguém o ocorrido.

— Lorde Weston olhou para mim como se tivessem crescido duas cabeças em meu pescoço. — ela continuou. — Sei que não sou tão atraente como outras mulheres da cidade. — ela gesticulou para o vestido, e o duque a olhou, pena permeando aqueles orbes cinza. — Sou opinativa e, talvez, um pouco indomável. Esbarrei no senhor e me enrosquei em seus botões. Contudo, meus pais são inflexíveis que eu me case, e eu me preocupo que farei a escolha errada. Não quero ficar presa em uma união infeliz. — ela o olhou e sustentou o olhar dele. — Por favor, diga-me que nem todos os cavalheiros procuram por debutantes sem voz.



DALE ENCAROU LADY MARY, de todo encantado por seu entusiasmo em fazer os homens verem as mulheres, mulheres como ela, como mais do que as aparentes frívolas vestidas pela mamãe. Fazê-los admirar mulheres educadas e de opinião. Dale poderia admitir que ele talvez fosse um pouco tendencioso com tais características. Ele só podia presumir ser assim porque a mãe era uma mulher assim, e isso sempre trouxe o pior de seu pai à tona.

Dale suspirou, acariciando a mão dela em conforto.

— Infelizmente, Lady Mary, os homens nem sempre são tão brilhantes. — *Ele certamente não* era. — Tendo eu uma irmã, percebi que o sexo feminino com frequência não é exatamente calmo e atencioso. Claro que, em algum grau, todos os sexos são assim, e você não é diferente.

Ela lhe lançou um sorriso cauteloso, e ele notou os cílios escuros e longos. Sem mencionar que durante o encontrão no corredor, os cabelos dela haviam se soltado de alguns dos grampos e cascateavam pelos ombros delicados. O olhar desceu um pouco, e

ele assimilou os seios abundantes que se escondiam sob as fitas e rendas.

Ele saber qual era a sensação de a ter nos braços também não o ajudava.

— Como vou encará-lo de novo? Estou mortificada.

Dale colocou o braço nos ombros dela, esfregando um em conforto.

— Irá fazê-lo como faria com qualquer um. Levantará o queixo e não pensará mais nisso. Todos cometemos erros como o que cometeu hoje. Ria e se esqueça. Afinal, foi só um beijo.

Ele concentrou o olhar em um vaso com uma rosa, mais à frente deles, mas tudo o que ele conseguia sentir era Lady Mary e o doce aroma de jasmim.

— Ele é tão bem-quisto na cidade. Nunca mais falará comigo, deve até rir de mim e me chamar de criança boba que precisa crescer.

— Você é uma? — Dale perguntou, encontrando o olhar dela quanto ela o fitou.

— Uma o quê? — ela perguntou, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Uma criança boba que precisa crescer?

Ela recuou um pouco, claramente afrontada:

— Claro que não!

Ele deu de ombros.

— Bem, então, não tem nada com que se preocupar.

Ela suspirou, os seios subindo em consequência. Ele desviou o olhar depressa, concentrando-se nas plantas além deles.

— Não sei como agir, como ser do mundo. Apenas sou bruta demais para mudar algum dia, creio eu. Na verdade, não quero um marido, mas se eu tiver que me casar, Lorde Weston se adequa às

minhas exigências. Ele é nosso vizinho, e nós o conhecemos há anos, então ele me conhece muito bem. Sabe que sou muito teimosa agora para mudar. Veja, Vossa Graça… — ela disse, endireitando a coluna. —, gosto de experimentar todas as coisas. Ser bem versada na vida. Devemos ler, amar, rir e brincar. Nadar, pescar, dançar e…

Dale tirou o braço e a observou com paciência.

— Beijar. — ele se aventurou, entusiasmado, sem saber como, por ela.

Ele a observou, a linha do pescoço, enquanto ela olhava para o telhado de vidro, observando as estrelas além.

— E beijar. — ela sussurrou, a voz desejosa.

Os olhos dela encontraram os dele, e uma emoção, sombria e inebriante rodopiou por Dale. Esta garota, mulher, na verdade, era perigosa para homens como ele. Tais pequenas tentações os faziam querer coisas que, de outra forma, se manteriam afastados.

Ele suspirou, estudando-a um instante. Por mais que ele não gostasse de Lorde Weston, se ele era quem Lady Mary considerava adequado ao próprio temperamento e caráter, quem era ele para dizer o contrário?

— Vou lhe dizer algo, Lady Mary. Quer que eu a ajude a recuperar seu Lorde Weston, a fazê-lo comer na sua mão, como um cãozinho perdido, pelo resto da festa?

Os olhos dela brilharam, tornando-a mais bonita do que ele pensava ser possível. Maldição, não precisava pensar nela de tal forma. Ele limpou a garganta:

— Vou dar um conselho, e deve segui-lo. À risca. — Dale fez uma pausa, olhando-a por cima do nariz. — De acordo?

— Ora, claro. — ela balançou a cabeça, ansiosa, o que sacudiu os seios, assim ele viu com a visão periférica.

Querido Senhor dos Céus, ele estava no inferno.

— Sugiro que seja honesta com Lorde Weston. Se acredita que ele combina com você, então deixe-o saber que está disposta a ser cortejada. Flerte, seja charmosa e honesta com ele. Esqueça-se do beijo, da reação dele, de tudo isso. Levante esse seu rosto bonito e o encare de frente, seja ousada e franca. Fale de mais do que do tempo, discuta o que gosta, o que ama fazer, e se ele não for um tolo, vai cair aos seus pés. Juro que vai.

— É disso que gosta, Vossa Graça? — ela perguntou.

Dale se assustou com a pergunta, e ficou de pé, precisando se distanciar.

— Respeito a honestidade acima de tudo.

— Obrigada, Vossa Graça. — ela disse, levantando-se. — Meu irmão costuma ter bom senso, e vejo que ele foi sensato ao fazer amizade com o senhor. É um homem honrado.

Ela estendeu a mão enluvada, e ele a pegou, trazendo-o para os lábios e curvando-se de leve.

— Boa sorte, Lady Mary. Que o homem que a mereça, vença.

Ela abriu um sorriso deslumbrante, caminhando para onde haviam se esbarrado e recuperando o xale, ela olhou de volta para ele uma última vez antes de partir. Ele sorriu de volta, balançando a cabeça, divertido. Este retiro interiorano acabou de se tornar mais interessante. Agora, ele poderia se sentar e ver os jogos se desenrolarem. Ou pelo menos, o que Lady Mary estava para começar.

CAPÍTULO 5



MARY PASSOU O DIA SEGUINTE ajustando todos os seus vestidos. Ela não esperaria até a próxima Temporada, como havia conversado com o pai, ela alteraria os vestidos que usava agora para se adequarem melhor a ela. Mary rasgou rendas e fitas, baixou os decotes e removeu qualquer tipo de babado que decorassem seus vestidos. Por baixo de todos os acessórios, os vestidos eram bonitos o suficiente para servirem por ora, até ela conseguir encomendar um novo guarda-roupa na próxima Temporada.

Mary avaliou seu trabalho manual, incapaz de entender por que ela permitiu que os adornos hediondos continuassem por tanto tempo.

Esta noite, ela colocaria em prática todas as ideias que o duque de Carlton sugeriu. Ela seria feminina, mas inteligente, com conversas dignas de entreter o sexo oposto. Riria de uma maneira sensual, mas permaneceria uma dama, mostrando interesse no sexo oposto, em vez de indiferença como sempre fez antes. Isso, em conjunto das modificações que faria nela mesma, ou seja, as roupas e cabelos dariam uma ideia de como seria quando voltasse para Londres. Mary também chegou ao ponto de pedir a criada pessoal de sua mãe para estilizar seus cabelos em um estilo mais moderno, alguns cachos caindo suavemente no rosto a fariam parecer mais vivida do que uma mulher do campo. Agora, só faltava vestir-se.

Houve uma batida rápida na porta antes de sua amiga Louise se agitar quarto adentro. Louise já estava vestida para o jantar e estava

linda, como de costume, com sua figura pequena e sorriso bonito.

Louise parou assim que passou pela porta, fechando-a atrás dela.

— Ó, Mary, seus cabelos estão maravilhosos. Muito mais elegantes e adequados para sua idade.

A criada corou, claramente satisfeita com o próprio trabalho, e Mary sorriu.

— Não posso agradecer o bastante a vocês duas por me ajudarem com tudo o que pedi hoje. Eu já deveria ter agido em relação aos vestidos em vez de pensar nos sentimentos da mamãe. Eu não estava procurando, de fato, um marido antes, e assim não via uma razão. No entanto, se preciso me casar como meu pai declarou, terei que ser mais receptiva e disposta a falar com cavalheiros, de maneira honesta e aberta. Se eu parecer mais solícita, talvez eu encontre alguém que se adapte melhor à minha personalidade.

Quanto mais Mary pensava no assunto, mais fazia sentido para ela. E

Se, em vez de dispensar a todos, ela se deixasse envolver, poderia encontrar um cavalheiro que a deixasse continuar com seus passatempos, e o casamento seria feliz para ambos os envolvidos.

Louise assentiu.

— Decerto vale a tentativa. O tempo todo há casamentos em meio à *Sociedade* que são grandes combinações de amor. Não há razão para o seu não ser um deles.

— Como quem? — Mary perguntou, levantando os braços para que a criada pudesse ajudá-la a colocar o vestido.

Louise piscou, mordendo o lábio.

— Bem… Não me lembro de cabeça, mas tenho certeza de que existem casais assim.

Mary sufocou uma risada.

— De qualquer forma, é melhor terminarmos de nos vestir para o jantar, ainda há muito a ser feito.

Após vários cortes e costuras, o vestido que Mary usaria hoje era o mais revelador que ela já usou. A seda de safira exaltava seus cabelos escuros e a pele beijada pelo sol. Não havia laços ou fitas, nem rendas chamativas ou decotes altos. Este vestido era simples, mas na moda. Simplesmente perfeito para sua primeira noite provando que; embora ela pudesse gostar do ar livre, de pesca e tiro, nadar no verão, não significa que ela também não poderia ser uma dama.

Ela ficou diante do espelho Cheval, assimilando a própria aparência. Para finalizar o conjunto, a criada colocou um pequeno pingente de safira que pendia de uma delicada corrente de ouro no pescoço. A última parte da transformação. Mary sorriu, não reconhecendo a mulher que olhava de volta para ela. Ela não se parecia em nada com o antes e, ainda assim, a moça a olhando também era a mesma. E ela gostava do que via.

— Está linda. — Louise disse, vindo por trás dela e a observando pele espelho.

Ela sentiu o estômago vibrar de nervosismo e assentiu, levantando o queixo, pronta para enfrentar seu futuro.

— Creio que me servirá bem o suficiente.

~

DALE ESTAVA CONVERSANDO com Lady Hectorville, que o encurralou assim que ele desceu as escadas. As palavras sussurradas e tom sensual usado por ela já o fisgaram uma vez, em uma noite em que ele estava bêbado, e não agia como ele mesmo.

A sedução dela naquela noite havia funcionado, mas não esta noite. Nunca mais.

O motivo para Sua Senhoria continuar a procurá-lo em busca de entretenimento conjugal o deixava perplexo, na verdade, começava a se tornar um incômodo.

Ela não tinha coisas melhores para fazer com o tempo dela? A mulher precisava mesmo de um passatempo. Se não encontrasse nada além de homens para passar o tempo, logo contrairia sífilis.

A porta da sala de recepção onde todos estavam reunidos antes do jantar abriu, e Dale olhou para os recém-chegados. Tomando um gole do uísque, ele tossiu, engasgando-se com a bebida ao ver Lady Mary. Lady Hectorville o olhou com desprezo, e ele limpou a garganta, controlando as feições para mostrar uma máscara de indiferença.

Contudo, tédio era a menor de suas emoções naquele instante. Como uma mariposa era atraída para uma chama, assim a atenção de Dale foi atraída para ela. Lady Mary cumprimentou a mãe, fez uma pequena reverência e sorriu, enquanto a mãe derramava elogios pela aparência deslumbrante da filha. Fora os laços e laços que costumavam adornar seus vestidos, havia algo mais de diferente também. O novo penteado em seus cabelos era mais adequado à sua idade, e proporcionava a oportunidade de admirarem seu pescoço adorável.

— Ela está muito bonita esta noite. Eu disse a Lady Lancaster que ela deveria permitir que Mary usasse roupas mais elegantes e populares entre as jovens, mas minha amiga é bem teimosa. Contudo, cá estamos, olhe Mary agora. Uma mulher, não mais uma menina de tranças. — Lady Hectorville disse.

Com certeza, era verdade.

O decote abundante era a prova disso. E ela era apenas cinco anos mais nova que ele, não era uma senhora de idade. Se ela fosse para Londres no próximo ano usando tais vestidos, ela encontraria um marido depressa.

Tal ideia o gelou, e ele tomou um gole do uísque, afastando a própria consciência de tal tentação. Uma necessidade quente e urgente instalou-se, pesada, dentro dele, e ele respirou fundo algumas vezes para se acalmar.

Lembre-se que ela não é para você.

E embora ele soubesse disso, Dale ainda permitiu que o olhar voltasse para ela e se deleitasse da ideia, apenas por um instante, de como seria beijá-la… e talvez ter aqueles lábios curvando-se em um sorriso bonito só para ele. Até a presente data, ele ainda não encontrara uma dama que o fizesse querer desistir de suas atividades mais sensuais e se estabelecer em domesticidade. Mas o desejo correndo nas veias agora o fez olhar de verdade para Lady Mary.

Dale franziu a testa.

Ela era fogo… e fogo com fogo nunca foi uma boa combinação. Não… pois no dia em que ele decidir mergulhar em um matrimônio, será com uma dama recatada e tranquila. Com admirável força de vontade, ele afastou o olhar dela.

~

COM UMA BUFADA DESCONTENTE, Lady Hectorville deslizou para longe. Ele olhou para o lado quando um aroma doce de rosas chamou sua atenção, e seus lábios se contorceram em um sorriso.

— Boa noite, Lady Mary. Está muito atraente esta noite, embora eu acredite que esteja bem ciente disso.

Ela sorriu com malícia, tomando uma taça de vinho de um lacaio que se curvou diante dela.

— Estou sendo mais prática na minha busca por um marido e farei uso de seu conselho, serei mais amável, mais interessada, mas também precisava fazer algumas mudanças em mim mesma. — ela olhou para baixo, para o vestido e o foco dele desceu também. — Vou convencer mamãe a me comprar um novo guarda-roupa no próximo ano, mas as alterações nos meus vestidos que fiz hoje bastarão até lá.

O olhar dele se moveu pelo corpo dela, assimilando a curva acentuada da cintura dela sob o vestido de seda. Ela estava muito atraente nele. O corte império escondia o corpo dela, e Dale não pôde deixar de se perguntar se os quadris eram tão abundantes quanto os seios.

Dale fez menção de tomar outro gole de uísque e, para seu terror, encontrou o copo vazio. Ela riu, e ele soube que ela vira o lapso de concentração dele.

— Deixe-me pegar outro. — ela acenou para um lacaio.

— Obrigado. — disse ele, calor inflamando as bochechas. Ele limpou a garganta. — Então, aceitará algumas das minhas recomendações. Espero que as considere benéficas.

Ela mordeu o lábio, e ele cerrou os dentes. Uma mulher que não fazia ideia de que era encantadora, era nada menos que perigosa.

— Bem, acredito que o que me disse faz sentido. Se eu puder ter uma conversa inteligente com um homem, talvez eu goste dele o suficiente para permitir que ele me corteje. Por mais que eu adorasse continuar fugindo da armadilha de um casamento, sei que não posso fazê-lo para sempre. — ela sussurrou, inclinando-se para perto dele e proporcionando uma boa visão de seu busto e do chemise branco que se agarrava à pele dela.

Droga, ela era a coisa mais doce, e ele queria provar, saborear e desfrutar de cada grama dela.

— Lorde Weston não mencionou meu lapso de conduta desde o ocorrido. Estou feliz por conseguirmos nos dar bem como sempre.

Dale estreitou os olhos pelo tom dela que, embora determinado, trazia um quê desejoso nele.

— Lorde Weston é um cavalheiro que consideraria como um possível pretendente? — Dale se virou e observou o visconde, considerava-o um canalha, e um mais que vaidoso. Decerto não merece um espírito livre como a inteligente Lady Mary.

Ela levantou o rosto e lhe deu o perfil, enquanto olhava pela sala para onde Lorde Weston estava conversando com Lady Hectorville. Sua Senhoria não fazia outra coisa do que se pendurar a cada palavra do jovem senhor. Ele, por sua vez, aceitava toda a atenção como um glutão.

— Papai e mamãe decerto aprovariam, e como eu disse, ele é nosso vizinho. Eu não teria que sair do condado e estaria perto de casa. Entretanto, prometo que não farei nada com pressa, sem ter certeza do que quero. Após cinco Temporadas, deve acreditar em mim quanto a isso, se nada mais.

Um leve corado tomou as bochechas dela ante tal menção, e ele quis estender a mão e ver se a pele estava tão aquecida quanto parecia.

— Sente vergonha?

Um ombro delicado levantou-se em um encolher de ombros. Dale forçou o olhar para longe de sua pessoa. Com toda a seriedade, ela precisava ficar lembrando-o do que estava debaixo daquele vestido? Já era ruim o suficiente que ele soubesse que nunca poderia tê-la. Não do jeito que ele gostaria.

A ideia dela debaixo dele, seus cabelos bagunçados pelo entretenimento carnal, seus lábios inchados e vermelhos devido aos beijos dele, o corpo marcado de onde ele arrastou os lábios, do topo dos mamilos ao núcleo mais íntimo. Ela nunca mais pensaria no pomposo Lorde Weston se ele agisse de acordo com seus desejos.

Uma palma em seu ombro assustou-o, e o uísque se derramou na manga do casaco.

Peter riu.

— Alto lá, meu amigo. Não queria assustá-lo assim.

Dale colocou o copo de lado, puxando o lenço de bolso para esfregar o casaco.

— Eu não o vi chegando, nada mais.

— Irmão. — Lady Mary disse, olhando menos do que satisfeita por o irmão ter decidido se juntar a eles.

— Mary. — Peter respondeu um tom tão entediado quanto o dela. — Não deveria falar com os cavalheiros elegíveis presentes, em vez de aborrecer meu amigo com suas bobagens? Misturar-se será um bom exercício para a próxima Temporada.

Ela suspirou, revirando os olhos.

— Encantador. E espero não o estar aborrecendo, Vossa Graça. Creio poder dizer com honestidade que somos amigos e podemos falar com franqueza.

Dale notou Peter e não perdeu o cintilar de contemplação nos orbes do amigo.

— Claro que somos amigos, Lady Mary. — quando ele não se aventurou a dizer mais nada, ela pediu licença e saiu para se sentar ao lado da amiga em um sofá próximo.

— Peço desculpas, Carlton. Minha irmã é um pouco excêntrica, direta a ponto de não ter filtro. Se ela disse algo inapropriado, conversarei com ela sobre isso.

Dale balançou a cabeça, rejeitando a ideia. Na verdade, ele gostava do fato de que Lady Mary falava o que pensava. A *Sociedade* estava repleta de mentiras e intrigas e, sendo honesto, ele jamais gostou desse lado deles.

— Ela não me incomodou.

— Hm. — o amigo disse. — Bem, deixe-me saber se ela o fizer. Mesmo que você seja um duque, e um bom partido para muitas mulheres bonitas, minha irmã não é uma delas. Ela precisa entender isso.

Dale franziu a testa, sentindo, e não pela primeira vez, que Peter o considerava indigno da irmã.

— Por que diz isso? Não sou adequado para sua irmã? — a pergunta foi feita antes que ele pudesse se impedir. O que ele estava dizendo?

Os olhos de Peter se arregalaram.

— Ora, é claro que você é um bom partido para ela, mas somos amigos, e ela é minha irmã. Não se esqueça que sei o quanto é libertino, e compartilhamos muitas noites selvagens em Londres. Ela não serve para você.

Algo no tom de Peter o levou ao limite, e ele engoliu uma réplica impertinente. Em vez disso, disse:

— Pelo que você mesmo declarou, nós não seríamos um bom par, então explique o porquê. — Dale sabia o que o amigo estava dizendo. Era devido ao seu comportamento na cidade, como ele vivia. A maneira brusca em que ele existia. Noites passadas em antros de jogatina, bailes e festas intermináveis, mulheres que caíam aos seus pés, dispostas a aquecer a cama dele. Peter saber e compartilhar desse estilo de vida era razão suficiente para ele afastar a irmã de perto dele, mesmo assim, ele se sentiu insultado.

— Mary se casará por amor, ou não se casará. Se há algo que sei de minha irmã é isso. — Peter disse, sorrindo um pouco para tentar dissipar a tensão instalada entre eles.

Dale olhou para o amigo, odiando o fato de Peter pensar tão pouco dele.

— E ela não poderia me amar?

Peter olhou para ele, de olhos arregalados.

— Conseguiria amá-la o suficiente para mudar seu jeito de agir? Para com as noites de diversão desenfreada, de jogos, de flertar com cada mulher bonita que cruza seu caminho? Você, meu amigo, é selvagem, e ouso dizer que apenas uma esposa muito piedosa perdoaria seus modos libertinos. Tal mulher não é minha irmã, e as faíscas que voariam desse pareamento seriam assustadoras.

Dale voltou o olhar para os convidados reunidos, não tendo certeza se poderia responder a tal pergunta naquele instante. Ele seria um bom partido para qualquer mulher elegível, até a irmã de Peter, mas ele não iria persegui-la. Não apenas por ser óbvio que Peter não o considerava adequado para ela, ou para as necessidades dela, mas porque Dale não queria se casar ainda. Casamento, para ele, era algo tóxico, uma parceria que colocava as pessoas em desacordo e as fazia fazer coisas emocionalmente prejudiciais umas às outras. Se ele se casasse, sua esposa seria uma mulher quieta e dócil. Ela saberia seu papel como duquesa melhor do que qualquer outra coisa, portanto, nunca haveria atrito. Lady Mary não era essa mulher. Imaginar uma vida com Mary o fez prever confrontos, argumentos e debates. Ele se revirou por dentro ante a lembrança dos desentendimentos de seus pais.

— Eu não conseguiria. — disse ele, concordando com Peter. — Espero que a próxima Temporada tenha um final mais feliz para Lady Mary do que a última.

Naquele segundo, o gongo do jantar soou em algum lugar nos confins da casa, e eles fizeram o caminho até a sala de jantar. A noite passava bem o suficiente, mas sentado em frente a Lady Mary, Dale não pôde deixar de ouvir a conversa dela com Lorde Fairchild, um marquês elegível de Kent. Falaram de geografia, em particular na geologia de certas áreas da Inglaterra. Os tipos de peixes presentes nos lagos de Sua Senhoria, e que ele desfrutaria da Cabana de pesca no gelo enquanto estivesse hospedado na Mansão Bran. A risada dela, despreocupada, livre de contenção ou do que se esperava de uma mulher do berço dela o fez sorrir. De alguma forma, Lady Mary o fez ansiar por uma vida que ele nunca pensou ter. De um casamento onde se poderia ter conversas inteligentes, não apenas sobre fofocas ou vestidos, ou quem tinha um novo amante, e sim coisas reais. Coisas que impactavam suas vidas como: política, família, desejos e necessidades. Parecia que Lorde Fairchild estava pensando o mesmo.

Dale olhou para o sujeito, afastando o olhar ainda mais além, ao longo da mesa. Ele notou a preocupação de Peter, a linha endurecida da mandíbula deixando Dale saber que ele o pegou observando sua irmã.

Ele voltou o foco para a refeição e para a Srta. Grant, sua companhia de jantar, sentado à sua esquerda, determinado a tirar Lady Mary da cabeça. Se não fosse pelo bem dela, pelo menos por sua amizade com Peter.

CAPÍTULO 6



DESDE SUA TRANSFORMAÇÃO, Mary começou a desfrutar da festa na casa de campo, e nem se importava com não poder sair ao ar livre tanto quanto gostaria. Lorde Weston, mais uma enxurrada de outros jovens cavalheiros, tornaram-se mais atenciosos desde que ela modificou os vestidos para estar mais na moda. Permitiu-se ser mais aberta à ideia de ser cortejada, e Mary não concluiu que todos os homens eram desagradáveis. Lorde Fairchild amava sua propriedade rural e passava muitos meses lá em vez de na cidade.

Talvez, encontrar um marido que combinasse com ela não fosse uma impossibilidade como pensou.

No entanto, esta manhã, ela deixaria os convidados e sairia em um passeio merecido, e enviou uma mensagem para os estábulos mais cedo, para que sua égua, Pegasus, fosse selada. O ar estava agitado, cortante até, quando ela partiu em direção aos estábulos, mas com o traje de montaria verde-garrafa, luvas de pelica, chapéu de pele e o cachecol, o curto trajeto não seria muito desgastante. E ela precisava estar ao ar livre, sentir o ar no rosto, estar sozinha para pensar e relaxar em vez de ser a pessoa que a Sociedade desejava que ela fosse. Uma mulher que costurava diante da lareira e tocava piano em vez de sair ao ar livre com o tempo inclemente. Uma mulher recatada e sem opiniões próprias, tudo o que ela não era.

Ela começou a subir a colina norte na parte de trás da propriedade, deixando Pegasus seguir em um ritmo mais lento do que o habitual. A neve estava sob os pés, mas não muito grossa

para prevenir quaisquer passeios felizmente. Contudo, estava espessa o suficiente para impedir que se enxergasse algo na vegetação rasteira, que levasse o cavalo a errar e talvez se machucar.

Esse lado da propriedade foi deixado para crescer como a natureza pretendia e contava com pouca manutenção da equipe de jardinagem. Assim era para proporcionar melhores temporadas de caça e sempre garantiu que fosse um bom exercício quando os cavalheiros vinham para as viagens de caça. Mary foi para a cabana de caça um santuário próprio quando não estava em uso. A cabana detinha estábulos, sempre em bom estado, não importa a época do ano, o que significava que ela poderia colocar Pegasus em uma baia e mergulhar na leitura do dia, passear pela floresta próxima, ou apenas desfrutar da própria companhia.

Ela montou Pegasus até a entrada do estábulo e franziu a testa quando a percebeu um pouco entreaberta. Deixou aberta quando esteve aqui pela última vez? Foi há mais ou menos um mês, ou um dos jardineiros se esqueceu, sem querer, de trancar quando veio cuidar do lugar? Mary desceu do cavalo olhando para ver se via mais alguém por ali.

Ela caminhou até a porta e, ao observar o interior, viu um cavalo comendo feno em uma das baias, a sela descansava na porta, e os arreios também. Alívio a percorreu, seguido de confusão. De quem era esse cavalo?

Ela se virou, procurando, mas não podia ver ninguém. O intruso estava na cabana? Morava lá sem que a família soubesse? Não deixando Pegasus ir, ela caminhou até a cabana e espiou através de uma janela, o estômago se revolvendo em nós ao reconhecer o homem descansando em um sofá ao lado de uma janela. Sem se preocupar com o mundo, as botas no braço do sofá, um braço

descansando atrás da cabeça, casual, enquanto o outro segurava um livro.

Nesta posição descontraída, o Duque de Carlton parecia ainda mais devastador e bonito do que em um salão de baile. Ou do outro lado da mesa de jantar, observando-a a noite toda.

Mary voltou para o estábulo e acomodou Pegasus antes de entrar na cabana, sem bater. Esta cabana era dela, afinal, ou pelo menos de sua família e ela tinha mais direito do que o duque de estar aqui. Tal pensamento impulsionou a coragem dela, de que ele poderia ficar irritado por ser interrompido.

Ele se assustou, largou o livro no colo, e meio que se sentou quando ela entrou. Percebendo ser apenas ela, ele riu em prazer evidente, e o corpo dela, traidor, tremulou ao vê-lo.

— Você me assustou, Lady Mary. Não pensei que alguém me encontraria escondido aqui nesta época do ano.

Mary tirou o chapéu de pele e colocou-o em uma mesa próxima. Foi até a lareira, que queimava feroz, aquecendo o cômodo.

— Encontrou meu santuário, Vossa Graça. Eu sempre venho aqui para fazer exatamente o que está fazendo. Hoje, eu precisava de um pouco de paz, os convidados estão trancados na casa há alguns dias, e creio que alguns estão ficando um pouco cansados do interior. — e ela estava ficando cansada de alguns deles.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Você mais do que a maioria, presumo eu?

Ela assentiu uma vez.

— Seu palpite está correto, mas… — ela disse, gesticulando para o livro dele. — Estou mais do que disposta a deixá-lo em paz e voltar amanhã. Não quero me intrometer.

Mesmo que esta cabana de caça fosse dela, o duque chegou primeiro, e ela estava desacompanhada.

Ele sentou-se, colocando o livro ao lado dele. A ação evidenciou, mais uma vez, como ele era largo na altura dos ombros, como as coxas eram musculosas e as mãos grandes. A memória dele segurando-a após ela trombar com ele, flutuou em sua cabeça, trazendo outros devaneios. Das mãos dele correndo pelo corpo dela, puxando-a para perto, provocando-a em todas as terminações nervosas, causando arrepios.

— Por favor, fique. Você está tremendo, com frio, é óbvio. Deixe-me buscar um pouco de água e faremos um pouco de chá.

Mary não corrigiu a suposição dele quanto aos arrepios. Ela olhou para baixo, puxando as luvas, controlando-se para não escancarar a boca conforme ele se levantava. Ele pegou a velha chaleira de metal de um banco próximo e seguiu para a porta. Por mais que ela tentasse evitar, seu olhar o procurou através dos cílios, e ela admirou a visão dele por trás quando ele saiu pela porta.

Ao ser deixada sozinha, ela suspirou. Quem se casasse com o duque seria uma mulher de muita sorte. Pensar em ser arrebatada por ele era quase o suficiente para arrancar qualquer outra pessoa da cabeça dela. Decerto Lorde Weston não evocava as ideias e imaginações que o duque evocava. Nem Lorde Fairchild.

Ela contemplou aquele ponto antes que ele voltasse e colocasse a água na pequena grelha posicionada acima das chamas. Ele voltou para o sofá, e dobrando as pernas, ele perguntou:

— O que mais gosta de fazer, Lady Mary, além de fugir para cabanas de caça quando ninguém está olhando?

O sorriso preguiçoso dele fez o sangue dela esquentar. Mary sentou-se, puxando as pernas para cima, para as colocar sob o corpo e pegou uma almofada próxima para se apoiar nela.

— Quer mesmo saber, Vossa Graça?

Poucos cavalheiros se importavam em saber como as mulheres passavam o tempo, contudo, nada que o duque fez desde que ela o conheceu, parecia ter algum sentido. Sendo assim, ela estava disposta a dar o benefício da dúvida, caso ele fosse sincero em querer saber.

Ele abriu um meio sorriso.

— Eu não teria perguntado se não estivesse interessado.

O duque estava ficando mais interessante a cada minuto.

— Aprecio, em especial, pescar tanto nos meses de inverno e verão. Eu amo nadar e passei a praticar escalada há pouco. Como sabe, temos bons picos aqui em Derbyshire.

Um pequeno sulco apareceu entre as sobrancelhas dele.

— Gosta de escalar afloramentos rochosos? Não é perigoso? Seus pais sabem que pratica tal esporte?

Ele a olhava como se ela tivesse perdido metade da cabeça.

Mary deu de ombros.

— Não conte aos meus pais, eles não sabem. E tomei precauções e prendi algumas cordas. É tudo bem seguro, contanto que as cordas estejam firmes.

Ele a contemplou por um longo instante, e ela lutou para não se mexer no lugar. Como ele conseguia fazê-la se sentir toda quente e confusa cada vez que estava perto dele? Ele a fazia querer coisas diversas, tão diferentes da presente vida dela. Uma casa própria, um casamento, filhos, tudo o que não ansiara até então. Ela franziu a testa, pensar nisso era tão desconcertante quanto assustador.

— Não deveria estar escalando rochedos sozinha, Lady Mary. E se cair? Pode levar dias, semanas até alguém a encontrar por aqui. Pode morrer antes disso.

Tudo verdade, e nada que ela não tivesse pensado, mas todos os seus passatempos eram uma fuga do dever, e ela estava

relutante em precisar parar. Era quem ela era, afinal, fingir ser qualquer outra pessoa era impossível de imaginar.

— Eu nunca vou muito alto, mas gosto da emoção. — ela suspirou, sorrindo ante o pensamento de que no próximo ano seria sua última oportunidade de agir de maneira tão despreocupada. A menos que ela encontrasse um marido que permitisse que ela continuasse com suas paixões. — É tão emocionante quando se chega ao pico, me faz querer repetir uma e outra vez.

O duque se mexeu no lugar e limpou a garganta.

— Chá, creio eu.



DALE NÃO SE LEVANTOU da cadeira.

Ele sabia que deveria se levantar e ajudar Lady Mary com as xícaras de chá, açúcar e o bule, mas ele apenas não podia se mover. Ainda não, pelo menos. Após o pequeno bate-papo sobre escalada, chegar aos picos e querer repetir tudo de novo, tudo o que ele conseguia pensar era em como ela ficaria debaixo dele, dando e ganhando prazer.

A dureza nas calças dele seria óbvia até mesmo para uma pessoa cega, e assim ele continuou sentado, tentando imaginar qualquer outra coisa que não a pequena atrevida diante dele, contorcendo-se, ofegante, mordendo aquele doce lábio inferior dela quando ele levasse os dois ao clímax.

Ele gemeu, pendendo a cabeça para trás, para olhar para o teto. Ele era um verdadeiro asno. Um patife que não conseguia pensar em nada além de arrancar esta rosa doce diante dele e colocá-la no bolso do casaco.

Mary arrumou a mesa a frente dele, colocando as xícaras e pires enquanto esperavam a chaleira no fogo ferver.

— Está tudo bem, Vossa Graça? Parece um pouco corado.

Ele inclinou-se para a frente, em parte para tentar disfarçar a virilha, que felizmente estava começando a se comportar, e porque queria estar mais perto dela.

— Estou bem, garanto. Apenas aproveitando dessa minha companhia inesperada.

Ela sorriu para ele.

O gesto foi genuíno, e riso se escondia naqueles olhos. A irmã de Peter era, em suma, uma mulher jovial e feliz. Ela com certeza falava com seus convidados como se todos fossem seus amigos, e ela gostava de rir de piadas, mesmo quando Dale sabia que nem todas eram contadas por um Lorde Weston excessivamente divertido.

Dale decidiu que gostava muito dela e que gostaria de vê-la encaminhada e feliz, com um cavalheiro que a permitisse fazer o que quisesse, inclusive as escaladas.

— Eu também. Quando soube que Peter traria um duque para casa este ano, tive uma infeliz noção de como você seria.

— Mesmo? — ele disse, interessado em saber que ideias ela pode ter tido dele.

As dele, ao vê-la pela primeira vez, foram menos do que corteses, e ele sentia vergonha do que pensou dela naquela noite. Um desastre com muito pouco senso de moda. A mulher sentada diante dele cuidava da própria vida, e era irreconhecível se comparada à mulher que ele enxergou naquela primeira vez:

— Conte-me o que pensou.

Lady Mary sorriu, os olhos dançando com travessuras.

— Pensei, de verdade, que você seria um pedante. Todo nariz em pé e nos olhando com desprezo. Mesmo que meu pai seja um conde e Peter seu amigo, eu não consegui deixar de me perguntar se o senhor considera tais festas em casa, festivas e alegres, pouco para você.

— Ahh. — ele disse, inclinando-se para trás e correndo uma das mãos pelos cabelos. — Então, você ouviu os rumores?

O sorriso dela aumentou, e Dale encontrou-se sorrindo.

— São rumores ou fatos declarados? — ela controlou as feições e direcionou um olhar penetrante para ele. — É mesmo tão selvagem quanto dizem que é? Ou a *Sociedade* está enganada ao julgá-lo tão mal?

Dale queria que o julgamento fosse incorreto, mas não era. Então, como responderia a tal pergunta sem parecer o libertino consagrado que, na verdade, ele era?

— A *Sociedade* não está de todo incorreta. — ele não podia dizer mais, pois essa conversa era muito inapropriada. Dizer à irmã de Peter que ele teve diversas parceiras na cama, às vezes ao mesmo tempo, não era o que… — Seu irmão me disse que você tem vinte e três anos.

— Correto. — ela se levantou e foi até o fogo, pegou um pano que estava no mantel e, em seguida, tirou a chaleira da fervura. Ela derramou a água quente no bule e balançou-o um pouco, antes de deixá-lo de lado para a infusão.

— Quantos anos tem? — ela perguntou em troca, encontrando seu olhar.

— Vinte e oito. Idade suficiente para saber que nossa conversa não é apropriada.

Ela riu, profundo e provocador, e o som aqueceu o sangue dele.

Ele não deveria gostar tanto dela, ou da companhia. Com certeza, ele nunca teve essa reação a ninguém.

— Então, é uma sorte eu não ser apropriada. Só precisa perguntar à minha família o quão inapropriada eu posso ser às vezes. Tenho certeza de que sou vista pela maioria das pessoas como muito indisciplinada. Assim como já descobriu.

— Gosto do seu lado indisciplinado. — Dale fechou a boca com um estalo.

O que ele estava dizendo? Ela era irmã do melhor amigo dele. E pelos olhares que Peter dera no jantar da outra noite ele não queria que Dale chegasse perto dela. Sem mencionar a expectativa dos pais de Lady Mary de que ela faça um bom casamento na próxima Temporada. Ele esperava que ela não o considerasse nessa busca pelo casamento. Ele seria um marido terrível para ela. Ambos com naturezas independentes, a vida deles nunca seria calma e tranquila, e ela não possuía a natureza obediente que ele sempre quis em uma noiva e casamento.

Deus sabe que Dale nunca toleraria ser mandado por uma intelectual.

— Ouso dizer que seremos amigos, Vossa Graça?

A declaração dela puxou-o de suas reflexões, e ele assentiu uma vez.

— Claro. Gostaria de pensar que sim.

Ela se inclinou e serviu as duas xícaras de chá.

— Açúcar? Leite?

— Ambos, por favor. — ele respondeu, sempre uma formiga, mesmo quando se tratava de bebidas quentes.

Lady Mary passou-lhe a xícara, um pequeno e delicado pires sob a peça de porcelana fina e Dale aproveitou a oportunidade para

tocar os dedos dela, sem luvas. Estavam quentes, eram macios e fizeram coisas estranhas ao estômago dele.

— Obrigado. — disse ele, voltando a encostar-se na cadeira e tomando um gole bem necessário.

— Se quisermos ser amigos, posso chamá-lo pelo seu nome? Gostaria que me chamasse de Mary.

Uma vozinha de alerta em sua mente dizia que esta familiaridade era errada. Que ele não deveria ficar tão confortável com tal mulher, muito menos tratarem-se pelo primeiro nome, mas ignorando seu próprio conselho, ele se viu dizendo:

— Eu gostaria disso. Você, por sua vez, pode me chamar de Dale, ou Carlton.

Satisfeita consigo mesma, ela se acomodou na cadeira, mais uma vez colocando as pernas debaixo dela.

— Bom, porque agora que somos amigos e você é do mundo, eu gostaria de mais conselhos.

Maldição.

No que ele se meteu agora?

— Depende do que perguntar. — ele disse, cautela sombreando seu tom.

— Gostaria de um conselho em relação a Lorde Weston. Eu o conheço, como sabe, pela maior parte da minha vida, ele é nosso vizinho, afinal, e como ele passa tanto tempo na cidade, se eu me casasse com ele, eu estaria livre para ficar aqui em Derbyshire, perto de casa e de todos os meus lugares favoritos no mundo para explorar.

Uma pedra dura e fria se alojou dentro dele ante a ideia de Mary se casar com Lorde Pompa, que na estimativa de Dale, era pior que ele quando se tratava de andanças na cidade. Ao contrário de Dale, Lorde Weston não se importava com o que acontecia com suas

conquistas após o término de tudo. Ele apenas dava as costas e seguia para a próxima. Aquele cavalheiro adorava a perseguição, adorava ser o centro das atenções, e Dale sabia com todo o seu ser que ele nunca seria fiel a Mary.

— Pensando melhor, não acredito que Lorde Weston seja adequado, afinal. — ele tomou um gole de chá, não deixando de notar o vislumbre de aborrecimento nos olhos de Mary. — Ele não está procurando uma esposa. Disse isso, a Peter e a mim, há poucos dias. Deveria tentar Lorde Fairchild. É mais adequado à sua natureza.

— Mesmo assim. — ela disse, mordendo o lábio inferior. — Tenho certeza de que se eu conseguisse beijar Sua Senhoria, ele veria que seríamos um bom par. E que eu não criaria problemas no casamento.

Dale quase não se impediu de xingar. Casar-se com Lorde Weston significaria, para ela, um casamento talvez pior do que o dos pais dele. Mary exigiria lealdade, respeito e liberdade. Todas estariam em falta se ela se casasse com Lorde Weston. Seria apenas questão de tempo, antes que ela percebesse o erro com que, por um infortúnio, ela teria que conviver por muitos anos.

— Não beijará Lorde Weston, nem se casará com ele. Ele não é para você.

Ela levantou uma sobrancelha, olhando-o com interesse.

— Ele é a melhor opção. A propriedade dele é do outro lado desses campos, pelo amor de Deus. E está errado também. Beijarei Sua Senhoria, sim, se eu quiser. Não importa se acredita que não posso reivindicar um.

Dale colocou a xícara de chá na mesa diante deles, inclinando-se.

— Creio que ele seria um tolo se a beijasse. Isso lhe daria falsas esperanças. Caso Sua Senhoria a beijasse, seria apenas por razões egoístas e para provocá-la.

Ela se levantou, um bufo indignado escapando da boca.

— Não me considera beijável.

Ora, inferno, não, não era o que ele estava pensando, ainda mais agora que ela era toda fogo e enxofre. Se ao menos ela soubesse que, neste momento, ele queria reivindicar aquela boca. Beijá-la com vontade, um beijo profundo, puxá-la para perto e tê-la para si.

— Claro que não, mas mulheres jovens como você, uma inocente…

— Ora essa, por favor, poupe-me da palestra. — ela disse, cortando-o. Vou provar para você. Antes que essa festa acabe, beijarei Lorde Weston como se deve e contarei tudo para você. Então, você saberá o que pode fazer com sua opinião quanto a minha idade e inocência.

Antes que ele pudesse responder, ela correu da cabana, batendo a porta atrás dela.

— Inferno. — ele xingou.

Agora ele ferira o orgulho dela, e teria que vigiá-la como um falcão para que ela não se fizesse de boba com Lorde Weston. Que, como um gato, brincava com as vítimas antes de consumi-las. E ele estava determinado a garantir que Lady Mary não seria o banquete de ninguém.

CAPÍTULO 7



MARY SE AFASTOU do duque ao longo dos dias subsequentes, mesmo que o olhar a procurasse a cada segundo de cada dia. Ele estava a seguindo, ela tinha certeza, garantindo que ela não fosse adiante com a ameaça de beijar Lorde Weston. Não que ela tivesse tido a chance de se aproximar de Sua Senhoria já que a amiga da mãe, Lady Hectorville, pareceu afeiçoar-se ao jovem visconde.

Hoje à noite, sua mãe organizara uma noite de cartas para todos os convidados desfrutarem. Mary sentou-se ao lado de Louise na mesa de uíste, e contemplava suas cartas, o tempo todo ciente do duque carrancudo que se sentava ao seu lado. Entretanto, ao contrário dela, ele estava carrancudo pela pessoa dela, e não pelas cartas que segurava.

Ele estava tão bravo assim com ela, por ela dizer que beijaria Lorde Weston? Por que razão ele se incomodara, ela não conseguia entender. Provavelmente uma afeição fraternal que o fez se sentir honrado devido à amizade com Peter. Ela o estudou, tentando o desvendar. Ele olhava por cima das cartas, um olhar sombrio e cheio de determinação, mas havia outra coisa à espreita naquele olhar. O que era ela não sabia dizer. A pele dela despertara com consciência, e ela olhou para trás, para a mesa, sentindo-se instável de repente.

Louise distribuiu a última rodada, e ao passar os olhos pelas cartas, Mary viu que a sorte estava ao seu lado, e ela ganhou a última cartada com um ás de copas, batendo o rei de copas do duque. Mary riu, aplaudindo ante sua boa sorte. Ela sorriu para o

duque, sentindo-se bastante como uma conquistadora. Sua Graça se inclinou para o encosto da cadeira, jogando as cartas na mesa.

— Muito bem, Lady Mary. Você derrotou a todos nós.

— Claro, sempre consigo o que quero, Vossa Graça. — ela disse, querendo que ele soubesse que não falava apenas de um jogo de cartas. Perscrutou a sala, observando que Lorde Weston não estava mais presente. Onde ele havia ido? Ele estivera observando a partida.

— Outra partida, Mary? — Louise perguntou, embaralhando as cartas com maestria.

— Agora não, Louise. — Mary se levantou — Se me der licença por um minuto.

Ela partiu para a porta com o plano de dizer, se alguém perguntasse, que estava indo ao quarto de descanso que a mãe providenciara em outro andar. Mary saiu para o corredor e virou-se para onde o cômodo estava localizado. A casa de campo dos pais dela era uma das maiores do condado, e quando jovem, ela perdeu a conta ao tentar contabilizar quantos cômodos havia ali.

O salão possuía várias arandelas iluminando o caminho, além de candelabros, o cheiro de cera de abelha permeava o ar. A passadeira Aubusson sob seus pés amortecia cada passo, e ela sorriu, cumprimentando um par de senhoras por quem passou. Chegando na porta da sala descanso, ela continuou. Lorde Weston mostrara ter gostado da sala de bilhar do pai dela, e era possível que ele estivesse passando algum tempo lá.

Ela chegou ao cômodo pretendido, e espiou através da porta. Candelabros estavam acesos, um fogo bem cuidado queimando na lareira, porém, o cômodo em si estava vazio. Franzindo a testa, ela deu meia-volta, tentando imaginar onde mais ele estaria. Mary

continuou, procurou no conservatório e no terraço e todos estavam sem vivalma.

Talvez ele tenha voltado para a sala de jogos. Ela se virou outra vez e pegou um atalho, passou pela biblioteca de seu pai, e pelo pequeno escritório que ele usava quando precisava de paz e privacidade. Esta área não estava iluminada, mas conhecendo bem o cômodo, ela cruzou sem problemas o espaço em direção à outra porta, que levava a um corredor.

Foi quando ela ouviu.

Uma risada feminina seguida de um suspiro masculino, ofegante e pesado.

Mary retesou, nunca havia ouvido tal barulho. Olhou para os recessos escuros da sala, mas com a mesa do pai dominando o espaço, Mary não podia ver além.

Outro suspiro masculino.

— Sim, desse jeito. Chupa.

Mary deu um tapa na boca para esconder o suspiro. Por que um homem estaria dizendo uma coisa dessas? E para quem ele diria? Como as vozes eram sussurradas, ela não conseguia distinguir que convidados dos pais estavam atrás da mesa, porém, com certeza, eram dois.

Ela foi na ponta dos pés até a mesa e olhou por cima. Mary tropeçou para trás, derrubando a cadeira atrás dela e, com um baque alto, caiu no chão, bumbum primeiro.

Um xingamento abafado veio do outro lado da sala, mas Mary não se preocupou em esperar que o casal ficasse de pé e a visse lá. Ela correu para a porta da biblioteca, batendo a porta do escritório do pai com firmeza atrás dela, e correu o mais rápido que conseguia de sapatilhas de seda e um vestido que não foi feito para facilitar tal atividade física.

Mary deixou a biblioteca, entrando na sala particular da mãe e bateu de cabeça no duque de Carlton.

De novo…

Os braços dele a envolveram, e pela segunda vez, eles caíram, Mary aterrissando em cima dele. O duque emitiu um “unf…”, por receber todo o peso da queda.

Desta vez Mary recuperou-se o mais rápido que pôde, determinada a sair, a fugir de todos e ir para o quarto dela. Lágrimas pinicaram seus olhos pelo quão boba ela foi nos últimos dias. Pensando que Lorde Weston poderia ser mesmo um candidato ao casamento. Que ele pudesse gostar do que via nela, e ser o primeiro e último homem a beijá-la como se deve. Vergonha a dominou por não confiar em si, em não ouvir o duque e permitir que o pouco de atenção que ele lhe deu nos últimos dias dessem origem a esperanças de que o casamento com um homem que se adequasse ao seu caráter era uma possibilidade.

Ela era uma tola.

— Mary espere. — o duque disse, alcançando-a e fazendo-a parar. — Está chateada. O que aconteceu?

Naquele exato segundo, Lorde Weston e Lady Hectorville entraram correndo na biblioteca do pai dela, tanto Mary quanto o duque se voltaram para olhar para eles. Eles ainda estavam desgrenhados, mas ao menos, estavam vestidos. Calor floresceu nas bochechas de Mary, e ela virou de costas. Ela conseguiu ouvir Lorde Weston começar a andar em direção a eles, mas o duque os afastou, batendo a porta da sala de estar e deixando os outros dois do lado de fora. O som alto de um trinco fechando ecoou na sala, antes de um braço reconfortante surgir no ombro dela, levando-a em direção a uma cadeira próxima.

— Não precisa me contar o que viu, basta olhar para eles para saber. Deseja que eu conte aos seus pais das ações de Lorde Weston e Sua Senhoria?

Mary balançou a cabeça, envergonhada que uma parte dela, a outra parte que não estava afrontada ou chocada com o que viu, estava um pouco curiosa. Até com ciúmes. Homens e mulheres podiam fazer essas coisas um com o outro? Se pudessem, ela nunca saberia.

— Não, Vossa Graça, não será necessário. — ela ficou de pé, abrindo um pequeno sorriso.

Ele continuou sentado, olhando-a, e minha nossa, ele era tão bonito. A mandíbula forte e maçãs do rosto cinzeladas, ele era um Adônis inglês.

Diante dela se sentava um dos cavalheiros mais procurados da Inglaterra, e assim como com o resto deles, Mary sempre foi a amiga bem-humorada, a irmã confiável e inteligente do futuro Conde de Lancaster. Jamais uma dama para cortejar, flertar, e talvez roubar um beijo ou dois. Ó, não, ela era demasiado invisível e intelectual para ser vista como qualquer outra coisa além.

— Agradeço sua preocupação, mas creio que vou me retirar para o meu quarto. Não estou mais com vontade de socializar hoje.

Mary saiu sem outra palavra, e assim como esperava, o duque não tentou impedi-la. E por que ele tentaria? Ele não a via como nada além de uma amiga. Uma mulher para respeitar, e nada mais.

Parecia ser a história da vida dela, e ela estava cansada disso.

~

A NOITE DO BAILE DO VISCO chegou com um dilúvio de neve, mas mesmo o frio do ar livre, não poderia amortecer a animação

que os hóspedes sentiam com o baile festivo.

Dale estava parado em uma das laterais do salão de baile de Lorde e Lady Lancaster e observou Lorde Weston falar como o pavão que era. O desgraçado ter sido pego com Lady Hectorville, as calças abertas ainda, deixara pouco espaço para imaginação em torno do que ele estava fazendo com Sua Senhoria. Dale nem precisou perguntar à Mary o que ela viu.

Que a pobre garota tivesse algum sentimento em relação a Lorde Weston era uma infelicidade. O homem não olharia para a moça uma segunda vez. Ela era muito opinativa, e se Dale estivesse certo, Mary era demasiado inteligente para tal, e o cavalheiro era muito grosso para perceber. Com o próprio senso de importância, essa era uma característica que Dale sabia que Lorde Weston não toleraria em uma noiva.

Ainda assim, Mary não merecia aprender esta lição como aprendeu, e ele faria questão de a procurar hoje à noite e dançar com ela.

Um bafafá passou pelo mar de convidados, e Dale guiou o olhar para o outro lado do cômodo, tentando ver o que estava deixando todos os outros em polvorosa.

Ele sentiu a boca abrir e fechou-a com um estalo.

— Inferno. — ele murmurou, lembrando-se de respirar.

Os olhos dele se deleitaram ante a visão Lady Mary que entrava no Salão. Como ela ficou escondida, por tanto tempo, se havia tanta beleza debaixo de todos aqueles vestidos atrozes que a mãe dela a fez usar? Mais preocupante, talvez, era como ele deixara de ver tal prêmio.

Esta noite, Mary brilhava como um diamante raro entre falsas joias.

De braço dado com a amiga mais próxima, Louise, ela caminhou entre os convidados, acolhedora e sorridente como era de sua natureza. Dale assistiu enquanto ela passava por Lorde Weston e Lady Hectorville, satisfeito em ver que ela se recusou a ser atraída para a conversa, mesmo que o canalha do Lorde Weston ainda tenha tentado, mesmo após as ações vergonhosas dele, testemunhadas por ela.

Tal pensamento fez Dale odiá-lo ainda mais e, sob nenhuma circunstância, ele permitiria que Sua Senhoria tocasse em um único fio de cabelo daquela cabeça escura e bonita.

O homem que ganhasse o coração de Lady Mary seria digno de suas afeições. Como melhor amigo do irmão dela, ele garantiria que assim fosse, e garantiria que Peter também seguisse essa regra. Uma raridade como Mary não deveria se casar com alguém que não a mereça.

Dale estreitou os olhos, a ideia de ela estar casada com outra pessoa, rindo e se divertindo como agora, não o encheu de prazer. Se algo, azedou o humor dele. Ele esfregou uma das mãos na mandíbula, sem ter certeza de por que razão isso o incomodava tanto.

— Minha irmã é um sucesso, ao que parece. — Peter disse, chegando a Dale e puxando o olhar dele para longe dela.

Ele assentiu, controlando as feições.

— Parece que sim. Eu o avisaria para mantê-la longe de Lorde Weston. Creio que Sua Senhoria tem outras ideias quando se trata de casamento.

Eles olharam para o cavalheiro em questão, e Dale ficou feliz que Peter visse Lady Hectorville deslizar a mão ao longo do braço de Lorde Weston, o nível de intimidade entre os dois era óbvio para

qualquer um que já tivesse aproveitado de tais entretenimentos em festas rurais como esta.

— Entendi. — Peter disse. — Mencionarei minha preocupação ao meu pai, mas quanto a Mary, bem, ela não parece saber que Sua Senhoria está aqui. — Peter meneou a cabeça para o centro do salão. — O que pensa de Lorde Fairchild? Ele decerto seria um bom marido para ela. Ele é intitulado, o tipo de sujeito bom que não se envolve em nada notório, e ele tem uma cabana de caça em terras escocesas, mesmo vindo de Kent. As terras altas têm boas caças.

Dale voltou o olhar para Mary, que dançava um minueto com Lorde Fairchild. O sorriso dela iluminava o ambiente, e a tranquilidade dos dois juntos era clara. O rosto de Mary mostrava algo semelhante ao encantamento ao olhar para Sua Senhoria, e a recíproca era verdadeira.

Um nó frio se alojou em Dale.

— Não o conheço bem, mas não ouvi nada que causasse preocupação também. — Dale disse, sabendo que se ele falasse algo ruim do nome do cavalheiro, Peter ouviria e não permitiria que a irmã fosse cortejada por ele. Contudo, Dale não poderia agir com tanta desonra. Ele fez questão de relaxar, abrindo as mãos até então cerradas em punhos ao lado do corpo.

— Ele parece bastante apaixonado, se eu for honesto. — Dale preferiu dizer. — Lady Mary pode não precisar de outra Temporada, afinal.

Peter assentiu e, em seguida, bateu em suas costas.

— Tenho vergonha de admitir que fui atroz com você há alguns dias.

— De que forma? — Dale pensou nas conversas que tiveram e não se lembrou de nada ofensivo.

— Eu meio que o avisei para se afastar da minha irmã, embora não de maneira direta, mas sinto que possa ter acreditado que eu o tenha feito. Espero não o ter ofendido. Culpe uma proteção de irmão, e saiba que acredito que minha preocupação seja uma noção absurda.

Dale virou-se, brusco, para Peter.

— Por que foi uma noção absurda?

Peter levantou uma sobrancelha, os olhos cheios de alegria.

— Porque você nunca olharia para Mary de tal forma. Para começar, ela não é o seu tipo habitual e, bem, ela pode ter se arrumado mais do que o de costume para o evento desta noite, mas amanhã ela estará de volta ao seu normal; intelectual e solteira convicta, e tudo isso será esquecido.

Dale girou para ver os dançarinos, uma em particular cuja risada contagiante fazia os lábios dele se contraírem. Se ao menos fosse verdade. Dale percebera, fazia vários dias já, mesmo antes que ele fosse honesto consigo mesmo, a atenção dele permanecia em Mary com bastante frequência. Ele sempre tinha uma profunda consciência de quando ela entrava em um cômodo, ou quando ele a via em algum lugar da casa, ocupada com as próprias atividades.

De todos os convidados aqui para as celebrações de Natal, Mary era de longe a mais interessante. E agora com seu senso de moda recém-encontrado, ela estava florescendo em uma mulher bonita, confortável com quem era, não importa com quem ela conversasse. Agora permitia que os cavalheiros admiradores a cortejassem, não agia com tanta frieza e distância. Tal mudança fez a pedrinha áspera que ela já foi brilhar como um diamante.

Não que Peter precisasse saber seus pensamentos. Se a amizade deles fosse sobreviver, ele teria que superar a crescente

admiração pela irmã do amigo e encontrar outra dama para ocupar seu tempo e atenção.

— Claro que tem razão. Quando se trata de sua irmã, ela está bem segura comigo.

Incapaz de afastar os olhos dela, ele sorveu a visão de perfeição que ela representava. Como se sentindo o escrutínio dele, ela olhou para cima, e seus olhos se encontraram. Sustentaram-se.

Um tremor de consciência o dominou, como se ela tivesse reconhecido a mentira que ele acabara de contar e o repreendesse por isso. Em uma fração de segundo, ela se voltou para Lorde Fairchild, e ele cerrou o punho ao lado do corpo, antes de pedir licença e deixar o salão de baile.

Ele não poderia desejar Lady Mary. Cerrou os dentes, indo para a sala de jogos montada na biblioteca de Lorde Lancaster para a noite, precisando de um pequeno descanso. Ele precisava retomar o controle de sua atração pela garota que, que ele fez questão de se lembrar, não era o que ele queria.

Ele passou toda a infância ansioso com as discussões dos pais, ele não teria um casamento em que a mulher poderia questionar suas decisões e discutir com ele. Não que ele pudesse ser violento com uma mulher, porém, no calor de uma discussão, ele também sabia que não tivera os melhores modelos de como agir em tais situações. O risco era muito alto.

Ele estava na mesa de Faro com Lorde Lancaster e dois outros cavalheiros que não conhecia até as festividades. Estava pronto para perder, sem rodeios, se perder significasse que se esqueceria da joia no salão de dança.

Ele descontaria as próprias frustrações aqui em vez de com Lady Mary, pois sabe que se a oportunidade aparecesse, ele daria o

desejado primeiro beijo de verdade dela, e aproveitaria cada segundo dele também.

CAPÍTULO 8



MARY DEIXOU O SALÃO após dançar com tantos cavalheiros quanto o tempo permitiu até o jantar ser anunciado. Com todos ceando na sala de jantar, ela aproveitou para sair e ter um momento de paz.

Mesmo tendo gostado dos cavalheiros que a cortejaram esta noite, Lorde Fairchild em particular, aquele com quem ela mais esperava dançar, esteve ausente.

Ela passou pela biblioteca e dando uma espiada não conseguiu ver o Duque de Carlton em qualquer lugar. Então, onde ele estava? Ele não voltou para o salão de baile após ela o ter visto durante a primeira dança, e como acompanhou a mãe até a sala de jantar para a refeição, ela sabia que ele não entrara lá também.

Mary verificou os refúgios habituais que os cavalheiros costumavam buscar em tais bailes e festas, mas a sala de bilhar estava vazia e o conservatório também, então ele não estava tendo um encontro à meia-noite com ninguém.

A ideia fez o estômago dela revirar de nervoso. Ela afastou a imagem da cabeça, não querendo imaginar o duque com ninguém. Mary fez uma pausa no limiar de uma pequena sala que raramente era usada durante os meses de inverno devido à sua posição e falta de luz solar ao longo do dia.

Pelo menos aqui, ela poderia ter um instante sozinha, recuperar a compostura e lembrar-se que a inclinação que sentia para com o duque existia apenas por ele ter sido tão gentil ao encontrá-la em perigo perto de Lorde Weston.

Um cavalheiro como ele nunca olharia para uma mulher como ela. Ele era um amigo, sim, mas ela estava se iludindo, se vislumbrasse qualquer coisa a mais vindo dessa amizade.

Mary abriu a porta e a fenda de luz do corredor iluminou uma figura solitária sentada na chaise, olhando para a lareira não acesa diante dele.

— Vossa Graça. — ela disse ao entrar na sala e fechar a porta. — Está tudo bem? Está sentado aqui no escuro.

Ele se virou e a observou; os olhos nublados e escuros eram complicados de ler nesta sala sombria, apenas um pouco iluminada pela luz da lua que chegava através das janelas.

— Você não deveria estar aqui sozinha comigo, Mary.

A voz dele soou irritada, e ela mordeu o lábio. Talvez não fossem amigos, afinal, e ela viu mais do que havia ali.

— Desculpe, Vossa Graça. Vou deixá-lo em paz. — ela se virou para a porta, odiando que seus olhos arderam ante a rejeição.

— Espere. — ele disse quando a mão dela apertou a maçaneta da porta.

Mary girou de volta, mas não se aventurou a falar.

Ele ficou de pé, observando-a com uma intensidade que enviou um arrepio de consciência pela espinha dela. Assim como aconteceu quando ela estava dançando mais cedo com Lorde Fairchild e flagrou o duque observando-a. Ele pareceu descontente ao vê-la, e ela não pôde deixar de se encucar por isso. Não conseguiu deixar de esperar que signifique que ele não gostava de vê-la dançar com ninguém além dele.

O duque correu uma das mãos pela mandíbula, parecia lutar com algum tumulto interno.

— Já ganhou seu beijo de verdade?

Ela se assustou, não esperava que ele fizesse tal pergunta.

— Você se importaria ou mesmo gostaria de saber se já aconteceu, Vossa Graça? Não tem outras preocupações mais tributantes em sua mente do que se eu fui beijada ou não?

— Não deveria me importar — ele disse com um ar descontente. —, mas me importa.

O que isso significa? Mary caminhou devagar em direção ao duque. Ela não conseguia decifrar o humor dele, mas a maneira como ele estava parado diante dela, quase como se estivesse com medo dela, prestes a fugir dali a qualquer instante, a deixou mais ousada do que de costume.

— Para responder sua pergunta, não, não beijei ninguém, mas a noite é uma criança, e eu pareço ter chamado a atenção de alguns cavalheiros elegíveis esta noite. Talvez minha sorte esteja mudando. — ela brincou.

Sua graça franziu a testa.

— Você se jogaria em qualquer um?

Mary arfou.

— Perdão? — ela disse, chocada que ele dissesse tal coisa. Ela não era uma mulher da vida. — Ciúmes não combinam com você, Vossa Graça.

No segundo em que as palavras deixaram seus lábios, ela se arrependeu. Claro que ele não estava com ciúmes, estava apenas cuidando da irmã de um bom amigo. Não queria que ela fizesse um espetáculo de si, ou se fizesse de boba.

Ele se aproximou e o peito dele esbarrou no dela. Mary lambeu os lábios, gostou da sensação dele tocando-a ali. Talvez houvesse uma parte dela que queria agir de uma forma um pouco selvagem, rebelar-se contra a gaiola de conformidade que fora obrigada a ficar na vida.

O amor pelo ar livre, por atividades que só os homens costumavam poder se engajar, mas que não deveriam excluir o tido sexo frágil. Por que as mulheres sempre precisavam fazer o que mandavam? Seguir normas ditadas e se comportar? Não cause um escândalo. Por que seu marido não poderia amá-la com uma paixão que combinasse com o espírito dela?

— Se eu a beijasse, Lady Mary, temo que eu arruinaria todos os beijos futuros que deve receber de outros pretendentes, ou mesmo os do seu futuro marido.

As palavras dele despertaram o temperamento ousado dela, e com coragem, ela levantou a mão para passá-la pela lapela do casaco dele. O material superfino era macio ao toque, porém, abaixo dele havia um plano duro, um coração disparado que até ela conseguia sentir sob a palma da mão.

— Talvez seja eu quem arruinará todos os seus beijos futuros, Vossa Graça. Posso ser uma senhorita inexperiente, mas aprendo depressa.



DALE ENCAROU a pequena travessa diante dele, o rosto doce enganador, tentá-lo como nenhuma outra fizera antes, e ele rangeu os dentes, se perguntando se deveria beijá-la e provar de vez que ela nunca teria um instrutor melhor nessa arte que ele. Ele se inclinou, não mais que a distância de uma pena separando os lábios dos dois. Tão perto assim, ela cheirava tão divina quanto parecia, um pequeno pedaço de mau caminho esperando para ser devorado.

— Gostaria que eu a beijasse, Mary? — ele usou o primeiro nome dela, e não perdeu o prazer que inundou seu rosto.

A mão dela, que ainda estava firme no peito dele, deslizou por cima do ombro dele para o envolver pelo pescoço. A ação trouxe-a com força contra o peito dele, e através da seda fina do vestido, todas as deliciosas características femininas dela pressionaram-se contra ele.

A atitude dela roubou dele a oportunidade de chocá-la um pouco, fazê-la virar e correr para longe dali. Em vez disso, ela respondeu à provocação dele e aumentou a aposta com um movimento que o deixou cambaleando.

Por instinto, Dale envolveu o braço pela cintura dela, deixando-a confortável contra ele e sustentando aquele olhar, agora pesado com necessidade e expectativa, havia pouco juízo de sobra nele para recusar o desejo dela.

Ele selou os lábios contra os dela, mas ela não o beijou de volta, e a inexperiência com tais passatempos deveria ser um balde de água fria, que deveria tê-lo forçado a se afastar, a manter segura.

Afinal, ela era donzela. Inexplorada e irmã do melhor amigo dele. Uma mulher que deveria estar bem mais fora dos limites do que qualquer outra.

No entanto, os sentidos dele estavam tendo outras ideias.

Em vez disso, ele a segurou pelo queixo, inclinando o rosto dela para encontrar melhor o beijo dele e tentou-a com pinceladas breves e macias dos próprios lábios nos dela. Ela abriu a boca em um suspiro, e ele aproveitou para mergulhar entre os lábios dela, tocando a língua dela com a dele.

Um som de prazer absoluto emanou dela, e ele gemeu quando ela imitou os movimentos dele, a língua tentadora dela deslizando contra a dele.

— Maldição, Mary. — ele murmurou, envolvendo o rosto dela com as duas mãos.

Ele a fitou, implorando que ela corresse. Ela lambeu o lábio inferior e todo o bom senso fugiu. Abafando uma maldição, ele tomou os lábios dela outra vez e a beijou. Com vontade. Ela respondeu o ataque dele de frente, aprendendo rápido com certeza, e sua habilidade de assumir o comando, virar o jogo e fazê-lo sentir as pernas bambas ao beliscar os lábios dele com os dentes, o fez sentir um calor provocante desenrolando-se nas veias.

De repente, ela se afastou, arrancando-se dos braços dele e olhando-o com confusão. Os olhos arregalados e redondos, os seios pesados a cada respiração. Dale notou os lábios dela, marcados e inchados pelo beijo, e a necessidade sentida por ele dobrou. Ela era uma tentação, e ele a queria. Mais que deveria.

Ele não tinha certeza do que passara pela mente dela, mas o que quer que tenha sido a fez correr e fugir dali. Dale xingou, passando uma das mãos pelos cabelos. Ele passou dos limites, talvez até a insultou. Quanto ao que Peter diria se descobrisse…

— Merda. — ele murmurou, caminhando para a porta.

Dale retornou ao baile, e mantendo-se às margens do salão, ele espiou Mary com sua amiga, ambas conversavam em tom amigável com um pequeno grupo de homens e mulheres. Ele a estudou um instante, aliviado ao ver que ela sucumbira a um ataque de nervos, se algo, ela parecia reavivada, as bochechas avermelhadas e os lábios ainda um pouco inchados pelo beijo.

Ele soltou um suspiro aliviado, a convidaria para dançar e garantiria que ela não estivesse chateada com ele, confirmando seu bem-estar. Afinal, eles se tornaram um pouco amigos nos últimos dias, e ele odiaria que seu lapso de comportamento cavalheiresco terminasse com isso.

— Como Lady Mary está atraente esta noite. O que diz, meu caro amigo? — Lorde Weston disse, parando ao lado dele, o olhar

fixo em Mary.

— Lady Mary sempre parece bem, não importa que dia seja. — Dale não gostou que o homem era tão vaidoso que só dava atenção a uma mulher se ela cumprisse todos os padrões estipulados por ele. Não que Dale fosse inocente dessa acusação, ele decerto pensou também que o guarda-roupa de Mary poderia passar por um pouco de atualização.

Lorde Weston lançou um olhar curioso antes de dizer:

— Eu queria me desculpar pelo outro dia, quando você e Lady Mary encontraram a mim e Lady Hectorville em certo estado de *déshabillé*. Não foi meu melhor momento, mas, bem, ela é uma devassa como bem sabe.

Dale entendia o que o homem dizia de Sua Senhoria e sua predileção por passatempos conjugais, mas o simples fato de que ela dividia a cama com frequência com muitos, nunca se ligava a um homem, logo deixou claro para Dale que ele não poderia continuar ligado a ela. Ele não compartilhava bem, nunca o fez, nem mesmo quando criança.

— Talvez seja sábio que cesse tal atividade sob o teto de Lorde Lancaster. Não creio que ele ficaria satisfeito se souber que Lady Mary foi submetida a tal conhecimento.

Lorde Weston empalideceu ante as palavras de Dale, e ele riu por dentro. Bom. Ele queria que o almofadinha se sentisse desconfortável, decerto fez Mary sentir-se assim.

— Mary não dirá nada, está apaixonada por mim, se quer saber. Tentou me beijar em uma noite dessas. — Lorde Weston olhou para Mary, dançando outra vez com Lorde Fairchild, e seus olhos se estreitaram em pensamento. — Talvez eu devesse deixá-la tentar de novo, ver onde isso nos leva.

Dale forçou as mãos a ficarem presas à lateral do corpo. Um vento congelante varreu sua coluna, e ele se virou para enfrentar estúpido.

— Brinque com ela, e eu brinco com você. Entendeu? — a voz dele não dava espaço para discussões, e estava permeada com uma promessa mortal.

— O que o preocupa o que faço com Lady Mary? — Lorde Weston sorriu. — Não é como se desejasse cortejá-la. Inferno, ninguém o fez nas últimas cinco Temporadas. Ela não sabe, mas a chamamos de Laços Rebeldes, sendo tão afeiçoada a tais adornos e por ser uma garota pouco ortodoxa quando se trata das expectativas da *Sociedade* para seu sexo. Quantas risadas tivemos, e ela nunca foi a mais sábia. Até Peter não faz ideia, e mencionamos o nome bem na frente dele. — Sua Senhoria riu.

Dale o acertou bem no nariz e assistiu, com grande satisfação, como o ridículo caiu como um carvalho velho e podre, aterrissando de bunda no chão de parquet. A música parou, e os convidados de pé nas proximidades arfaram quando Lorde Weston caiu no chão, sangue jorrando do nariz e pingando tanto no lenço amarrado com esmero quanto no colete.

— Que raios pensa estar fazendo, Carlton? — ele disse, a voz abafada atrás das mãos.

Dale inclinou-se, pairando sobre ele, puxou o lenço e o deixou cair no peito de Lorde Weston.

— Dando a lição que você merece. Fale de Lady Mary outra vez, seja na minha frente e ou em qualquer outro lugar— disse ele, baixando a voz. —, e receberá outra.

Ele saiu, indo para o terraço, precisava se acalmar. Cinco minutos no ar fresco de inverno era exatamente o que ele precisava. Distante, ele ouviu Peter pedir que a música recomeçasse, e

olhando por cima do ombro, assistiu Lady Hectorville ajudar Lorde Weston a ficar de pé, mesmo que o patife tenha se livrado da ajuda dela assim que estava firme.

Que imbecil.

Dale chegou ao fim do terraço e olhou para os jardins cobertos de neve, um sorriso se espalhando no rosto. Que divertido foi, e jamais houve um desgraçado mais merecedor de tal golpe. Decerto alimentaria as fofocas até o início da Temporada, e talvez no decorrer dela. A menos que outro escândalo estourasse antes disso.

Ele deu um pequeno pulo de susto quando uma pequena mão enluvada se embrulhou na dele. Não precisava se virar para saber quem estava ao seu lado.



MARY APERTOU a mão do duque e parou diante dele. Ele estava chateado, era óbvio. Bastava olhar para o nariz inchado de Lorde Weston para saber que o soco dado pelo duque não foi um toque leve.

— O que aconteceu? — ela perguntou, não querendo conversas triviais.

Ela viu o duque e Lorde Weston conversando enquanto ela dançava, e não deixou de notar o sorriso divertido de Lorde Weston, direcionado para ela, ao conversar com Sua Graça. Algo lhe dizia que o nariz ensanguentado de Sua Senhoria tinha algo a ver com ela.

Ele se virou para ela, e uma onda de calor, e não devido ao frescor do ar externo, atravessou toda a pele dela ante o olhar intenso dele. Em vez de respondê-la, ele a segurou pela mandíbula e tomou os lábios dela em um beijo vigoroso.

Ela derreteu nele, não tendo pensado em mais nada desde o instante em que o deixou no início da noite. Ficar, beijar o duque era tudo o que ela queria fazer, mas ao fazê-lo ela cortejava o escândalo. Os pais esperavam que ela sempre mostrasse decoro, mas ela nunca foi muito boa nisso, então um beijo roubado ou dois decerto não poderia fazer nenhum mal.

E não fizeram. Não prejudicaram em nada. O beijo continuou, sua boca quente e insistente contra a dela, o leve crescimento da barba dele marcando a pele dela. Mary queria sentir mais dele. Ela estendeu a mão, envolvendo-as no interior do casaco dele, nos músculos definidos das costas, que se flexionaram quando ele a segurou bem perto.

Ela arfou quando uma dureza se empurrou contra o abdômen dela. Seu estômago dava voltas. Mary ficou na ponta dos pés e se pressionou contra ele onde ela mais doía, ondulando seus quadris para uma melhor sensação. O duque gemeu, içando-a mais alto, uma das mãos descendo para levantar a perna dela em torno do quadril dele. A pedra fria da balaustrada encontrou o bumbum dela, enquanto ele a angulava no muro, usando-o de apoio para pressionar-se mais contra o núcleo dela.

Incansável, ele se esfregou contra ela, e foi demais, no entanto, ainda não o suficiente. Calor líquido se acumulou entre as pernas dela, e ela arfou em meio ao beijo. As ações dele a provocavam e a impulsionavam em direção a um ápice que ela não conseguia alcançar.

Uma risada alta e cortada veio de dentro do salão e os assustou. O duque recuou, olhando por cima do ombro para garantir que ainda estavam sozinhos. Eles estavam, e Mary não queria nada mais do que estar lá. Ficar sozinha com o duque e ver até onde essa deliciosa ação acabaria os levando.

— Minhas desculpas, Lady Mary. Sou sincero ao dizer que estou envergonhado de minhas ações.

Mary não conseguiu impedir seus lábios de se contorcer ante o constrangimento dele. Ela não estava envergonhada. Curiosa e desejosa sim, mas envergonhada, absolutamente não.

Ela foi até ele, correndo uma das mãos na mandíbula dele.

— Eu não estou. — ela disse, caminhando em direção às portas do terraço e deixando o duque chocado e ainda atrás dela.

Verbalizar a vontade de beijar o duque outra vez deveria chocá-la, mas tudo o que ela sentiu, bem neste instante, era a expectativa. Gostava dele mais do que pensava que iria desde que o encontrou no conservatório, e para ser sincera, ela mal pensou em Lorde Weston desde então.

Ora, sim. Ela pode ter dito ao duque que queria que Sua Senhoria a beijasse, contudo, apenas porque o duque não queria que ela o fizesse. Apenas um cavalheiro ocupava sua mente, e ele estava no terraço onde ela o deixou. Jamais pensou em conhecer um homem que não só mostrasse interesse na vida dela, nas coisas que ela adorava fazer, mas que a ouvisse também, não apenas acenasse e concordasse por decoro.

Ó, não, agora que ela teve uma amostra do que Sua Graça poderia fazer com ela, ele não escaparia tão fácil. E com alguns dias de festa em casa ainda, ela teria que criar um plano para fazê-lo perder o autocontrole e beijá-la um pouco mais. Uma ideia passou pela cabeça dela, de que o duque poderia pedir sua mão, e ela sentiu o nervosismo crescer dentro dela. Ela mordeu o lábio, não querendo nutrir esperanças quando, em termos realísticos, alguns beijos roubados não significavam uma proposta de casamento. Mesmo assim, pensar em passar mais tempo com Sua Graça, de

beijá-lo mais uma vez fez uma empolgação nova tamborilar através de suas veias. Que pensamento maravilhoso, de fato.

CAPÍTULO 9



AO LONGO DOS DIAS SEGUINTES, Dale lutou para manter distância de Lady Mary, mas para onde ele se virava, ela parecia estar lá. A popularidade recém-descoberta garantiu que uma série de cavalheiros convidados sempre a cercassem. O sorriso e conversas inteligentes sobre política, cavalos ou pesca, os fizeram voltar por mais, e restavam poucas dúvidas para ele que, na próxima Temporada, ela seria arrebatada do carrossel de possíveis noivas que tantas ficavam presas.

Ele sentou-se em uma *chaise longue*, lendo as últimas notícias de Londres. A neve caía pesada, e já era véspera de Natal, o que significa que todos estavam no interior da casa, mantendo-se ocupados com cartas ou música. Mais cedo naquele dia Dale jogara bilhar com Peter, mas a chegada de Lorde Weston, com o nariz ainda machucado da outra noite, logo significou que ele precisava se desculpar e sair.

O pequeno fanfarrão não aceitou o aviso com convicção e continuou a procurar Lady Mary em qualquer oportunidade. Sem dúvidas, só para irritar Dale, e decerto conseguira.

Dale olhou por cima do jornal e viu Lorde Weston entrar na sala de visitas. Mary se ocupava com um livro em uma cadeira próxima. Eram só os dois, e ela havia puxado as pernas para debaixo do vestido, como fizera na cabana de caça. Uma posição descontraída que ele diria poder ser a de um casal relaxado e tranquilo na companhia apenas um do outro.

Lorde Weston sentou-se em frente a ela, e Dale a observou sentando-se de uma maneira mais apropriada, falando com

educação com Sua Senhoria, mas se Dale fosse juiz de caráter, ele diria que o interesse dela para com Sua Senhoria havia esfriado.

Ela olhou de soslaio para ele, e as suspeitas foram confirmadas. O calor e determinação que ele leu naqueles olhos eram todos para ele, e não o dândi afogando-se no colete diante dela.

Se Lorde Weston notou a desatenção, não parecia querer demonstrar, apenas continuou a falar como se tivesse uma audiência cativa.

Os lábios de Dale se contraíram. Como estava errado.

Ele não conseguiria afastar o olhar dela por nada no mundo. Quanto mais ele a olhava, mais queria vê-la, não apenas do outro lado da sala, mas em outros lugares também. Em algum lugar tranquilo, privado e a sós. Vê-la dormir na cama dele também seria muito bom.

Peter parou diante dele, cortando sua visão. Dale se assustou e olhou para cima, controlando o semblante. O amigo o encarava com algo semelhante a aborrecimento, e Dale cerrou os dentes.

— Bom dia, Peter. — ele disse, dobrando o jornal e colocando-o no colo.

— Precisamos conversar.

O tom preocupado do amigo o fez franzir a testa.

— Sente-se e me conte o que o incomoda.

Peter fez o que Dale pediu e deu ao amigo toda a sua atenção.

— Lorde Weston pediu permissão ao meu pai para cortejar Mary.

Dale sentou-se, fúria o dominando ante a audácia do homem após o aviso para se afastar dela.

— Não me esqueci do seu aviso em relação a ele, e contei aos meus pais de sua preocupação, mas estão inflexíveis de que Lorde Weston é genuíno, e o que quer que você viu Sua Senhoria e Lady Hectorville fazendo era de todo inocente.

Dale xingou.

— Peter, foi sua irmã quem os pegou em uma posição comprometedora, não eu. Fui apenas o mensageiro. Ela não pode se casar com ele, ele jamais será fiel, e ela merece muito mais do que isso.

A boca de Peter repuxou em uma linha fina e desaprovadora.

— Concordo. Devemos ajudá-la a encontrar um cavalheiro adequado. — o amigo virou-se para ele. — Alguma sugestão?

Dale puxou o lenço do pescoço, o calor da sala fazendo-o suar.

— Ninguém presente. Acredito que ela precisa fazer a Temporada do próximo ano e ver se há algum cavalheiro mais adequado que queira fazer corte. — ele se retesou, olhando para ela.

Lorde Weston havia se arrastado para mais perto de sua pessoa. Caso se aproximasse mais, estaria sentado no colo de Mary.

— Se seus pais não acreditam, teremos que garantir que Lorde Weston receba a mensagem para ficar longe em alto e bom som. Ele acabará passando alguma doença para ela.

Os olhos de Peter se arregalaram, e ele arfou.

— Decerto, brinca.

Dale deu de ombros, em parte se perguntando por que ele estava tão determinado em evitar que Lady Mary não se visse casada com um desgraçado tão grande. O que importava com quem ela se casaria? Desde que ela estivesse feliz com a escolha, ele não poderia dizer muito acerca do assunto. Contudo, pensar nela casada com outro, compartilhando a cama e seus beijos deliciosos com qualquer um, exceto ele… Ele olhou de esguelha para Lorde Weston, não apreciando o pensamento.

— Não. Com a quantidade de parceiras de cama que ele já teve e terá, será questão de tempo até ela contrair varíola.

Peter ficou de pé, e Dale observou o irmão de Mary marchar até Lorde Weston e o convidar para uma partida de bilhar. Dale retomou o jornal, fingindo ler enquanto ouvia a conversa. Peter deve ter imaginado que se mantivesse Lorde Weston longe de Mary, bastaria para garantir que o sujeito não a cortejasse.

Era um conceito simples, mas poderia funcionar, em especial se Dale o ajudasse com esse esforço. Ele sorriu sabendo que gostaria de impedir Lorde Pompa de cortejar Mary.

Um dedo solitário puxou o jornal dele para baixo, e Dale olhou para cima, encontrando Mary diante dele. O vestido dela mostrava padrão floral verde bem claro. Era uma estampa mais apropriada ao verão, mas com as mangas compridas e o xale verde, se adequava a esta época fria do ano.

— Lady Mary. — ele disse, o corpo alerta para a proximidade deles. A mão dela pegou o jornal dele e o colocou no banco ao lado. Ela se inclinou, colocando as mãos em ambos os lados da cabeça dele, empurrando-o de volta para a almofada.

— O que você e meu irmão estão fazendo? Lorde Weston estava tentando me cortejar, e você deve saber que eu estava gostando muito.

— Como se você pudesse se casar com um homem daquele.

Ela levantou uma sobrancelha, um pequeno sorriso.

— Não, claro que não, mas eu estava adorando ver você não gostar dos avanços dele. Isso, Vossa Graça, valeu os poucos minutos na presença dele.

Dale estendeu a mão, correndo um dedo no pequeno côncavo da garganta dela, continuando o traçado entre os seios, que neste ângulo, derramavam-se um pouco na frente do vestido. Ele suprimiu um gemido, a mão coçando para se espalhar pela pele sedosa e

macia, provocar os mamilos doces para se tornarem picos endurecidos sob vestido.

— Não me provoque, Lady Mary. Pode não gostar do resultado.

Ela riu, inclinando-se ainda mais para beijá-lo de leve nos lábios. Ele não se moveu por medo de atirá-la no assento ao lado e terminar o que começaram na outra noite. A memória daquele corpo flexível, disposto e gostando do toque dele no terraço, encheu a mente dele, e ele endureceu. Eles estavam na sala de visitas, caramba. Qualquer um poderia entrar a qualquer instante. Virou a cabeça de leve para a porta e cerrou as mãos quando percebeu estar aberta.

— Talvez eu goste do resultado. — ela disse, passando um dedo no lábio inferior dele, antes de se levantar e cortar todo o contato.

No instante em que ela se foi, ele sentiu falta do toque. Ele engoliu em seco, mais que perdido quanto a como lidar com essa pequena atrevida. Nunca conheceu uma mulher que ignorasse as regras da Sociedade para trilhar o próprio caminho especial pela vida.

Ele estava totalmente enfeitiçado.

Abrindo outro sorriso atrevido na porta, ela se virou e saiu da sala. Ele mirou o ponto de saída dela, seu coração acelerado no peito como se estivesse participando de algum exercício extenuante.

Se ao menos estivesse, e com Lady Mary, aí sim, seria uma tarde agradável.



MAIS TARDE NAQUELA NOITE, Mary estava falando com Louise na sala de visitas do andar de cima, um ramo de visco na mão. Em

geral, ela não seria tão ousada a ponto de levar consigo a pequena planta que lhe permitiria beijar alguém de sua escolha, mas ela estava determinada a se tornar mais próxima do duque.

Ele era apenas irresistível demais para se ignorar, e ela queria sentir tudo o que ele a fez sentir na outra noite.

— Se sua mãe descobrir que está planejando roubar um beijo do Duque de Carlton, ela cortará sua cabeça, colocará em uma bandeja e a servirá para o jantar. Sabe que seus pais estão irritados com você, por não ter se casado na Temporada passada.

— Foi por escolha, Louise. Se eu desejasse uma proposta de casamento, eu poderia ter mostrado para ao menos dois cavalheiros que consigo me comportar, e eles teriam se aproximado mais, porém, não era o que eu queria.

Na verdade, Mary fez tudo ao seu alcance para frustrar pretendentes. Não poderia dar seu coração a um homem que só se interessava no que a mulher razia para o casamento. Mary não era assim. Ela queria poder conversar com o homem com quem se casasse, estar em pé de igualdade na própria casa. Se não pudesse agir assim além das paredes de sua casa, então queria muito ter tal cenário do lado de dentro.

— E agora deseja que o duque se aproxime? — Louise perscrutou seu olhar, uma carranca pequena na testa.

Mary deu de ombros.

— Não sei o que quero do duque, mas outro beijo seria bom. — ela disse, provocando Louise um pouco. — Ele é diferente de todos que já conheci, creio eu. Ele não me ridiculariza pelos meus gostos e conversa comigo de verdade, ninguém nunca se direciona a uma mulher em Londres ou a ouve em relação a algum assunto. Os cavalheiros fingem prestar atenção, mas não o fazem.

— E o duque presta atenção? — Louise perguntou, sorrindo.

Mary assentiu.

— Sim, e não dói que seus beijos sejam muito agradáveis também. — deixou-a desejosa em lugares que ela nem sabia que poderiam ter tal sensação. Ela queria sentir-se assim de novo.

— Você é muito selvagem, Mary. — a amiga balançou a cabeça, um sorriso divertido no rosto. — O que sua família fará com você?

Mary riu.

— Nada, ou talvez possam me trancar em um convento no exterior, creio eu, mas papai nunca permitiria isso. Por mais que se desesperem com minhas ideias independentes e passatempos atípicos, nunca partiriam meu coração me punindo por eles.

— Sim, é verdade. — Louise meneou a cabeça para a porta. — O duque chegou.

Ela lançou um olhar na direção dele e o observou entrar junto do irmão dela. Os dois fizeram um duo impressionante. O duque com seus cabelos escuros e pele bronzeada e o irmão todo loiro e angelical. No entanto, ambos ganharam reputações em Londres, o duque mais do que ninguém. Um cavalheiro que toda debutante queria e, ainda assim, nenhuma conseguira ganhar sua atenção.

Até agora…

Ele cruzou o olhar com o dela desde o outro lado do cômodo, atravessou a multidão de convidados, e o ponto atrás do peito dela tremulou. Mary o observou parado ao lado do irmão dela, tranquilo e vigilante do ambiente, dela mais do que dos outros, e ela não podia deixar de se perguntar “E se?”. E se ela fosse aquela a fazer o duque olhar para ela e só para ela. Para sempre.

Será que ele a obrigaria a desistir do amor pela liberdade, da escolha de fazer o que ela desejava sempre que quisesse, dos passatempos fora do salão de baile. Será que ele seria como muitos

dos cavalheiros da *Sociedade* que só viam as esposas como troféus a serem admirados, exaltados e gabados, mas nada mais?

O pensamento a deixou fria, e ela torceu o visco entre os dedos, perguntando-se se deveria parar de provocar o duque e deixá-lo em paz. Como era, o beijo que ela deu nele, ontem mesmo na sala de visitas, foi um risco, e caso os pais ou irmão dela entrassem e vissem os dois, o duque já seria seu marido. O beijo no terraço foi pior, pois o baile estava acontecendo bem detrás deles. Mas decerto um cavalheiro que se interessava como ele demostrava, não seria retrógrado. Com certeza, ele não gostaria que ela mudasse.

— Ele parece observá-la bastante, Mary.

Mary se virou e jogou o pedaço de visco no fogo detrás delas, antes de se sentar no sofá diante da lareira. Ela sorriu para Louise.

— Ele apenas se atenta para garantir que Lorde Weston não tente me cortejar. Não interprete tal atenção como mais do que isso.

— Acredito que possa estar errada. — Louise disse, sentando-se também. Mary mexeu no vestido e lutou para não olhar para ele. Uma missão quase impossível.

Mary decidiu aproveitar a noite. Da dança improvisada que alguns dos convidados participavam, do jantar, das brincadeiras e dos jogos de cartas. A mãe dela pediu que preparassem suas sobremesas favoritas, bolo de limão e geladinhos. O pai dela estava com o chapéu de Natal bobo dele, com pequenos elfos costurados. O vestido festivo da mãe dela era do tom mais profundo de vermelho, com pequenos raminhos de azevinho costurados à bainha.

Eram esses momentos com a família que ela mais amava, e seus olhos pinicaram, pois se ela se casasse, não seria mais apenas os quatro. Ela teria que passar esses momentos com o novo

marido. O cavalheiro poderia escolher passar o Natal sozinho, ou com a própria família. Tudo mudaria.

Com o canto do olho, ela viu o duque sentar-se em frente a ela e Louise. Ele cruzou as pernas longas, inclinando-se para trás na cadeira e esperou. Aos olhos de Mary, ele parecia um leão prestes a atacar uma presa.

O calor daquele olhar se manteve nela até ela não aguentar mais e se virar para ele. Ele a fitou com um ar de tédio, e calor tomou as bochechas dela ante a memória dos momentos no terraço. Ela engoliu em seco, esperando que ele presumisse que a lareira a deixara com calor, e não ele.

— Sabia que está sentada sob um ramo de visco, Lady Mary?

Mary olhou para cima para ver uma fileira de azevinho e visco pendurada no teto da sala, bem acima de onde ela se sentava.

— Não sabia. — ela disse em um tom que esperava transmitir tédio e não esperança.

Louise riu e tentou mascarar a reação com tosse.

— Vou falar com sua mãe por um instante. Voltarei em breve, Mary. — ela disse ao ficar de pé e a deixar sozinha com o duque.

Mary mexeu as mãos no colo, a atenção voltando para o duque. Os olhos dele correram por sua pessoa, e ela tremeu com o calor que emanava daquele olhar. Desejo a atravessou, quente e impaciente, e ela fechou os olhos um instante, para recobrar alguma aparência de controle. Ela não deveria querer beijá-lo de novo, mas pouco mais ocupara sua mente desde o último beijo. Estava se tornando uma verdadeira devassa. Como ela continuaria a ser uma solteirona, invisível, se desejasse o toque dele, aquela boca na dela e tudo mais que ele poderia proporcionar?

— Lorde Weston não está sentado comigo, então, por que você está, Vossa Graça? — ela perguntou.

Ele inclinou-se para a frente, passando uma das mãos pela mandíbula, a encarou, e uma mecha de cabelo caiu por cima dos olhos. Tal movimento o fez parecer ainda mais perverso do que o normal, e ela sentiu o estômago tremular.

— Isso, Lady Mary, eu tenho me perguntado, e não consigo entender o porquê.

Ela ergueu uma sobrancelha, não esperando que ele fosse tão honesto. A maneira como ele a observava, como se ela fosse a iguaria mais saborosa da sala a fez questionar suas próprias prioridades. Ela lambeu os lábios, perguntando mais uma vez se ele seria o tipo de homem que pediria à esposa para mudar de comportamento devido ao título, pelo que era esperado pela *Sociedade.*

Mary não poderia suportar tal vida se era isso que ele desejava. Não que o duque estivesse querendo se casar com ela, mas pela fome que ela lia nos olhos dele, ele decerto estava atrás de algo.

— Mesmo? — Mary lançou um olhar pelo cômodo, vendo estarem um tanto sozinhos. — Creio que sei.

Ele se ajeitou na cadeira, um sorriso naqueles lábios deliciosos com que ela queria que ele a devastasse.

— Conte-me. — ele disse, pura e simples.

Nunca sendo desonesta, nem falando com floreios, ela o estudou um instante.

— Creio que está aqui porque quer estar. Acredito que está aqui porque quer me beijar de novo. — ela sussurrou. — E acredito que está aqui porque está tentando descobrir por que esse é o caso.

Os olhos dele se estreitaram, as feições esfriando um pouco com tais palavras.

— Embora eu admita que seu beijo foi muito… agradável, estou aqui apenas para evitar que Lorde Weston se aproxime. O canalha

pode encontrar outra pessoa para arruinar, não será você.

Entretanto, talvez seja você a me arruinar…

Mary mordeu o lábio, uma parte dela querendo que Lorde Weston entrasse, que a cortejasse e fizesse um alarde em torno dela, nem que fosse para inflamar a ira do duque.

— Se me casasse com Lorde Weston, eu sempre viveria perto da minha casa de infância. Eu poderia continuar como sempre fiz em Derbyshire. Sua Senhoria poderia ir e vir como quisesse e eu também. — Mary inclinou-se, sabendo estar concedendo um pequeno vislumbre de seus atributos. — Talvez, você deva partir para ele poder continuar a me cortejar. Não sou avessa a ficar em Derbyshire.

Apenas mentiras, ela era imune aos encantos de Lorde Weston, com certeza. Após ela testemunhar o que ele fazia com Lady Hectorville e porque ela beijou o homem que se sentava em frente a ela. O olhar do duque ficou ainda mais sombrio, e ela controlou o semblante, não querendo que ele soubesse que ela conseguia lê-lo como um livro.

CAPÍTULO 10



DALE RESPIROU PARA SE ACALMAR, não certo se queria sacudir a garota enlouquecedora para ela criar bom senso, ou beijá-la como se não houvesse amanhã. Ambos fariam o mesmo bem, assim presumia. Ele prometeu a Peter que manteria Mary longe das garras de Lorde Weston, mas mantê-la longe dele mesmo era outro assunto.

Verdade seja dita, ela o deixava louco, muitas vezes o irritava com sua língua afiada, e beijou como se o fizesse há anos, não dias. A memória dela em seu abraço o assombrava todas as noites, e ele resolveu suas necessidades cavalheirescas com as próprias mãos. Literalmente.

Ele limpou a garganta.

— Não precisa tomar nenhuma decisão precipitada; ainda tem a próxima temporada para atender. — Dale sorveu a visão dela.

No instante em que ele a viu esta noite, o vestido de seda dourada e colar esmeralda davam-lhe um ar festivo, e ele se sentiu contrair por dentro ante a beleza dela.

Como ele não a enxergou sob todas aquelas fitas e laços. Ele só podia imaginar que ela fazia tudo o que podia para permanecer invisível quando estava na cidade. Esse não era mais o caso. Nenhum cavalheiro presente estava alheio à presença de Lady Mary, e os olhares admiradores, a atenção que ela recebera nos últimos dias era a prova disso.

No ano que vem ela encontraria um cavalheiro adequado, e casaria com ele.

Tal ideia o deixava gelado.

— Se eu escolher agora, não precisarei ir a Londres no ano que vem. Eu poderia ficar em Derbyshire. — ela pegou a taça de vinho que deixara em uma pequena mesa ao lado da cadeira e tomou um gole.

Ela encontrou os olhos dele por cima da borda da taça, e ele conseguiu ler a diversão naquelas esferas verdes.

O que está tramando pequena atrevida…?

— E agora que me ensinou a beijar, que tipo de paixões eu gostaria em um marido, Lorde Weston pode estar aberto à minha elegibilidade. Afinal, Lady Hectorville é muito mais velha do que ele. Creio ser mais adequada para ele em idade.

Raiva ferveu no sangue de Dale, e ele bateu as mãos no colo.

— Beijaria Lorde Weston se tivesse a oportunidade?

— Claro. — Lady Mary disse, encolhendo um ombro delicado. — Eu o beijei, não foi? Tenho vinte e três anos, mais do que idade suficiente para saber um pouco do que está por vir se eu me casar. E devo admitir que beijar é… — ela pressionou os lábios juntos e o corpo dele ficou rígido. — Bom.

Dale cerrou os dentes, tendo ouvido o suficiente do assunto, Mary beijando qualquer um que ela considerasse adequado.

— Só porque Lorde Weston é seu vizinho não faz dele um candidato adequado. Não permitirei que se jogue nele.

Ela se levantou, e ele sentou-se mais para a frente, quando ela caminhou, passou por ele e correu a mão das lapelas ao ombro dele. O corpo dele rugiu com aborrecimento. Ela não concordara com os termos. Como os desejos do irmão dela.

— Não pode me impedir, Vossa Graça.

O inferno que não. Levantou-se e saiu atrás dela. Ele a seguiu até um corredor próximo que dava na biblioteca, estava escuro, e os

pisos de madeira nua davam a entender ser usado apenas pela criadagem.

— Contarei ao seu irmão o que está planejando e, assim, irei impedi-la, Lady Mary.

Ela o rodeou, empurrando-o com força contra a parede. Ele a encarou por um instante, não acreditando que ela o tratava de tal forma, até que toda a lógica fugiu da mente dele ao perceber que a mão dela estava correndo pelo peito dele e descendo pelo estômago.

Ele colocou a cabeça contra a parede, vendo-a assimilar seu corpo, desejando que aquela mão mergulhasse mais para baixo e envolvesse o pênis latejante dele.

— Devo contar ao meu irmão o que fez comigo na amurada do terraço, Vossa Graça? Como me fez ansiar. Como me fez desejar coisas que nem entendo? Eu estar disposta a me jogar em Lorde Weston pode ser colocado inteiramente à sua porta?

— Como assim? — ele arfou, a voz entremeada em agonia.

— Assim. — ela disse, a mão correndo pela cintura dele até cair e cobrir um lado da bunda dele, apertando-a um pouco. Os lábios dela estavam a apenas um sopro de distância dos dele. Ela cheirava a vinho e especiarias. Dale manteve as mãos cerradas ao seu lado, sabendo que se ele as colocasse sobre ela, não haveria como voltar atrás quanto ao que queria fazer.

— À noite, o prazer que fez surgir dentro de mim é tudo o que eu penso. Quero sentir aquilo de novo, e se Lorde Weston se casar comigo, então poderei sentir aquilo e mais. Minha vida aqui como sempre foi.

— Não precisa se casar para encontrar prazer. — Dale amaldiçoou as próprias palavras, mas não se arrependeu de tê-las

dito. Ele a queria. Queria provar e beijar cada pedaço daquele corpo. Queria que ela se despedaçasse sob suas ações.

— E assim como me instruiu na arte de beijar, vai me instruir nessa arte também?

— Claro que sim. — ele disse, batendo a boca contra a dela.

Ela arfou, e beijou-o de volta com tanto fogo, com tanta necessidade como ele. O corpo dele estava em chamas, quente e querendo. Ele interrompeu o beijo, ignorando o gemido de descontentamento dela, e olhou ao redor. Vendo uma porta nas proximidades, ele a puxou naquela direção, abrindo a porta e encontrando um armário de lençóis.

Dale a puxou para dentro, fechando a porta e virando a fechadura.

Antes que ele se virasse de vez para ela, ela envolveu o rosto dele com as suas mãos e puxou-o para um beijo. Uma pequena parte dele pensava que ela o irritara de propósito, provocando tal reação dele. Mas ali naquele instante, ele não se importava. Tudo o que importava era que ela estava em seus braços, e era dele para reivindicar.

Ele a empurrou devagar em direção a uma pequena mesa e levantando-a depressa, a sentou ali. Por um instante, ele a observou, a respiração dos dois estava irregular, os seios dela subindo e descendo a cada lufada de ar. Naquele cômodo pouco iluminado, o vestido dourado dela era um farol. Uma das pernas dela balançava despreocupada, a sapatilha de seda caindo no chão e ele suprimiu um gemido, sabendo que o que estava prestes a fazer com ela nunca poderia ser desfeito.

Dale ajoelhou-se, deslizando a sapatilha do outro pé para desnudá-lo. Ele passou a mão pela perna longa e macia, seguindo até sentir a união da fita e da liga. Desamarrando-a, ele escorregou

uma e, em seguida, a outra, incapaz de não se inclinar e beijar a parte interna da coxa, o joelho, e o doce e delicado tornozelo.

Os dedos dela cravaram nos cabelos dele, e ele olhou para cima, encontrando o olhar dela. Os olhos dela estavam largos, com fome, o rosto corado de antecipação e talvez um pouco pálido. Não havia razão para temer. Ele nunca faria nada para machucá-la ou envergonhá-la.

Ele recolheu a bainha do vestido e deslizou-a, devagar, até o topo das pernas e rezou para que ela não tentasse impedi-lo.



MARY TREMIA, seu corpo tamborilando de expectativa, curiosa acerca do que o duque estava prestes a fazer. Ela o instigou e provocou a agir assim, mas a ideia de poder encontrar prazer sem perder a inocência era uma oportunidade que nunca deixaria passar.

Ele afastou as pernas dela, deixando-a vulnerável, e fazendo-a inclinar-se para trás, apoiando-se nas mãos. Calor floresceu em suas bochechas, mas ela não conseguia desviar o olhar, pois estava hipnotizada pelo que ele fazia com ela. Ele deu um beijo de boca aberta na parte interna da coxa, quente e molhado. A ação foi tão íntima, um ato que jamais imaginou que um homem faria a uma mulher. Mary arfou, mordendo o lábio, incerta do que ele faria a partir de agora.

— Deite-se. — ele comandou, a voz como um ronronar rouco.

O duque se levantou e empurrou-a para deitar-se sobre a mesa. Uma pilha de lençóis estava sob sua cabeça, e ela arfou quando o ar frio beijou um ponto mais alto em sua perna, antes de seu vestido ser amontoado em torno da cintura.

As mãos grandes dele deslizaram pelo abdômen e coxas dela, antes de empurrar as pernas dela para se abrirem mais. O hálito quente dele, acima de seus lugares mais íntimos, aqueceu-a, então ele estava lá, com a boca, com a língua, provocando, folheando e beijando-a como fizera contra a boca.

Mary estendeu a mão, apertando os cabelos dele, segurando-o perto dela e afastando a voz no fundo da mente que gritava para ela parar. Que não era apropriado ou esperado de uma dama. Contudo, ela não se importava mais. Tudo o que importava era que a boca dele estava nela, e o que ele fazia parecia perfeito de delicioso.

Ele apertou a parte inferior das pernas dela, e as ergueu para descansarem nos ombros dele. Indo em frente, ele sacudiu-a com a língua, antes que ela sentisse o passar de um dedo sobre seu núcleo, provocando sua entrada.

Mary gemeu, pois não sentira nada tão perverso e bom na vida.

— Você tem um gosto tão doce. — ele disse, sustentando o olhar dela ao pressionar um dedo nela, devagar.

Ela mordeu o lábio, querendo gritar com o prazer gerado pelo toque dele. Em vez disso, ela se apertou em torno do dedo dele, ordenhando-o e desejando que houvesse outra parte dele que pudesse preenchê-la e inflamá-la.

Ele brincou por alguns minutos, incansável. Foi demais, mas não o suficiente. E então lá estava, um ápice que valia a escalada, e um que ela queria poder se jogar mais vezes.

Ela se engasgou quando o prazer a atravessou, e o tempo todo o duque não se levantou. Ele continuou a impulsionar e extrair cada gota de felicidade dela que podia. Os músculos dela pareciam gastos e fracos, e ela suspirou, sorrindo um pouco quando ele se ergueu e ajudou a endireitar o vestido, as meias e as sapatilhas de seda que estavam caídas no chão.

— Você parece, com certeza, arrebatada.

Mary sentou-se, apoiando-se nos cotovelos.

— E você, Vossa Graça, parece estar sofrendo. — ela sentou-se ereta, alisando o vestido e verificando que os cabelos estavam razoáveis. Passando a mão pela mandíbula dele, ela tocou os lábios, calor a atravessando ante o conhecimento do que poderiam fazer com ela.

Ela balançou a cabeça.

— Não fazia ideia de que a boca de um homem podia ser tão hábil.

Ele sorriu, rindo e parando entre as pernas dela, o membro endurecido dele, duro contra o sexo dela. Ela agarrou-o pelas lapelas, fogo correndo através dela mais uma vez.

— Pode se surpreender com o quão hábil eu sou. — ele a beijou, e ela conseguiu provar da própria acidez. Tal coisa deveria revoltá-la, em vez disso, ela sorveu o que pôde dele, amando que ele não mostrava remorso em a fazer ter prazer, mas a deixando donzela.

Ela interrompeu o beijo.

— Diga-me como posso agradá-lo.

As narinas dele se mexeram, e ele recuou, cortando o contato.

— Já basta o que fez esta noite. Não precisamos fazer mais nada.

Ele caminhou até a porta e abriu-a um pouco, olhando para o corredor.

— Não há ninguém aqui. Deve voltar para a sala ou ir para o seu quarto. Farei uma aparição e me retirarei.

Mary saiu da mesa, verificando que os lençóis atrás dela estavam como quando entraram ali. Ela foi até ele, tentando avaliar o que ele pensava. O que pensava dela e do que fizeram.

— Mesmo com o que aconteceu aqui esta noite, não quero que pense que espero algo de você. O casamento não é uma instituição que quero tomar parte, a menos que eu tenha certeza de que fiz a escolha correta, então, por favor, não permita que qualquer honra cavalheiresca surja e insista que você faça de mim uma mulher honesta.

Algo cintilou nos olhos dele; alívio, arrependimento, o que ela não podia dizer. Ele se inclinou, beijando-a nos lábios, e a ação pareceu quase definitiva. Como se ele estivesse desenhando uma linha entre eles, pondo fim ao momento deles.

— Fico feliz que não espere tal coisa, Lady Mary, pois como sabe, eu também não quero ser preso a uma esposa, não por ora, ao menos. Não quero que tenha falsas esperanças de algo mais, mesmo que fosse meu dever, após o que fiz com você.

Ela tremeu com o lembrete, seu corpo querendo mais dele. Pelo menos a este respeito.

— Então, estamos de acordo. — ela disse, batendo um tapinha carinhoso no rosto dele, antes de passar por ele e deixá-lo sozinho no armário de lençóis.

Mary partiu em direção ao quarto, não querendo falar com ninguém, e sentindo como se ambos tivessem perdido uma oportunidade doce de vida que não era oferecida a todos.

Chegando ao quarto, ela entrou e fechou a porta, sufocando um grito quando encontrou Louise sentada numa cadeira diante da lareira.

— Ora, você está de volta. Eu me perguntava para onde foi. Sua mãe estava procurando por você, e eu disse que viria ver, pois acreditava estar no quarto. Entretanto, você não estava.— Louise deu-lhe um olhar penetrante. — Onde estava, Mary?

Calor pôs fogo nas bochechas delas e, por um segundo, ela lutou para ter uma ideia para acabar com as suspeitas da amiga. Contudo, ante o olhar de Louise, ela sabia ser inútil. Louise sempre conseguiu lê-la como um livro.

— Eu estava com o Duque de Carlton. Em um armário de lençóis. Apenas nós dois.

Os olhos de Louise queimaram em alarme, a boca aberta como um peixe fora d'água.

— E conversava com o duque neste armário?

Mary sentou-se em frente a ela, puxando as pernas para cima, sob o vestido.

— Ah, sim, conversamos muito. Com certeza, ele usou bastante a boca. — calor infundiu o rosto de Mary ante a memória daquela boca perversa, que mesmo agora seu corpo desejava sentir de novo.

— Tenha cuidado, Mary. — Louise disse, o tom sério. — Ou acabará casada, antes do Ano Novo, até mesmo antes da próxima Temporada. Não pensei que quisesse um marido. Muito sufocante e controlador para sua natureza.

Tudo verdade, maridos sempre trouxeram uma ideia de seres egoístas, preguiçosos e detestáveis, que lhe diriam o que fazer e quando. O que vestir e como agir. Ainda assim, o duque não descartara o estilo de vida dela, ou pensava ser impróprio de uma mulher. Talvez o duque, por mais altivo e poderoso que fosse, na verdade não era tão rígido, afinal. Ele poderia, por acaso, ser diferente de todos os outros.

— Ainda sou donzela. Não houve indiscrição, Louise. Então, por favor, pare de olhar para mim com tamanho choque.

Bem, aconteceu uma indiscrição deliciosa, mas nada que pudesse arruiná-la já que ninguém sabia. Algumas coisas devem

permanecer privadas, e o encontro com o duque era uma delas.

— Falou de casamento com o duque?

— Bem, na verdade, ele que tocou no assunto, mas só para me lembrar que ele não está procurando uma noiva mais do que eu procuro um noivo. Então, estamos de acordo neste ponto.

Pensar nisso deixou uma dor oca sob seu peito. Ela gostava dele, mais do que já gostou de alguém, e eles eram amigos. Íntimos até.

Entretanto, ele se adequaria como marido? Ele permitiria que ela fosse quem era? Com certeza, agora que ela sabia o que um homem poderia fazer por uma mulher, arrumar um marido não era uma ideia tão aversa. O duque, sem dúvidas, foi o primeiro homem a inspirar desejo nela, sendo assim, ela não o descartaria tão depressa, mesmo após o que ambos disseram lá embaixo.

Ela tremeu, pensando no toque, nos beijos perversos dele em todo o corpo dela. Talvez casar-se não fosse tanto um dever, afinal. Não se maridos fossem todos como o Duque de Carlton. E não se ela continuasse a ser a mesma de sempre quando não estivesse sob o escrutínio da *Sociedade*.

CAPÍTULO 11



DALE ESTAVA DEITADO na cama e olhava para o teto, a noite escura de inverno tão fria como a própria respeitabilidade. Ele não deveria ter tocado em Mary. Nem em um fio dos cabelos escuros da cabeça dela.

O pênis dele se mexeu ao lembrar dela abaixo dele, contorcendo-se e gemendo contra a boca dele, e ele gemeu. Maldição. Fechou os olhos, tentando afugentar a memória torturante, mas não conseguiu, se algo, tornou-se mais vívida, tentando-o a sair do quarto, seguir para o dela e terminar o que começaram.

Ele não viajou até Derbyshire para se casar com uma garota do interior, independente e mandona demais para o gosto dele. Ele sempre imaginou uma mulher dócil ao seu lado quando chegasse a hora, uma deusa loira com feições angelicais. A megera que dormia a apenas algumas portas dele era a antítese de tudo o que ele imaginava.

E maldição, ela o tentou. Mais do que qualquer uma até então.

Dale suspirou, o corpo tenso com desejo não satisfeito. Ele forçou-se a ficar onde estava, não a se mover e procurá-la. Não mostrar mais do que um homem e uma mulher poderiam fazer juntos sem comprometer a virgindade dela.

Uma fenda de luz banhou o quarto quando a porta dele se abriu, antes de ser fechada com a mesma velocidade. O som da fechadura o fez se sentar.

— Quem está aí? — ele perguntou, tentando focar os olhos na figura que se movia devagar em direção à cama.

Ele gemeu por dentro ao reconhecer quem estava presente.

— Precisa ir embora, Margaret. Não há nada nesta cama para você.

Ela subiu no colchão, um beicinho que a fez parecer absurda e um pouco desesperada.

— Ora essa, Carlton. Deixe-me amá-lo como gosta. — a mão dela deslizou pelo pau dele, e ele empurrou a mão para longe, odiando que seu corpo rugisse por libertação. Contudo, ele não queria Margaret abaixo dele. Queria a senhorita enlouquecedora que dormia mais a frente neste mesmo corredor.

Dale se afastou dela, saindo da cama. Ele a agarrou pelo braço, puxando-a em direção à porta.

— Fora. Antes que alguém a veja aqui. O que tivemos já passou e tenho certeza de que há outros cavalheiros presentes nesta festa que vão recebê-la em suas camas.

Ela o fulminou com o olhar, toda a sedução havia desaparecido.

— Você costumava ser divertido. — ele destrancou a porta, colocando-a para fora. Quando ela emitiu um pequeno guincho, ele olhou para cima e encontrou o olhar chocado de Mary.



MARY DEU ALGUNS PASSOS para trás, quase tropeçando.

— Desculpem-me. Estava indo para as escadas. Deixei o livro que estou lendo na biblioteca hoje mais cedo. — ela balbuciou, passando por eles, puxando o roupão para mais perto do corpo e ignorando a risada de Lady Hectorville, além da conversa sussurrante com o duque sobre serem pegos.

O que o duque disse em resposta foi perdido para Mary quando ela desceu as escadas. Que ela estivesse indo para o quarto do

duque quando ele colocou Lady Hectorville para fora do quarto não era o que ela esperava ver. Grata por ser salva de sua própria tolice, ela foi em direção à biblioteca. Ela entrou na biblioteca e pegou o primeiro livro que encontrou, um velho tomo sobre jardinagem nas terras do norte da Inglaterra.

Mary tirou um momento para acalmar o coração. Ela piscou e respirou fundo para tentar interromper as lágrimas que borraram a visão. Por isso que ela não era adequada para ser a esposa de cavalheiro algum. Eles eram infiéis, podres desde o berço; pessoas que queriam tudo e todos sem ter cuidado com quem poderiam machucar nessa busca de prazer e vício.

O duque poderia ter esperado ao menos um dia, antes de descer tanto o nível e convidar Sua Senhoria para a cama dele.

— Desgraçado. — ela murmurou.

Por eles terem se separado há apenas algumas horas, por ele ter posto mãos e boca em sua pessoa no mesmo dia em que Sua Senhoria deixava um gosto azedo na língua dela, e uma dor maçante atrás do peito.

A porta da biblioteca se abriu e o duque entrou, analisando o espaço escurecido, procurando por ela. Mary não se mexeu do ponto em que estava ao lado da porta, sem humor para ajudá-lo, como fosse, em sua causa.

Ele se virou e a viu, fechando a porta com um estalo.

— Mary, deixe-me explicar.

Ela se afastou dele, puxando o roupão ainda mais apertado em torno de si, como se para proteger o próprio coração.

— O que vi foi mais do que autoexplicativo, Vossa Graça.

Ele caminhou até ela, sua figura alta e imponente, aninhando-a contra a estante.

— Não dormi com Lady Hectorville. Ela veio ao meu quarto e eu a mandei sair. Você me testemunhou expulsando-a de lá.

Mary olhou para cima, bem em seus olhos, e ao luar mostrou a determinação de a fazer acreditar nele. Ele era um renomado libertino, rumores em Londres diziam ter muitas amantes. Encontrá-lo em uma posição tão comprometedora em uma festa campestre não seria tão fora do comum, mas havia algo no tom dele que a deixou reticente. Impedindo-a de acusá-lo de ser um mentiroso.

— Por que eu deveria acreditar em você? — ela perguntou, precisando que ele dissesse que ela estava errada em suas suposições, que ele estava sendo honesto. — Ouvi os rumores sobre você e Lady Hectorville. Que ela já foi sua amante.

— Foi um erro que cometi uma única noite estando bêbado. Não cometi este erro de novo. O que acabou de ver foi eu chutando-a do meu quarto.

— Então, quando está bêbado, por vezes, não sabe o que faz. Mostra certa inconstância de caráter, Vossa Graça. — ela balançou a cabeça, odiando ter se permitido pensar que poderia haver uma chance com ele.

Um futuro.

O duque não era diferente de todos os outros cavalheiros da *Sociedade.* Todos saíam em busca do que querem, sejam mulheres ou brigas. Casar-se com um homem, permitir-se gostar de alguém que poderia simplesmente beber demais uma noite e dormir com outra pessoa era impensável. Ela, com certeza, não poderia suportar tal insulto.

Sua graça suspirou, olhando para o teto um instante antes de encontrar o olhar dela.

— Eu não era casado, Mary. O episódio não magoou ninguém. Quando eu me casar, serei fiel à minha esposa. *Sempre.*

Mary cruzou os braços, seu estômago em nós, sem saber no que acreditar. No que ela viu ou no que o duque dizia. Ela foi ao quarto dele após se ver revirando na cama pensando nele, querendo revê-lo, estar com ele e ver o que mais ele poderia mostrar para ela.

Comportamento escandaloso e não tão diferente do que o duque e muitos dos pares deles faziam todas as noites em Londres durante a Temporada. Ela não nutria esperanças de se casar com o homem, então ficar tão ofendida e aborrecida parecia uma reação boba de ter.

Isso porque você tem um pouco de esperança de o duque pedir a sua mão… porque você se importa.

Mary afastou o pensamento, descartando-o.

— Não me deve uma explicação, Vossa Graça. Não estamos noivos.

O músculo na mandíbula dele se contraiu quando ele deu um passo na direção dela.

— Preciso explicar. Você precisa entender.

— O quê? — ela perguntou, cruzando o olhar com o dele. — O que preciso entender?

Ele se aproximou ainda mais, o corpo quente e musculoso dele aquecendo o sangue dela.

— Precisa entender que a única mulher que quero na minha cama é você.

Mary engoliu em seco, apertando o livro contra o peito como se fosse algum dispositivo salva-vidas.

Sua Graça falou o que entendi?

Ele olhou para o tomo que ela segurava.

— Para onde você estava indo de verdade? Ficaria surpreso se seus desejos de leitura tivessem, de repente, se voltado para

jardinagem em climas do norte.

Ela mordeu o lábio, uma necessidade de fugir, de salvar-se, formigava seus pés e, ainda assim, ela não conseguia se afastar.

— Considero a jardinagem muito interessante e envolvente. — Que raios ela estava dizendo!

— Mentirosa. — ele sussurrou, inclinando-se e apertando-a nas bochechas.

Mary assentiu.

— Sim. Isso também.

Ele pegou os lábios dela em um beijo avassalador, levantando-a depressa para colocá-la na prateleira de estante atrás dela.

— Tem assombrado meus sonhos e momentos de vigília, Mary. Só *você.*

As palavras foram ditas com um quê de frustração que a fez acreditar nele, e algo impróprio nela apareceu. A altura dele o colocou bem à frente de seu núcleo, e ela se derreteu em seus braços. Todos os pensamentos em torno de Lady Hectorville fugiram, do comportamento libertino na cidade, tudo. No segundo em que ele a tocou, ela soube ser o certo. O que ela queria.

A mão dele deslizou para a bainha da camisola dela, o ar frio da noite beijando suas pernas quando ele empurrou o tecido para a cintura dela. E desta vez, ela conseguiria o que queria. Ele.



DALE TENTOU CONTROLAR a necessidade esmagadora que sentia pela mulher em seus braços, mas não conseguiu. E se ele fosse honesto consigo, a menos que pedisse para parar, ele faria tudo e qualquer coisa que ela quisesse.

— Diga de novo. — ela murmurou, um sorriso sensual, cheio de segredos.

Ele se esfregou em seu núcleo, a memória daqueles doces lábios dela deixando-o duro como pedra.

— Quero você e mais ninguém.

Os dedos dela cravaram pelos cabelos dele, puxando-o para perto.

— Sim. — a palavra sussurrada partiu o fio fino que o segurava, o fio que deveria impedir todos os cavalheiros de despojar mulheres virginais de maridos.

Mary poderia não estar interessada em arrumar um marido neste exato momento, mas a família decerto estava e, isto em si, deveria bastar para o fazer parar.

Mas não o fez.

A casa estava em um silêncio sepulcral, a neve caindo mascarava qualquer som exterior, e tudo o que ele conseguia ouvir era eles. Uma melodia que o levou a separar as pernas dela, a provocar a carne dela com os dedos, antes de mexer desajeitado com a frente de suas calças.

Os movimentos de ambos eram desesperados, rápidos e cheios de desejo. Os dedos dela o arranharam os ombros, o corpo dela estava liso e quente, pronto e disposto para o que estava por vir. Dale beijou-a com um fervor que o deixou sem fôlego, ele nunca se sentiu tão desesperado para estar dentro de uma mulher, para se perder no momento e se esquecer de tudo que impactasse sua vida.

Eram apenas Mary e ele. Ninguém mais e foi o suficiente.

Ela implorou, o tom áspero e sedutor sussurrando contra os lábios dele, e ele beijou-a, profundo e seguro quando ele se empurrou nela. Ela ficou rígida nos braços dele, e ele manteve-se

imóvel por um instante, esperando que ela se ajustasse ao seu tamanho.

— Perdoe-me. — ele disse, beijando-a no rosto, queixo e pescoço, estendendo a mão para o peito dela e deslizando o mamilo enrugado entre o polegar e o dedo indicador.

Ela relaxou nos braços dele, as mãos puxando-o em silêncio desejoso e, aos poucos, ele deslizou para fora, antes de se impulsionar para dentro outra vez.

Ela gemeu o nome dele, um elixir que acendeu um fogo dentro dele. Ele a tomou, reivindicou o corpo dela, o tapa de pele contra pele era o único som no ambiente. Mary não se esquivou da maneira feroz como se uniram. Sendo virgem, eles deveriam estar na maciez dos lençóis e demais roupas de cama, aproveitando todo o tempo do mundo para ensiná-la a amar, a se mover e obter prazer. Não dessa forma, com rapidez contra uma estante de madeira, esgueirando-se no silêncio da noite. Parte dele registrou a vergonha de tomá-la assim, e ele se encolheu.

— Dale. — ela arfou, as pernas altas em torno dos quadris dele.

Ela o observou bombear, incansável, em seu núcleo quente até que enfim ela deitou a cabeça contra a estante e se deixou levar.

Ele sufocou o grito de libertação dela com um beijo, o núcleo apertado ordenhando-o, fazendo-o chegar ao próprio prazer. Dale se deixou cair contra ela, a respiração de ambos em farrapos, e a habilidade dele de se mover, de sair dela e fazer o correto fugiu dele em um instante.

As pernas dela ficaram moles, e ele se afastou, ajudando-a a descer da estante e ficar em pé. Ajeitou a camisola dela e as próprias calças que, para sua vergonha, ele nem sequer removeu, apenas as abriu. Ele a puxou para um beijo, precisando segurá-la nos braços, provar a doçura de seus lábios.

A porta se abriu, e eles se separaram como se tivessem sido queimados. Dale enrijeceu no lugar quanto um Peter furioso e Lorde Lancaster o encaravam, assassinato decerto passava em suas mentes.

Dale olhou para além de Sua Senhoria, para as escadas que levavam ao primeiro andar e não perdeu Lady Hectorville voltando-se para os quartos, um sorriso de satisfação no rosto.

— É melhor ter uma boa explicação para o porquê de ambos estarem na biblioteca, no meio da noite e sozinhos, e para eu o ter encontrado beijando minha filha, Carlton.

Mary pegou um livro na prateleira próxima, segurando-o contra o peito como se pudesse protegê-la de algum jeito. Nenhuma armadura os protegeria do que estava prestes a acontecer.

— Eu queria ler, então vim à biblioteca buscar um livro. Vossa Graça estava me ajudando a decidir.

Dale limpou a garganta, enquanto Peter e Lorde Lancaster lançavam olhares descrentes para Mary.

A necessidade de protegê-la rugiu nele, e ele se viu dizendo:

— Na verdade, pedi à Mary para ser minha esposa, e ela concordou.

Mary soltou um pequeno grito, mas ele não se virou para ela. Sua Senhoria escancarou a boca, e o olhar de Peter o fulminou.

— O que fez com minha irmã, Carlton?

Ele nunca ouviu o amigo falar com ele com tal ira mortal, e fechou a boca, a mandíbula rígida. Ele não era tolo e, com certeza, não contaria ter transado com Mary como se suas vidas estivessem no fim, e que apreciou bastante cada segundo do ato. A ideia de se casar com ela deve enchê-lo de lamento, de medo, mas não o fez. Ela poderia testá-lo às vezes, questionar as decisões dele, mas decerto, ela saberia como se conformar com o papel que seria

exigido dela como esposa dele. Que ele era um duque e que ela precisaria ser uma verdadeira e elegante duquesa. Cumprir seus deveres e não causar problemas.

— Nada, Peter. — Mary disse. Ela virou-se para ele, apertando-o pelo braço. — Vossa Graça, não precisa propor casamento apenas porque fomos pegos na biblioteca juntos. Um beijo não é uma ofensa tão grande que seja o único resultado.

Ele pegou a mão dela, embrulhando-a na dele, apertando-a um pouco quando notou que a dela estava tremendo.

— Nós nos casaremos em quatro semanas. Os proclamas podem ser publicados. A cerimônia será na sala de visitas daqui, com apenas familiares e amigos próximos. Está de acordo, Lorde Lancaster?

Mary o encarou, os olhos arregalados e cheio de choque.

— Diga que sim. — ele disse quando ela continuou a olhar para ele como se ele estivesse ostentando duas cabeças. — Sim, Mary. Diga sim. — ele urgiu.

CAPÍTULO 12



MARY VIROU-SE PARA O PAI.

— Posso ter um momento com sua graça, por favor, papai? Preciso falar com ele dessa proposta.

— Claro que não! — o irmão exclamou, cortando um dedo no ar. — Creio que já ficaram sozinhos o bastante por esta noite.

O pai dela apertou os lábios, pensando no pedido.

— Pode falar com o duque, mas estaremos presentes. Nós lhe daremos um pouco de privacidade indo ficar diante do fogo.

Mary esperou que pai e irmão se movessem, antes de se voltar para Dale, não tendo certeza de como ele conseguia parecer tão calmo e controlado. Ela estava mais que confusa e o coração parecia estar batendo mais alto do que um tambor em seus ouvidos.

— Por que eu, Vossa graça?

— Como assim, por que você? — ele a olhava em clara confusão. — Após o que acabou de acontecer, pensei que ficaria um pouco aliviada ao invés de questionar minha declaração.

Mary franziu a testa, não queria que ninguém se casasse com ela por obrigação.

— Sabe que eu queria me casar com alguém que, se possível, eu amasse. Um homem que me permitiria continuar vivendo como vivo agora. Continuar no campo em vez de na cidade. Você, Vossa graça, não pode ser esse homem.

Ele limpou a garganta, e endireitou a coluna, como um soldado prestes a entrar em batalha.

— Gosto de você, creio que nos daremos bem o suficiente juntos. Quanto à maneira que você vive, deve entender que haverá

limitações, é claro. Sou um duque, quando se casar comigo, você será uma duquesa. Seu lugar será ao meu lado. — ele disse, e quando ela arfou, ele continuou: — Isso não significa que sempre estaremos na cidade. Voltaremos a Carlton Hall com frequência, e decerto o suficiente para saciar seus anseios pelo ar livre.

Mary o observou por um instante, sem palavras. Uma semana na cidade seria demais. Londres sempre a fez sentir-se fora do lugar. Apenas não era natural para ela. Se ele a obrigasse, o casamento deles não seria feliz.

— Mas não é o que eu quero. Não quero ficar em Londres a maior parte do tempo. Quero me casar com um homem que combine comigo e minha personalidade, meus gostos e desgostos. Você não combina.

— Nós combinamos. Combinamos muito bem na última uma hora e meia. — ele sussurrou.

Ante o lembrete escandaloso, calor subiu em sua pele.

— Silêncio, meu pai vai ouvir. E sabe que não é isso que quero dizer. Se eu tiver que me casar, quero me casar com um homem que prefere o interior à cidade. Você não prefere, e sua posição na *Sociedade* significaria que eu teria que estar ao seu lado o tempo todo. Sem mencionar que você não quer uma esposa. Não acredito que, de repente, você teve uma epifania e agora quer uma esposa.

— Eu não tive uma epifania, estou apenas fazendo o que é certo, e você se casará comigo, Lady Mary. Não há escolha. Creio que entende tão bem quanto qualquer um, as possíveis repercussões de nosso encontro mais cedo esta noite.

Ah, sim, ela entendia muito bem todas as repercussões do que acontecera entre eles. De ser forçada a um casamento que nenhum deles queria, e a possibilidade de engravidar.

— Sou muito opinativa para você. Se nos casássemos, logo se cansaria de eu não querer ir com você até Londres. Não quero brigar.

Ele empalideceu ante tal menção, e correu uma das mãos pelos cabelos, deixando-a ali.

— Não brigaremos se você se comportar como uma duquesa, como a jovem bem-educada que é, vamos nos dar bem o suficiente.

Ela levantou as sobrancelhas.

— Não sou de acatar ordens às cegas, Vossa Graça. — ela deu um passo de distância, cruzando os braços. — Não me casarei com você.

— Você não tem escolha.

Mary engoliu a bile que subia pela garganta. A ideia de ser uma matriarca da sociedade, de fazer o papel de anfitriã e dar bailes e *soirées* a deixou tonta de pavor. Ela não poderia fazê-lo.

— Todos têm uma escolha.

Dale voltou-se para Sua Senhoria e Peter.

— Estamos de acordo. Um mês, meu senhor, e Lady Mary será a nova Duquesa de Carlton.

O pai explodiu em um sorriso, batendo palmas. O irmão, no entanto, olhou para o duque com ira mortal.

— Parabéns, Vossa Graça. Mary querida. — o pai dela apertou a mão de Dale e puxou Mary em um abraço.

— Quero falar com o duque. — Peter disse, sem usar o nome de batismo do duque.

Uma estranheza, pois Mary só se lembrava do irmão chamando o duque pelo nome nas últimas semanas.

O pai dela concordou de pronto.

— É claro. Sem dúvidas, desejam fazer um brinde celebrando o casal recém-noivo.— ele puxou Mary em direção ao salão. —

Venha, Mary. Fale-me de seus desejos para o dia do seu casamento. — Mary olhou por cima do ombro, encontrando o olhar de Dale ao sair, havia tanto ainda não dito entre eles. Ele acreditou que ela não se casaria com ele, ou ele os considerava noivos de verdade?

Seu pai a levou lá para o andar de cima, falando como a notícia faria a mãe dela feliz, e Mary sentiu a garganta se apertar de pânico. Esta era exatamente a situação em que ela não queria encontrar-se, e por toda a honra do duque, não era necessário estarem aqui. Ainda não, pelo menos.

O pai dela parou na porta do quarto dela.

— Contaremos a sua mãe juntos amanhã. Agora — ele disse, abrindo a porta dela e levando-a para dentro. —, direto para a cama, querida. As próximas semanas serão bem atribuladas, você precisa descansar.

Mary encarou a porta ao se fechar. Todos perderam a cabeça? E o que ela queria, o que o duque queria, o que ele queria de verdade. Não era ela, ela estava certa disso.

Se ela precisasse nomear uma coisa que não gostava, era de ser controlada, e ela estava sendo controlada até o último fio de cabelo esta noite. Ela bateu o pé, e rosnou para a porta. Não suportaria, e não se casaria com ninguém a menos que a pessoa a amasse o suficiente para permitir que ela fosse quem era. *Sempre*. E não escapou dela que se ele tivesse oferecido uma palavra de amor… algum gesto, ela teria dito sim. A dor em seu coração floresceu para tomar todo o corpo. Como ela poderia ser sincera e consentir em se casar com um homem que ela temia ter se apaixonado tanto… mas ele só *gostava* dela?



DALE SE VOLTOU PARA PETER, após Mary e o pai saírem de vista. Ela ficou chocada, não havia dúvida, e talvez se sentisse um pouco controlada por ele também. Com o tempo, ele esperava que ela se desvencilhasse dessa ideia. Ele não era o tipo de homem que mandaria alguém deixar de ser quem eram, e ele não iria começar agora, com a esposa. Ele só esperava que ela cumprisse as regras sociais quando em *Sociedade.*

Ela precisaria estar ao lado dele quando ele fosse para Londres, seja para a Temporada ou quando o Parlamento retomasse as atividades, mas quando não fossem obrigados a estar na cidade, a ideia de ser despreocupado, ter um lar em sua propriedade com Mary, o deixou ansioso pela primeira vez, desde que ele poderia se lembrar, em ir para casa.

Ele caminhou até o decantador de uísque e serviu um copo para ele e outro para Peter. Ele estendeu-o para o amigo, e colocou-o no aparador quando ele não se aventurou a tomá-lo.

— Diga. — ele disse a Peter quando ele apenas parou diante dele, olhando.

— Como pôde? — Peter disse, apontando um dedo na direção dele, atingindo-o como se desejasse fazê-lo com uma lâmina. — Você a arruinou? Você não poderia, por respeito à nossa amizade, deixar minha irmã em paz? Não há mulheres suficientes para aquecer sua cama, que precisou tomar uma inocente, irmã de seu melhor amigo?

Dale levantou o queixo, odiando que as palavras de Peter fossem verdadeiras. Todas. Ele era um idiota. Conhecido em Londres por suas muitas amantes, suas noites rebeldes na cidade. No entanto, Dale também poderia admitir que seu estilo de vida não o satisfaz mais. Ele estava cansado dessa vida, cansado de manter

uma aparência quando, na verdade, seus desejos haviam se modificado.

Ter Mary esta noite foi o instante em que ele percebeu que ela o fazia sentir completo. Satisfeito além da medida. Uma faísca disso aconteceu quando estavam no armário de lençóis, mas estar com ela esta noite, de corpo inteiro, provou o ponto. Por mais que ele tivesse falado tanto contra casamento, ele apenas protestou contra a instituição porque não havia encontrado a mulher certa.

O casamento dos pais dele foi um desastre porque não havia sentimentos entre eles, além de aborrecimento e arrependimento. Ele gostava de Mary, pelo menos, e ela era filha de um conde, não era de todo selvagem. Ele a arruinar era parte importante sim. Ela poderia estar carregando um filho dele, e só isso o faria sentir-se forçado a propor casamento.

— Serei fiel à Mary. Tem minha palavra quanto a isso. Gosto muito da sua irmã e da exuberância dela. Ela me manterá nos eixos.

E não seria difícil ter a pequena travessa na cama à noite.

Peter lançou um olhar descrente.

— Acho difícil de acreditar. Você pode ter sido um dos meus melhores amigos, mas se machucar minha irmã de alguma forma, eu o farei pagar.

— Não vou machucá-la. Pelo contrário, tentarei fazê-la feliz. — tentaria garantir que a vida doméstica deles fosse feliz. Um lugar calmo e pacífico onde nunca brigariam.

— Você não gosta de confronto, e Mary é a personificação de tudo isso. Ela não é uma mulher que se deixa ser controlada, e se tentar forçá-la, se encontrará em um casamento de arrependimentos.

A boca do estômago se fechou ante a ideia de ter um casamento infeliz. Mary era independente e opinativa. Uma fenda de dúvida se

instalou na mente dele, de que havia se precipitado em agir como cavalheiro. Contudo, ser pego beijando-a, após transarem, forçou-o a agir, em todo o caso.

— Eu o conheço, Carlton, e sei como sofreu na casa de seus pais. Não quero descobrir que minha irmã entrou em um destino semelhante ao de sua mãe.

Dale cerrou a mandíbula. A insinuação do amigo machucava, e ele levou alguns segundos para se acalmar.

— Eu nunca abusaria de Mary ou de nenhuma mulher. Como pode pensar que sim?

— Eu não acredito que o faria, mas ela é minha irmã. Minha preocupação tende para ela.

Dale olhou para Peter quando saiu dali. Maldição, ele não queria que se afastassem por isso. Ele violou a confiança de Peter, com toda a certeza, mas ele faria tudo o que pudesse para fazer Mary feliz. Talvez não a amasse, mas muitos casamentos começaram em bases menos sólidas e sobreviveram.

Ele bebeu o uísque e não querendo desperdiçar o segundo copo, intocado no aparador, ele o bebeu também. Tudo ficaria bem, ele tinha certeza. Com o tempo; ele provaria a Mary, Peter, e todos que as dúvidas acerca dessa união eram infundadas.

CAPÍTULO 13



Um mês depois

MARY SE OLHAVA NO ESPELHO do próprio quarto, uma noiva a olhava de volta. Ela analisou as madeixas escuras puxadas e colocadas no lugar por muitos grampos e um véu bonito que cobria o topo de seus cachos, deitado suavemente sobre o vestido de seda azul-claro bordado

Após o casamento hoje, ela seria a Duquesa de Carlton. Ela se encarou, os olhos muito grandes, um toque de assustado na aparência.

Seu estômago parecia embrulhado ante a ideia de se casar com o duque. Não o viu nas últimas quatro semanas. Ele partiu no dia de Natal, após o anúncio do noivado, afirmando precisar voltar para Londres para se preparar para o casamento, e notificar as muitas propriedades dele de que as visitariam, uma a uma, durante a lua de mel.

Ela apertou as mãos, tentando ignorar a conversa animada entre a mãe e Louise que estavam no quarto com ela.

— Mãe, preciso ver o duque. Ao menos uma vez. — ela disse, a voz como um sussurro.

— O que foi, minha querida? — a mãe veio até ela, a testa franzida de preocupação.

— Preciso falar com Dale. Antes de nos casarmos. Preciso falar com ele a sós. Não vou descer até que o faça.

Louise e a mãe se olharam, uma pergunta em ambos os olhares. Mary tomou um fôlego calmante, sabendo que não pareceria bem

pedir uma coisa dessas, mas ela precisava falar com Dale. Precisava saber, antes de pronunciar os votos, que ele não esperava que ela fosse a duquesa perfeita que ela nunca poderia ser.

— Vou buscá-lo. — a mãe disse. Louise veio para o lado dela e pegou sua mão, apertando-a um pouco também, antes de a deixar sozinha.

Mary foi e sentou-se na cama, esperando por Dale. As pisadas pesadas e determinadas soaram no corredor do lado de fora da porta, e ela se sentiu tremer por dentro, por saber que o veria outra vez.

A porta se abriu e então ele estava lá. O perfeito e magnífico Duque de Carlton que fez a cabeça das mulheres virar em todos os eventos. Se ela viesse a se casar, ela nunca poderia compartilhá-lo, e pensar que o casamento deles poderia acabar como tantos casamentos da Sociedade, com casais desiludidos que apenas toleravam uns aos outros, mas pouco mais não seria o bastante.

Ela nunca quis se casar, mas se casar sem algum tipo de afeto, sem algum tipo de promessa de que ele não iria forçá-la a ter a personalidade de uma esposa adequada: respeitável, obediente, que nem de longe era natural dela. Ela preferia ser arruinada a sofrer tal destino.



DALE SE LEMBROU DE RESPIRAR ao olhar para Mary, alguém de quem ele, e por mais estranho que fosse, sentira saudades durante este último mês, enquanto estava na cidade. Ela era tão bonita, tão diferente da solteirona se afogando em fitas e rendas que ele conheceu antes do Natal.

A mulher que se sentava diante dele era equilibrada, elegante, uma verdadeira duquesa, mas o brilho da independência, ou rebelião, cintilando naqueles olhos verdes o fez retesar.

— Você está linda, Mary. — ele disse, indo até ela. Ela se levantou, encontrando o olhar dele com a força inflexível que ele admirava. — Você queria me ver?

Ela apertou as mãos diante de si, mordendo o lábio, e o corpo dele ficou rígido ante essa visão. Ele sentiu falta dela, não apenas das conversas animadas e contundentes, ao ponto de serem opiniões, mas sentiu falta de estar com ela também. Sozinhos.

— Queria falar com você sobre nós. Sobre o que espera de mim como sua esposa.

Dale sentou-se na cama, puxando-a para fazer o mesmo. Ele pegou a mão dela, incapaz de se impedir de fazer carinho com o polegar no interior do pulso dela. Os movimentos trouxeram um calor delicioso para as bochechas dela, e tudo o que ele queria fazer era beijá-la. Tomá-la nos braços e provar, que quaisquer preocupações que pudesse ter quanto a eles, não eram justificados.

No último mês, ele refletiu muito acerca da própria vida, o casamento de seus pais. Algo era mais claro acima de tudo. Ele não era seu pai, e Mary não era sua mãe. Eles começaram o casamento sem afeto e, com o passar dos anos, o descontentamento, a antipatia um pelo outro tornaram-se tóxicos.

Ele não era esse tipo de homem. Nunca seria uma pessoa fraca, que descontava as frustrações e a raiva nos outros.

— Continue. Defina seus termos. — ele controlou o semblante, disposto a dar qualquer coisa que ela desejasse, desde que ela fosse dele até o final do dia.

Ela olhou para as mãos entrelaçadas, a testa franzida.

— Sabe como sou. Sabe que sou independente e opinativa, e um pouco intelectual também. Após sermos pegos em uma situação comprometedora, e ver que não havia outra opção sem ser nos casarmos, creio que nos sairemos bem o bastante, como qualquer outro casal partindo nesta jornada de casamento, mas… — ela disse, parando.

Ele levantou o queixo dela, precisando olhar naqueles olhos.

— Mas o quê, Mary? — ele perguntou.

A língua dela disparou para fora, e ela lambeu os lábios. Dale lutou para se concentrar na conversa em curso, estava de todo encantado por uma mulher que, na verdade, ele mal conhecia. Ele se perguntou o que todas essas emoções dele, rugindo descontroladas, significavam, antes de afastá-las para ouvir com atenção o que ela estava para dizer.

— Mas não mudarei quem sou para me adequar aos seus amigos, ao seu título ou às suas expectativas de como uma duquesa deve ser. Se eu vir, ou ouvir, algo que eu considere cruel ou falso, buscarei reparação para o erro. Eu não paparicarei as pessoas para solidificar ainda mais a sua posição da Sociedade, e eu não vou parar com meus passatempos. Nenhum deles, até mesmo escalar afloramentos rochosos como faço na maioria dos verões.

Ele mordeu um sorriso mal-humorado. Ela era perfeita.

— Algo mais? — ele perguntou em um tom severo.

Os olhos dela queimaram, mas em vez de desmoronar sob a suposta ira, ela levantou o queixo, a determinação em obter o que queria sobrepondo-se ao medo da opinião dele.

— Não vou compartilhar você, Vossa Graça. Com ninguém. Nunca. Se eu souber que foi infiel a mim, nosso casamento terminará. Posso não conseguir me divorciar de você, mas é

exatamente o que vai acontecer, sem todas as legalidades envolvidas. Se eu for sua esposa, é minha cama e só minha cama que você vai visitar. Se for incapaz de me prometer tais coisas, não me casarei com você hoje.



O DUQUE A OLHAVA, o rosto dele denunciando muito pouco do que ele estava pensando. A mão ainda segurava a dela, o polegar fazendo-a tremer com a lembrança deles juntos e sozinhos. Como as mãos dele eram hábeis quando estavam tocando sua pessoa.

Ela respirou para se acalmar, esperando que ele falasse. Como todas as esperanças dela acabaram sendo ligadas a um homem que ela conhecia há pouco mais de um mês?

— São muitas estipulações. — ele se levantou, andando poucos passos para longe dela.

As costas dele estavam rígidas, orgulhosas, e Mary sabia pedir muito. Talvez demais para um homem, do status e poder dele, permitir. Contudo, ela não poderia entregar-se a ninguém, a menos que permitissem que ela fosse quem era. Uma garota atrapalhada e livre de Derbyshire que não jogava pelas regras, e nunca quis jogar.

— No entanto, eu me vejo em liberdade de concordar com seus termos. Eu não deveria esperar nada menos da minha duquesa. — ele disse, voltando-se para ela, um sorriso perverso.

Mary soltou um suspiro aliviado, colocando-se de pé e jogando-se nos braços dele. Os braços dele a envolveram, fortes e ferozes e, em instantes, ela se viu beijando-o. Os lábios entrelaçados, as mãos dele nas costas dela, no bumbum e, em seguida, ele ergueu uma coxa dela para envolver o calor dele.

Ela gemeu, beijando-o com uma ferocidade que a deixou sem fôlego, muito ansiosa para a noite, quando ficariam sozinhos. A ideia a assustava e a exultava ao mesmo tempo. O que quer que o duque evocasse nela era novo e mais que maravilhoso.

— Fala sério mesmo? — ela perguntou, puxando-se para trás, envolvendo os braços no pescoço dele.

Ele assentiu, os olhos escuros de desejo insatisfeito.

— Ah, sim, estou falando sério. Não imaginei querer uma duquesa, muito menos uma que me provocaria e me puxaria em todas as direções, entretanto, assim foi até eu a encontrar. Eu nunca vou magoá-la. Nunca vou desonrá-la. Tem minha palavra neste assunto.

Mary sorriu, os olhos espertando-se com lágrimas.

— Creio que devemos descer e nos casar, Vossa Graça.

Ele baixou-a, beijando-a de leve mais uma vez. Um beijo que parecia cheio de uma promessa de para sempre.

— Acredito que deveríamos.

Ele deu um passo para o lado, estendendo o braço.

— Vamos, Lady Mary? — ele perguntou, o cavalheiro adequado e duque mais uma vez.

Mary entrelaçou o braço no dele, um senso de certeza a dominando como um bálsamo.

— Devemos.

EPILOGUE



PRIMAVERA DE 1801 – A TEMPORADA

MARY ESTAVA AO LADO DO MARIDO, cuja mão tocava o arco das costas dela, de leve. O polegar dele pincelava devagar, para frente e para trás, e ela sorriu, sabendo que ele a provocava de propósito.

— Comporte-se. — ela disse, sorrindo para ele.

Ele sorriu de volta.

— Não sei do que está falando.

Ela balançou a cabeça, observando a amiga Louise participar de uma quadrilha, a primeira de muitas agora que estavam de volta à cidade. Era agridoce para Mary, pois Louise logo estaria de saída para York, não seria mais sua dama de companhia. Ela sentiria muita falta da amiga.

Mary assistia com crescente preocupação como Louise parecia menos do que satisfeita por estar nos braços de Lorde Lindhurst.

— Ela não está se divertindo. Parece, com toda a certeza, entediada.

O duque lançou um olhar curioso na direção de Louise, os lábios afinando de acordo.

— É o que parece. — ele fez uma pausa, voltando-se para Mary. — Tem certeza de que ela quer ir para York, enfatizou que ela é mais do que bem-vinda a ficar conosco, não é?

Mary franziu a testa, sabendo ser o que Louise queria.

— Falarei com ela quando voltarmos para casa. Talvez eu possa convencê-la a ficar.

O duque assentiu, puxando-a para mais perto, o braço escorregando pela cintura para ficar sobre o pequeno feixe de vida que crescia na barriga dela. Uma criança deles. Só de pensar em ter

um filho ou filha a deixava muito feliz, e agora que estava casada com Dale, grávida e totalmente feliz, ela não podia imaginar a vida de outra maneira.

Dale vinha sendo fiel à sua palavra. Ele a levou para todas as propriedades dele durante a viagem de núpcias, e ela explorou as terras, pescou no gelo quando o tempo permitiu, e qualquer outra atividade que a agradasse. Não tentou cortar as asas dela, nem uma única vez, e agora uma nova aventura crescia dentro dela, uma vida de surpresas e momentos felizes por vir.

Ela mal podia esperar.

— No que está pensando? — ele perguntou, os olhares dos dois se cruzando. — Está com um olhar estranho.

Mary cobriu a mão dele na cintura dela.

— Só estou pensando em como estou feliz. Como me faz feliz. É terrível da minha parte, mas estou feliz por termos sido pegos na biblioteca naquela noite. Pensei que antes eu tinha tudo o que poderia querer, mas não era verdade. Eu estava me iludindo.

Ele a beijou na testa, ignorando os olhares assustados lançados na direção deles ante tal demonstração pública de afeto.

— Já falei que também me sinto feliz por aquela noite? Não só por ter sido muito prazerosa — ele sussurrou no ouvido dela, fazendo-a rir. —, mas porque significou que ganhei você. Eu a adoro. — disse ele, erguendo o queixo dela, para olhar para ele.

Mary o encarou por um instante, nunca havia ouvido algo tão sentimental da parte dele.

— Adora?

Ele assentiu, os olhos escurecendo de desejo.

— Creio que tem sido óbvio há alguns meses, e tenho certeza de que *a Sociedade* também sabe que o Duque de Carlton caiu de amores por sua noiva inesperada.

Mary mordeu o lábio, os olhos embaçados com as lágrimas não derramadas.

— Você me ama?

Ouvi-lo dizer tais coisas fizeram o coração dela querer estourar no peito. Alívio a dominou, sentia-se grata por não ser apenas ela a trilhar tal destino.

— Amo. Creio que me apaixonei por você assim que a vi pela primeira vez, naquele vestido ridículo dominado por aquelas fitas e laços. Você era o ser mais adorável e infeliz, como um homem não se apaixonaria por tal mulher?

Ela bateu na mão dele, brincando, antes de apertar.

— Suponho que se estamos sendo honestos um com o outro, eu devo contar também, que eu me encontro plena de emoções semelhantes às suas, Vossa Graça?

Ele a olhou com ceticismo.

— Decerto pode fazer melhor, duquesa.

Ela se virou nos braços dele, envolvendo o pescoço dele com os braços. O duque a manteve perto, sem medo de escandalizar *a Sociedade* porque o Duque e a Duquesa de Carlton estavam sendo muito afoitos em público. Mary brincou com os cabelos da nuca dele, observando-o enquanto esperava.

— Eu também te amo. — ela disse, inclinando-se ainda mais e beijando-o. — Creio que me apaixonei no instante em que senti seu abdômen duro e delicioso debaixo das minhas mãos no conservatório. Como uma mulher poderia ser imune a tal ser?

— Você é muito ousada mesmo, duquesa, mas nunca mude. Prometa que nunca deixará de ser você.

Mary inclinou-se mais uma vez.

— Posso prometer isso. — ela disse, beijando-o de novo, desta vez não parando mesmo quando os suspiros e alguns assovios da

multidão a alertaram que deveriam parar.

Mary nunca foi de acatar as regras da Sociedade, e ela não começaria agora.

QUERIDO(A) LEITOR(A)

Obrigada por ter tempo de ler *Um Beijo Sob o Visco*! Espero que tenham gostado do segundo livro da minha série Beijos Inesperados. Mary e Dale foram um par divertido de se escrever, e quem não ama uma festa de Natal onde escândalos e beijos secretos acontecem?

Sou eternamente grata aos meus leitores, então se puder, eu apreciaria uma crítica honesta de *Um Beijo sob o Visco*. Como dizem, alimente um autor, deixe uma resenha! Você pode entrar em contato comigo em tamaragillauthor@gmail.com ou inscrever-se no meu boletim informativo, para acompanhar as notícias sobre meus trabalhos.

TAMBÉM POR TAMARA GILL

Traduções portuguesas

Liga dos Cavalheiros Incasáveis

Tente-me, Sua Graça

Travessa de Coração

Ouse Ser Escandalosa

Pecaminosa com você

Beije-Me, Duque

O Marquês é Meu

Para se casar com um patife

Só se for um conde

Só se for um duque

Só se for um visconde

Só se for um Marquês

Só se for uma Lady

Beijos Inesperados

Um Beijo de Verão

Um Beijo Sob o Visco

Lordes de Londres

Como Atormentar um Duque

Como Enlouquecer um Marquês

Como Tentar Um Conde

Como Confundir um Visconde

Como Desafiar uma Duquesa

Como se Casar Com uma Marquesa

Viagem no tempo

Uma Temporada Roubada

SOBRE A AUTORA

Tamara é uma autora australiana que cresceu em uma antiga cidade mineira no sul da Austrália, onde seu amor pela história surgiu. Tanto que ela fez seu querido marido viajar para o Reino Unido em sua lua de mel, e o arrastou por diversos monumentos históricos castelos.

Seus três filhos, dois cavalheiros em formação e uma futura lady (ela espera), e um emprego de meio período a mantêm ocupada no mundo real, mas sempre que consegue um momento de paz ela adora escrever romances em uma gama de gêneros, incluindo o período regencial, medieval e livros do gênero paranormal.

Tamara adora saber de seus leitores e outros escritores. Você pode contatá-la através de seu site, e se inscrever para receber o feed de seu blog ou newsletter.

www.tamaragill.com
tamaragillauthor@gmail.com

